

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E
MATEMÁTICAS

ÉRICK ANDRÉ LIMA MACHADO

MATEMAZÔNIA
TEXTOS ESTRANHOS QUE SE ENTRETCEM

BELEM, PA
2024

ÉRICK ANDRÉ LIMA MACHADO

MATEMAZÔNIA
TEXTOS ESTRANHOS QUE SE ENTRETECEM

Que as narrativas de equações matemazônicas possam ser mais do que uma “Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas”. Que elas vivam e transpassem os encastelamentos da Academia e das Ciências dominantes.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Rodrigues de Lucena

BELÉM, PA
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

M149m Machado, Érick André Lima.
Matemazônia : textos estranhos que se entretecem / Érick
André Lima Machado. — 2024.
122 f. : il.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Isabel Cristina Rodrigues de Lucena
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Educação Matemática e Científica, Programa de Pós-
Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Belém, 2024.

1. Educação Matemática. 2. Etnomatemática. 3.
Inteligências Múltiplas. 4. Matemazônia. 5. Pensamento
Complexo. I. Título.

CDD 370

ÉRICK ANDRÉ LIMA MACHADO

MATEMAZÔNIA
TEXTOS ESTRANHOS QUE SE ENTRETECEM

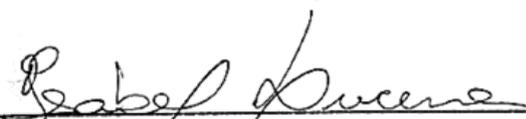
Que as narrativas de equações matemazônicas possam ser mais do que uma "Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas". Que elas vivam e transpassem os encastelamentos da Academia e das Ciências dominantes.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Rodrigues de Lucena

Data da defesa: 07 de março de 2024

Situação: Aprovado

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. ISABEL CRISTINA RODRIGUES DE LUCENA
(Presidente - IEMCI/UFPa)



Prof. Dr. CARLOS ALDEIR FARIAS DA SILVA
(Membro Interno - IEMCI/UFPa)

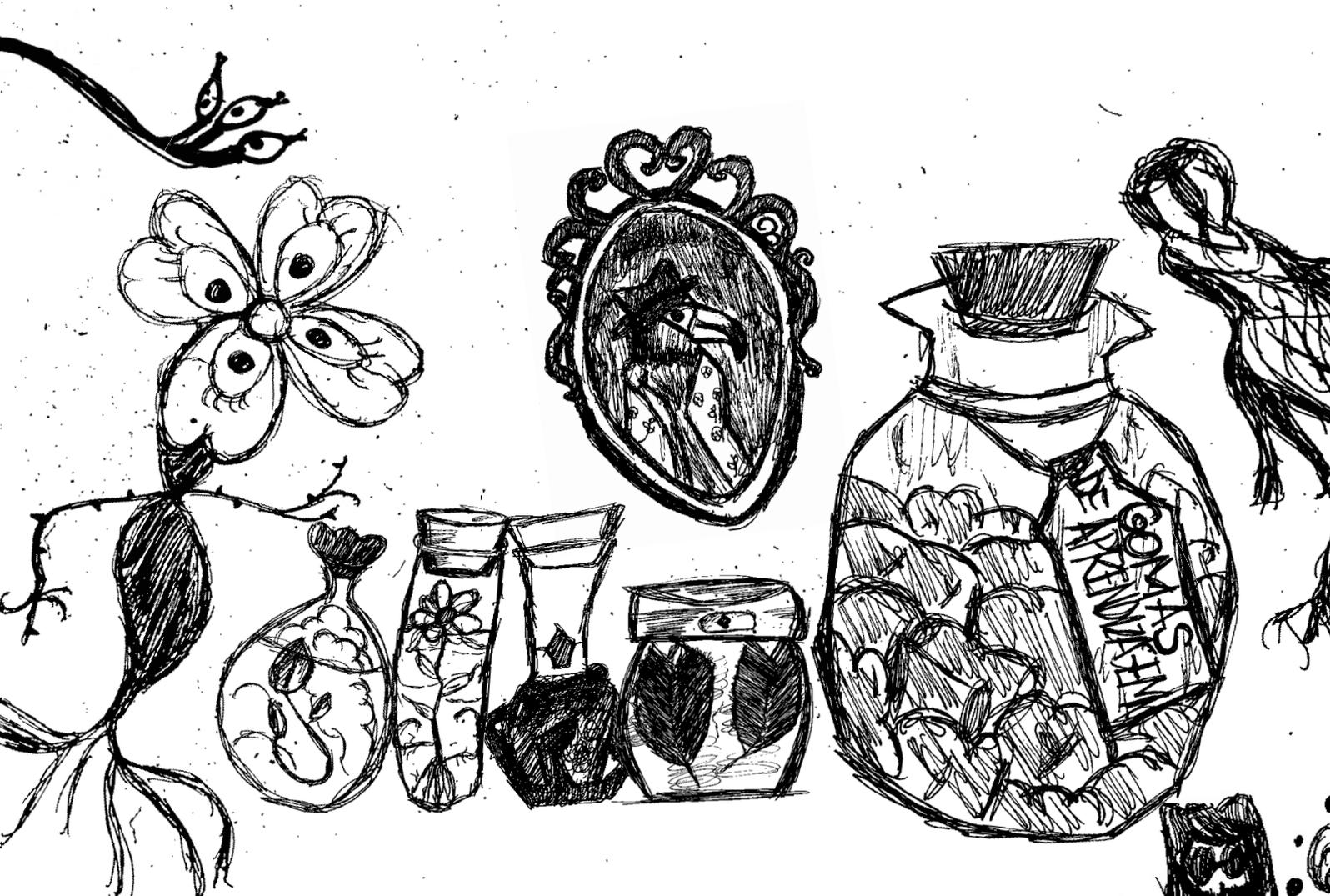
Documento assinado digitalmente



CARLOS EDUARDO MATHIAS MOTTA
Data: 07/03/2024 20:28:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. CARLOS EDUARDO MATHIAS MOTTA
(Membro Externo - GMA/UFF)

BELEM, PA
2024



MATEMAZÔNIA

TEXTOS ESTRANHOS QUE SE ENTRETECEM

dissertação de *éric machado*

orientação da prof. dra. *isabel lucena*



*às minhas mães,
que sempre acolheram as minhas estranhezas*

ESTRANHO

aquilo que produz e é produzido
pelo incômodo, pela disrupção.

Agradecimentos

Em toda a minha confusão, havia decidido, inicialmente, não escrever agradecimentos direcionados, pois toda a minha gratidão não caberia em palavras, tampouco caberiam nelas todos a quem gostaria de agradecer. Contudo, também acredito que não seria justo deixar de expressar publicamente minha gratidão àqueles que, às suas maneiras, estiveram comigo nesse processo. Assim, agradeço...

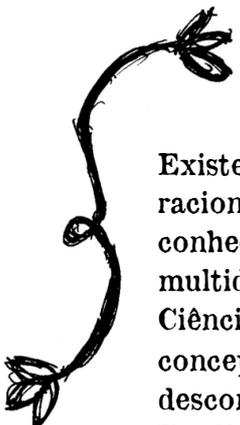
A Deus, ao universo, às energias superiores, pela fé, pela vida, pelos encontros, pelas pessoas que amo. Às minhas mães, *Alessandra Machado, Raimunda Duarte e Bagdala Cajueiro*, a minha interseção de humanidade, de amor, de respeito, empatia, de disciplina. À minha irmã *Evellyn Machado*, minha amiga, parceira e incentivadora de todas as horas. Ao meu namorado, *Lucas Cardoso*, a quem devo palavras de força e conforto, sorrisos e brilho nos olhos.

Aos amigos de longa data, *Karem Keyth, Izabel Reis, Kayla Franco, Gabriela Lúcia, Valdenei Júnior, Edson Wanzeler e Maria Sampaio*, por estarem comigo e acreditarem nos meus sonhos. Às amigas recentes e que também me fortaleceram nos últimos dois anos, *Miguel Correa, Emanuel Fontel, Terezinha de Jesus, Edson Marcos, Emanuele Rosa, Beatriz Chaves, Zuleide Wanzeler e Geovanne Cunha*.

Ao *Gemaç*, professores e parceiros deste grupo de pesquisa que, em muito, contribuíram com o meu amadurecimento enquanto pesquisador. Aos professores *Carlos Aldemir e Carlos Mathias* e suas contribuições para esta pesquisa. À *Isabel Lucena* que, mais do que orientadora, tem sido uma grande amiga, confiando em meu trabalho, encorajando as minhas estranhezas e acolhendo-me nos tantos momentos de fragilidade.

À *Universidade Federal do Pará, ao Instituto de Educação Matemática e Científica, ao Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, ao Programa de Pós-graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*, por todas as oportunidades e investimentos.

***Gratidão!* E expresso-a através deste singelo presente para a pesquisa nortista brasileira.**



RESUMO

Existe um lugar, nele há esforços para que suas fronteiras se borrem, onde a racionalidade abriu suas cancelas para novas formas de pensar e produzir conhecimentos, onde as palavras de uma hábil anciã tecem reflexões sobre multidimensionalidades, dentro de uma poética que entrelaça Matemática e Literatura, Ciência e Arte, poesia e prosa, onde uma vertente chamada *Magtética* expressa uma concepção epistemológica em que a vida e seus aspectos sensíveis não podem ser desconsiderados do tecido de nossa existência, esse lugar se chama Matemazônia. Perdida entre a imaginação e a realidade, Matemazônia tona-se solo deste estudo que, por meio do que foi chamado de “*textos estranhos que se entretecem*”, busca refletir questões relacionadas à Educação, com ênfase à Educação Matemática e suas articulações poéticas, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, à luz do pensamento complexo, utilizando a mitologia matemazônica como fundo narrativo. De caráter qualitativo e de interface literário-matemática, esta pesquisa se caracteriza como uma ressignificação à pesquisa bibliográfica, uma vez que são adotadas, em seu método, as características do uso bibliográfico, ao mesmo tempo em que há esforços para construir uma existência científica dentro deste lugar famigerado e imaginário, expressa por meio de exercícios narrativos. Alicerçada em justificativas que perpassam aspectos da formação do próprio pesquisador, esta investigação se apoia, sobretudo, no anseio de construir novos significados na pesquisa acadêmica, lançando mão da imaginação, da estética, da criatividade. Impulsionado por autores como Morin (1999, 2005, 2015, 2020), D’Ambrosio (1991, 2001, 2005, 2008, 2019), Skovsmose (2007, 2008), Gardner (1994, 1995), Montoito (2019, 2020, 2021) e Derrida (2001), os esforços para a existência desta produção acadêmica nos propõe, em sua derradeira, a importância de subverter as fronteiras de uma ciência e de uma matemática dominante e rígida, limitantes aos horizontes de um conhecimento atravessado pela transdisciplinaridade, de modo a tornar este estudo uma possível referência a outros trabalhos e perspectivas que contemplam olhares e posturas transversais.

Palavras-chaves: Educação Matemática. Educação Matemática Crítica. Etnomatemática. Inteligências Múltiplas. Literatura. Matemazônia. Pensamento Complexo. Transdisciplinaridade.





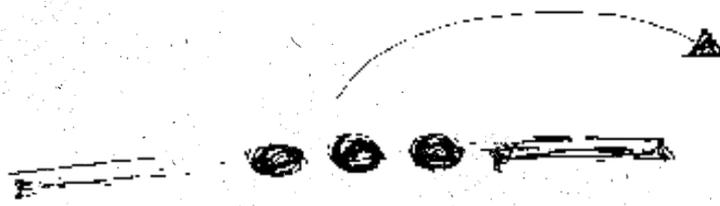
A B S T R A C T

There is a place, and in said place there are efforts so its borders may be blurred, where the rationality opened its gates to new forms of thinking and producing knowledge, where the words of a skilled elderly woman weave reflections about multidimensionalities, inside a poetry that intertwine Mathematics and Literature, Science and Art, poetry and prose, where an aspect called *Magtética* expresses an epistemological concept that life and its sensitive elements cannot be disregarded of the fabric of our existence, this place is called Matemazônia. Lost between imagination and reality, Matemazônia becomes soil of this work that, by what was called “*foreign texts that are intertwined*”, aims to analyze issues related to Education, with emphasis on Mathematical Education and its poetic articulations, from a transdisciplinary perspective, in the light of complex thinking, using the Matemazônia mythology as narrative background. Of qualitative character and literary-mathematical nature, this research characterizes itself as a redefinition to the bibliographical research, once that are embraced, in its method, the characteristics of the bibliographical use, whilst there are efforts to build a scientific existence inside this infamous and imaginary place, expressed by narrative exercises. Founded in justifications that go through aspects of the formation of the researcher himself, this investigation is based, most of all, in the desire of building new meanings in the academic studies, using the imagination, the esthetic and creativity. Driven by authors such as Morin (1999, 2005, 2015, 2020), D’Ambrosio (1991, 2001, 2005, 2008, 2019), Skovsmose (2007, 2008), Gardner (1994, 1995), Montoito (2019, 2020, 2021) and Derrida (2001), the efforts of this academic production existence show us, in its utmost, the importancy of subverting the borders of a dominant and rigid science and mathematics, limiting factors to the horizons of a knowledge crossed by the transdisciplinarity, making this study a possible reference to other works and perspectives that contemplate points of view and transversal attitudes.

Keywords: Mathematical Education. Critic Mathematical Education. Ethnomathematics. Multiple Intelligences. Literature. Matemazônia. Complex Thinking. Transdisciplinarity.

SUMÁRIO

CORTEM AS CABEÇAS, BORREM AS FRONTEIRAS, TORNE-SE UM MALDITO!	12
OS AVISOS	19
AVISO I	20
AVISO II	25
AVISO III	30
AVISO IV	34
AVISO V	39
OS PERGADIDÁTICOS	42
ESTUDOS HISTÓRICOS MATEMAZÔNICOS I	43
A BIBLIOTECA MATEMAZÔNICA	55
CAMINHOS ATÉ A BIBLIOTECA DE MATEMAZÔNIA	56
A ESCOLA DE TALENTOS DE MATEMAZÔNIA	73
ARTECITURAS DE UM LIVREIRO	74
AS AULAS MAGNAS	81
ESCRITOS MAGTÉTICOS	89
CATÁLOGO QUILOPODIANO DA ESCOLA DE TALENTOS DE MATEMAZÔNIA	90
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICE A	107
DEVANEIOS DE UM LIVREIRO	107



os três filhos do eclipse



→ grafismo em M com linhas alternadas; símbolos de matemática a ressonância dos poros que ressoam



Sol, o ansio do resumo



lua, o cuto ao desonheido



A força matemática entrelaçada



O eclipse que representa na função resumo



solenoçeta

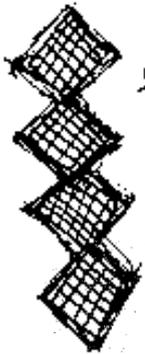


A flor de duas forças

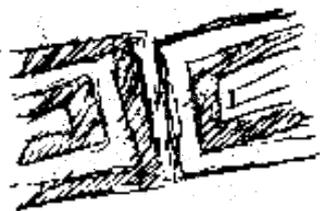
A ambiguidade



A representação das teituras. A ideia de que tudo está tecido junto. A entrelaçamento da existência e de quem somos.



A lama sólida (ou o barro sólido) Representação das antigas casas matemáticas



criaturas de pele

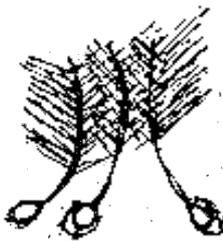
criaturas de pena



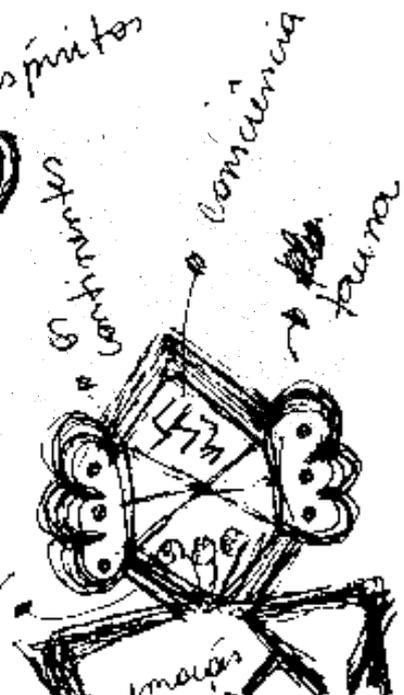
Os espiritos



criaturas de escamas e quebras



criaturas de células



consciência

consciência

forma

imagens

Handwritten signature or initials.

CORTEM AS CABEÇAS, BORREM AS FRONTEIRAS, TORNEM-SE MALDITOS!¹

Este texto é desintrodutório e terminará inacabado.

Este início é um daqueles momentos em que começo e fim não são tão definidos quanto conjecturei inicialmente. Redigir essas palavras em meio a uma combustão de sensações e sentimentos, sem saber – mais uma vez – o que expressar em palavras, me causa...

E S T R A N H A M E N T O

... e, curiosamente, me faz querer bradar a cada leitor desta produção, um pedido:

**corte a sua cabeça!
borre as fronteiras!
torne-se um maldito!**

E não à toa, afinal, há sagacidade em perder a cabeça, borrar as fronteiras e amaldiçoar-se; há uma razão para nos destituirmos da frigidez de tudo aquilo que nos enquadra, engaveta e esfria; é importante reconhecer os aspectos mais sensíveis de nossa existência, a aceitação de nossa natureza enquanto sujeitos de erros e desordens, de loucura, demência, ilusão e confusão²; é o que nos assegura condição humana, é o que nos move a continuar tentando, seja lá o que mereça nossos esforços e tentativas.

— E se eu começar pelo fim? — foi o que me perguntei muitas vezes até, de fato, decidir iniciar este texto sem começar propriamente pelo começo, trazendo o que, em teoria, seriam as – por enquanto – mais conclusivas considerações em torno deste processo formativo, ainda que assegure, contudo, a sua natureza inacabada, afinal, este

¹ Este texto foi elaborado a partir do conceito de *desconstrução* de Jacques Derrida (2001) – caracterizado por desfazer (inconsciente ou conscientemente) algo, fazendo de outras formas, sem propriamente destruir o que já é existente; é a resistência a um tipo dissidente de conhecimento, a infidelidade à aceitação de uma vertente de conhecimento que se apresente como a vertente dominante (Derrida, 2001; Pedroso Junior, 2021). O texto também tem um tom provocativo em torno da *maldição* atribuída a filósofos, como Nietzsche, Deleuze, Guattari, Foucault, Derrida, dentre outros pensadores malditos, que desafiaram as normas e hegemonias de seu tempo, subvertendo discursos dominantes, com suas problematizações em torno do sujeito, da diferença, da política, do espírito, da educação, do poder... (Corazza, 2002), por isso, o convite. Por fim, manifesto, também, que o texto tem como inspiração incidental a Carta da Transdisciplinaridade, promulgada por espíritos transdisciplinares e aberta a todos que dela compartilham (Carta da Transdisciplinaridade, 2000).

² Morin (2005a, 2005b, 2015).

projeto não exige somente uma capacidade exploratória de pesquisa, mas aptidões que ultrapassam minhas possibilidades pessoais e acadêmicas³.

Transeunte dos limítrofes matemazônicos, tal qual um desbravador, diversas foram as vezes em que me vi confrontando os limites desse solo, até compreender que a desconstrução dessas fronteiras compõem os reais interesses desta pesquisa. E se há uma razão para nos reconhecermos como sujeitos de ordens e desordens, existenciais e multidimensionais, há também uma razão pela qual precisamos perceber o conhecimento em sua multidimensionalidade, legitimando a inseparabilidade de tudo o que pode inferir na sua produção e existência. Matemazônia existe – dentre algumas outras razões – pela chancela dessa complexidade.

E se, por um lado, essa legitimidade é importante, por outro, a transgressão⁴ também importa. Daí o meu encorajamento em expressar que a subversão também é uma contemplação do universo matemazônico: explorar as fronteiras do conhecimento em movimentos desconstrutivos, que as borram, sem saber onde começa e termina os seus delineamentos, assumindo um percurso pela transversalidade de saberes em suas dimensões científicas, artísticas, matemáticas, linguísticas, políticas, culturais... e tanto mais do que não caberia em palavras.

As posturas epistemológicas aqui assumidas prezam por essa disrupção e atitudes insubordinadas ao que é dominante e estrutural, não buscando descaracterizar a produção científica existente, mas se comprometendo a acolher aspectos historicamente marginalizados por uma ciência hegemônica, por sua lógica dominante e seus conflitos egóicos, daí a identidade artística, estética, assumidamente política, desta produção acadêmica que se envereda por explorar outras construções, outras formas de pensar o conhecimento e aspectos de nossa própria existência alinhada a uma racionalidade aberta, enquanto sujeitos em unicidade e partes integradas de uma diversidade.

Não por acaso, embora fantástica e localizada em alguma dimensão imaginária e miraculosa, Matemazônia é uma narrativa que também se apoia em aspectos da vida real para que exista consubstanciada à nossa “dimensão realística” – não de forma factual, mas percebida dentro das nossas relações sociais e experiências interiores⁵.

Por isso, também brado aos leitores deste texto: **Experiencie! Esteja aberto. Esteja disponível para percorrer o solo matemazônico e explorá-lo. E se for, deixe um**

³ O trecho tem como referência a seguinte reflexão de Morin, em torno do livro *O Método 3* (1999): “Meu projeto, como imaginei, exige, na situação atual de dispersão, desmedida e incomensurabilidade dos saberes, não somente uma capacidade exploratória que ultrapasse as possibilidades de um indivíduo, mas também aptidões à síntese e à invenção de pensamento que ultrapassam as minhas possibilidades pessoais” (p. 38). Dessa forma, reconheço que, ainda que dedique energia e alguma expertise neste processo formativo, não poderia contemplá-lo em sua totalidade por reconhecer também que “[...] o conhecimento comporta sombras, zonas cegas, buracos negros” (Morin, 1999, p. 26).

⁴ “Quanto mais se progride, mais se transgride.” (Morin, 1999, p. 33).

⁵ Por experiências interiores, reconheço o que está intrinsecamente ligado à nossa existência individual e que transpassa a matéria física, é o confessional, o misterioso, o motivador.

espaço nas suas bagagens, afinal, quem sabe você volte de lá com alguns suvenires ou ideias. Experimente, assim como este trabalho se arrisca a existir em estética literária. Você verá, inclusive, que a não-linearidade deste trabalho e alguns outros desordenamentos (de fontes, tamanhos, estilística, formatação, neologismos) são características que dão identidade a essa construção e a reflexões que “[...] atritam, faíscam e atravessam discussões filosóficas, políticas e culturais na Educação Matemática”.⁶

Seja, também, permissivo em ser poesia.

E poesia não precisa ser padronizada.

Assim,

CONSIDERANDO os discursos em torno da Educação em sua *potência-mor*, os debates que permeiam a Educação Matemática, as reflexões do papel político e social de uma instituição escolar, a importância do reconhecimento das diferenças e da valorização da diversidade, entre outras temáticas presentes nesta produção acadêmica;

CONSIDERANDO os encorajamentos teóricos que se tornaram impulsionadores para as posturas epistemológicas experienciadas durante este processo formativo;

CONSIDERANDO os exercícios de um olhar atento à complexidade, reconhecendo que Ciência e Arte se retroalimentam e estão entrelaçadas por uma racionalidade aberta;

CONSIDERANDO o universo matemazônico, suas personagens, seus ambientes, seus ritos, seus saberes científicos, matemáticos, artísticos e tanto mais do que é seu e que está conectado ao que é nosso;

CONSIDERANDO que alguns esclarecimentos se fazem necessários antes que o leitor confronte o restante do trabalho, para que possa ter uma preparação em torno do que foi chamado de *textos estranhos que se entretecem*, manifesto, enquanto escritor e pesquisador deste trabalho, livre de qualquer constrangimento jurídico e institucional, sete fundamentos em torno desta pesquisa.

Fundamento primeiro: A **|| m i t o l o g i a || m a t e m a z ô n i c a ||**

Este trabalho tem como plano de fundo o universo mitológico de Matemazônia. Narrativas matemazônicas estão entretecidas em uma perspectiva mitológica, pois, para além de explicar, de forma lendária, a cosmogênese matemazônica (sua origem

⁶ Santos e Pinto (2018, p. 6).

enquanto espaço geográfico e enquanto nação, as relações que são estabelecidas entre o seu povo e o que se configura como relações ecossistêmicas, dentro das suas dimensões diversas, sejam elas sociais, políticas, culturais, espirituais etc.), as narrativas mitológicas – que, de maneira geral, possuem uma lógica própria e uma proliferação semântica de significados⁷ – ligam e projetam a história de Matemazônia no mundo mitológico, onde se aborda, como nas demais mitologias, passado, futuro, identidade, possível e impossível, o que suscita a interrogação, onde formações geológicas e rios podem ser biomórficos e antropomórficos, em que humanos podem “[...] sentir-se da mesma natureza que as plantas e os animais, comerciar com eles, metamorfosear-se neles, ser habitado ou possuído pelas forças da natureza”⁸

Fundamento segundo: A M a g t é t i c a M a t e m a z ô n i c a

A Magtética⁹ (*Magh* – que indica existência de um poder ou capacidade singular (origem indo-europeia) – e *Matemathiké* – das raízes gregas *Mathema* (compreensão, explicação, ciência, conhecimento, aprendizagem) e *Thiké* (arte, técnica) – corresponde à técnica ou arte de explicar, de entender, de se desempenhar [um conhecimento] na realidade, a ponto de torná-la mágica.

Em Matemazônia, a Magtética é uma corrente de pensamento, alicerçada na transdisciplinaridade¹⁰, que busca articular conhecimentos das matemáticas e das ciências às artes, por meio da música, da literatura, da pintura, do teatro, entre outras manifestações, à luz do pensamento complexo. É o que poderíamos chamar de essência da produção do conhecimento matemazônico.

Fundamento terceiro: P o r u m a r a c i o n a l i d a d e a b e r t a

Mais do que narrativas que entretecem linguagens – como a linguagem matemática, a linguagem científica, a linguagem literária, dentro de suas “formalidades” –, Matemazônia expressa e busca valorizar a diversidade de saberes, de posturas, de discursos, apoiada em valores transdisciplinares que reconhecem e legitimam as diferenças, a humanidade, a sensibilidade e o quanto elas são importantes em nossos processos formativos e na construção de uma racionalidade que também é atravessada

⁷ Morin (1999).

⁸ Morin (1999, p. 195).

⁹ Para a construção da etimologia da palavra Magtética, houve embasamento na construção etimológica da palavra Etnomatemática, à luz de D’Ambrosio (1991, p. 9), sendo também considerada a etimologia da palavra Magia (Cf. Veschi, 2019).

¹⁰ “A palavra *trans-disciplinar* merece um destaque com relação aos termos que as compõe. Da sua etimologia pode se ter a seguinte relação: *trans* – um prefixo que indica superação /ir além; *disciplina* – está muito mais ligado à normalização/ regra” (Lucena, 2005, p. 27, grifo nosso).

pela emoção, pela arte, pela poesia, pela imaginação. Esta materialidade, isto é, esta dissertação, compila mais expressivamente tais reflexões.

Fundamento quarto: A s p e c t o s e s t r u t u r a n t e s

Estruturada em seções capitulares, a dissertação compõe um exercício de arcos narrativos com personagens, ambiências e problemáticas que provocam e abrigam as discussões em torno da Educação e os seus processos de ensino e de aprendizagem, com destaque aos terrenos da Educação Matemática, propostas nesta pesquisa, e que surgem à medida em que as páginas são avançadas. Cada capítulo foi pensado para contemplar, com maior expressividade, determinados argumentos teóricos, dentro do referencial assumido, prezando também pelos entretencimentos durante todos os diálogos aqui travados.

É de se destacar, ainda, a estética desta dissertação. Enquanto seu idealizador, asseguro, desde já, ser diferente do que nos é padronizado, pois são explorações de fontes, de tamanhos, de linguagens que permitem uma construção identitária em torno do texto, dando-lhe personalidade e respiração. Aliás, para que a respiração aconteça, neologismos se farão presentes ao longo da leitura, pois expressam o vocábulo matemazônico, revelando aspectos culturais dessa nação, que também atravessam as línguas e as linguagens. Ademais, para além disso, as diversas notas de rodapé que se distribuem pelo trabalho como raízes de uma baniana, também são necessárias, pois assumem papel elucidativo e referencial em vários momentos, momentos que também abrigarão devaneios, memórias e estranhezas.

Fundamento quinto: A m b i ê n c i a s

Duas ambiências matemazônicas se destacam nesta produção: uma biblioteca e uma escola. No território matemazônico, a Biblioteca de Matemazônia exerce um papel fundamental na vida das criaturas ali existentes, pois nela, assim como em qualquer outra, muitos conhecimentos se atravessam e se entretecem. “Bibliotecas representam liberdade. Liberdade de ler, liberdade de expressar ideias, liberdade de se comunicar. Elas promovem educação, entretenimento, espaços seguros e acesso à informação”¹¹.

E assim como a Biblioteca, a instituição escolar, representada pela Escola de Talentos de Matemazônia assume papel de destaque por sua dimensão política e o seu impacto na sociedade matemazônica. Com discursos e práticas de valorização e inclusão de todas as manifestações intelectuais de seus formandos, a Escola de Talentos tem como alguns de seus fundamentos teóricos a Teoria das Inteligências Múltiplas, a Etnomatemática, a Educação Matemática Crítica e o Pensamento Complexo.

¹¹ Gaiman (2018, p. 51).

São ambiências que se tornam guardadas para as diversas criaturas e discursos que, em seus espíritos inquietos, contemplam o conhecimento em suas tantas perspectivas e conexões.

Fundamento sexto: U m a r e f e r ê n c i a

Em fase embrionária, este trabalho tinha como um de seus objetivos refletir aspectos inerentes aos entrelaçamentos entre a educação, a matemática e a literatura presentes em pesquisas brasileiras, de modo a verificar como se davam tais articulações, uma vez que originalmente Matemazônia – enquanto narrativa – nasceu dessa pretensão, de entretecer áreas de conhecimento tidas como “distantes” e desmistificar a rigidez comumente atribuída à Matemática.

As reflexões estão presentes no capítulo “Caminhos para a Biblioteca de Matemazônia” e indicam que, embora anunciem posturas interdisciplinares, as pesquisas identificadas ainda tratam com distanciamentos a Matemática e a Literatura, dentro de suas fragmentações, apontando para uma urgência de novas percepções sobre a relação direta entre essas duas áreas de conhecimento no processo de ensino, aprendizagem e formação do sujeito.

Em decorrência disso, a energia empreendida neste trabalho, tanto com relação às leituras e reflexões que estão dispostas em seu corpo, bem como o próprio exercício de escrita, compõe uma tentativa inquieta de construir – por meio dos vários textos aqui compilados – possibilidades articulatórias que buscam subverter fronteiras limitantes aos horizontes de um conhecimento atravessado pela transdisciplinaridade, de modo a se tornar uma possível referência a outros trabalhos e perspectivas que lançam mão de olhares e posturas transversais.

Fundamento sétimo: O c a r á t e r i n a c a b a d o

Esta dissertação não satisfará todas as inquietações em torno do que propomos, tampouco, será tão elucidativa a ponto de cessar as (eventuais) inquietações que te trouxeram até aqui. Honestamente, isso nem chegou a ser cogitado.

Ela corresponde a uma parte de um todo desconhecido, são como as gomas de aprendizagem de Giraleta – uma das tantas personagens matemazônicas que serão apresentadas no virares dessas páginas. Gomas que, embora não sejam polivalentes, possuem eficiência no despertar de uma racionalidade com aberturas para novos conhecimento e novas formas de pensá-los. Eu mesmo precisei mastigar várias dessas gomas para que pudesse gestar a pesquisa e todos os seus textos estranhos.

Inclusive, é chegada a hora de pari-los. É chegada a hora de desencastelá-los, abrir suas cancelas para os novos conhecimentos, para as suas novas transversões¹².

Neste “fim”, expresso que, assumir uma postura transdisciplinar requer, também, reconhecer nossos limites e possibilidades e os limites e as possibilidades de nossa dedicação. Termino este texto inicial – que também é o último – manifestando que “[...] eu sei que não é muito, mas é o melhor que posso fazer [...]”¹³ no momento.

É. Machado em 04 de janeiro de 2024.

¹² Morin (2005a, 2005b, 2015, 2020); Lucena (2005).

¹³ Trecho “*I know it's not much, but it's the best I can do*” da canção *Your Song*, de Elton John, lançada em 1970, traduzido livremente para a língua portuguesa. A música está disponível em: *Your Song*. vídeo (4min 1s). Publicado pelo Canal Elton John. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FT3D1Cu6g10>. Acesso em: dez. 2023.

RETRATO do PROFESSOR
e GESTOR TUCUCANO



OS AVISOS

~~AVISO VI~~

~~A existência deste último comunicado converge ao meu atual fascínio por avisos e por esta estética de fonte.~~

~~Brincadeira! Em minha justificativa é o meu lado *demens* tentando ser engraçado.~~

AVISO I

Este comunicado seria o último a ser apresentado, inclusive, estava redigido (com alguma gracinha) da forma supracitada. Porém, entendo que – embora eu não goste muito dele, assim como também não gosto de algumas medidas profiláticas –, sua existência é necessária. Dessa forma, na tentativa de não me afogar em minhas loucuras estilísticas, apresento, aqui, como garantia, os elementos que são importantes na pesquisa acadêmica. Eles estarão, em algum momento, diluídos no texto, porém, pode ser que um ou outro escape à percepção – ou pode ser, ainda, que não estejam tão explícitos quanto conjecturo – então, os descrevo, neste aviso:

Título da pesquisa: Matemazônia – textos estranhos que se entretecem.

Objetivo Geral: refletir questões relacionadas à Educação, com ênfase à Educação Matemática e suas articulações poéticas, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, à luz do pensamento complexo, utilizando a mitologia de Matemazônia como fundo narrativo.

Objetivos Específicos:

- Discutir aspectos da transdisciplinaridade, à luz do pensamento complexo, tecendo relações com a Etnomatemática, a Educação Matemática Crítica e a Teoria das Inteligências Múltiplas¹⁴.
- Apresentar possibilidades articulatórias entre a Educação Matemática e expressões artísticas e literárias, por meio da construção de narrativas dentro do universo mitológico matemazônico.
- Construir, através de exercícios narrativos, textos que consubstanciam fantasia e realidade e que abrigam discussões filosóficas, sociais, políticas e culturais, expressas

¹⁴ Inicialmente, esta pesquisa tinha como uma de suas pretensões trazer maiores aprofundamentos em discussões que contemplassem as Inteligências Múltiplas, alinhadas à diversidade e à inclusão. No entanto, por eventos que se sucederam durante a composição desta escrita e pela curta duração do processo formativo de Mestrado, ficou decidido que a teoria proposta por Gardner (1994, 1995) teria um papel sumário nesta produção, sendo, preservada na narrativa por assumir um papel importante na construção da Escola de Talentos de Matemazônia e pelo reconhecimento de sua potência para possíveis discussões futuras.

narrativamente por meio de ambiências (como escolas e bibliotecas) e personagens que, em essência, exprimem discursos sobre diversidade, inclusão, entre outras pautas, e sobre como essas questões são importantes em/para os nossos processos formativos (ensino e aprendizagem).

Questão norteadora: Em que termos uma produção literária, que tece articulações transdisciplinares, à luz do pensamento complexo, em torno da Etnomatemática, da Educação Matemática Crítica e da Teoria das Inteligências Múltiplas, pode contribuir em discussões que atravessam a Educação e processos de ensino e aprendizagem, em contextos socioeducativos?

Justificativa e os caminhos do Método Magtético

A pesquisa está alicerçada a algumas justificativas, que perpassam aspectos da minha própria construção enquanto sujeito e pesquisador (tais como a percepção do potencial que obras literárias angariam ao ensino e à aprendizagem de Matemática, considerando também minha própria formação leitora, enquanto escritor e enquanto professor). Contudo, destaco, aqui, sobretudo, o anseio de construir novos significados na pesquisa acadêmica.

Estar em contato com obras que promovem reflexões em torno de um conhecimento planetário, sensível, complexo, fizeram-me embutir esforços em torno de uma pesquisa que, nas apropriações desses discursos, promovesse discussões e novos olhares em torno da Educação, a partir de uma linguagem criativa e de “uma tônica poética, utópica, emocional” (Lucena, 2005, p. 216) e que pudesse atravessar todos os contextos e pessoas possíveis.

Dessa forma, atravessado por um olhar qualitativo, este estudo se caracteriza, audaciosamente, como uma ressignificação selvagem¹⁵ à pesquisa bibliográfica, uma vez que são adotadas, no método¹⁶, as características do uso bibliográfico, ao mesmo tempo em que há esforços para construir uma existência científica dentro de um lugar famigerado e imaginário: Matemazônia.

Matemazônia é uma narrativa mitológica autoral, construída ao longo dos últimos anos (cf. Machado; Souza; Marinho; Wanzeler, 2019; Machado, 2021; Machado;

¹⁵ Assumo a selvageria neste caminhar da pesquisa com base “[...] num pensar mais livre, mais próximo à lógica do sensível, desenvolvido a partir de métodos que se originam ao longo do processo de construção, contam com ferramentas que lhes estão mais à mão, distante da domesticação imposta pelos códigos da ciência” (Lucena, 2005, p. 41).

¹⁶ Transpassando a noção de metodologias (sem, contudo, desconsiderar sua importância), esta pesquisa anseia e se esforça pelo uso do método, assumindo que sua existência não seria possível sem ele, afinal, mesmo comportando as metodologias, o método não se resume a elas, são como criaturas de natureza criativa e de renovação, construindo-se no caminhar da pesquisa, assumindo, quando necessário, modificações metodológicas (Lucena, 2005; Morin, 1999, 2020).

Lucena; Marinho; Wanzeler, 2023) e que, a exemplo de outros lugares imaginários como Nárnia ou o País das Maravilhas, é visitada em pensamento, não na realidade, embora esses lugares sejam necessários para a condição humana (Manguel; Guadalupi, 2013, p. 14). Afinal, a imaginação exerce papel fundamental em nossa existência e em nossos processos formativos, pois, ela se encontra “[...] no ponto crucial onde a percepção, a memória, a geração de ideias, a emoção, a metáfora e, sem dúvidas outros aspectos de nossa vida se cruzam e interagem.” (Egan, 2007, p. 11).

Para além do aspecto imaginário, a pesquisa tem como impulsionamentos teóricos a Etnomatemática (D’Ambrosio, 1991, 2001, 2005, 2008, 2019), a Educação Matemática Crítica (Skovsmose, 2007, 2008), a Teoria das Inteligências Múltiplas (Gardner, 1994, 1995), entrecimentos entre Matemática e Literatura (Montoito, 2019, 2020, 2021), as quais são transpassadas pelo pensamento complexo (Morin, 1999, 2005a, 2005b, 2015, 2020; Petraglia, 2013).

Tais tecimentos teóricos apresentam potencialidades discursivas e podem atuar como mobilizadoras de transformações sociais, uma vez que este trabalho considera importantes as discussões em torno da dimensão política de uma educação emancipadora, formadora de sujeitos críticos, atuantes, criativos, que não desconsidera a experiência humana em sua formação e que reconhece a integração de saberes e vivências, buscando romper dissidências entre Ciência e Arte, Matemática e Literatura, reconhecendo que cada indivíduo é sujeito de uma dinâmica social e cultural e que seus talentos/conhecimentos/saberes precisam ser valorizados, seja em lugares reais ou imaginários.

Assim, “Matemazônia: textos estranhos que se entrecem” se utiliza da mitologia matemazônica como plano de fundo para abrigar tais discursos e materializá-los dentro de uma construção literária fantástica, explorando as características do universo matemazônico, como suas ambiências, suas personagens, seus hábitos de vida, sua cosmovisão, sua história etc., que estão propositalmente consubstanciados ao que compreendemos socialmente como realidade.

Para construir os capítulos desta dissertação, foram empreendidas técnicas de construção distintas, buscando explorar possibilidades estilísticas durante a composição de escrita do trabalho. Tais técnicas fazem parte de alguma expertise que compõe o patrimônio que possuo enquanto escritor (ou pelo menos aspirante a um) e exercícios criativos de escrita, buscando combinar a estética literária, a estética formal, a linguagem matemática, a linguagem figurativa, gêneros textuais como ensaio, conto, poesia. Dessa forma, cada capítulo poderia respirar por si próprio, muito embora fosse intencional entrelaçá-los, para que juntos se entrecessem em seus estranhamentos.

Para além das técnicas de construção estilística, foram consideradas também as finalidades de cada capítulo, buscando incorporar os pressupostos teóricos. Dessa forma:

O capítulo “Os Avisos”, divididos em cinco textos, ora narrados em primeira pessoa, ora em terceira (sem uma própria razão para a flexão), foram pensados para atuar mais elucidativamente dentro desta dissertação, introduzindo ao leitor as ideias centrais sobre Matemazônia e os impulsionamentos teóricos do trabalho, bem como as suas descrições metodológicas¹⁷.

O segundo capítulo, “Os Pergadidáticos”, foi construído tendo como referência a história original de Matemazônia, recontada em obras fictícias que se inspiram em livros paradidáticos, buscando fazer alusão à importância de um material que contextualize a realidade do lugar em que está sendo utilizado, como os pergadidáticos contextualizam a vida em Matemazônia.

Narrativamente, utilizados nas aulas da Escola de Talentos, os pergadidáticos compilam diversos conhecimentos matemazônicos e os relacionam com a Matemática, por meio da Magtética. Nesta seção, em específico, são apresentados os Estudos Históricos Matemazônicos, utilizados nas aulas do primeiro ano escolar.

Já o capítulo “A Biblioteca Matemazônica” narra o encontro de um visitante no solo matemazônico, o eu-lírico, com outra personagem emblemática, Nuvem Nahum, livreiro responsável pela Biblioteca. Em meio aos seus diálogos surgem reflexões sobre transdisciplinaridade, articulações entre Educação Matemática e Literatura, a partir de um levantamento de produções científicas brasileiras em bases de dados e repositórios institucionais como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, o Portal de Periódicos da CAPES, o Google Acadêmico e o Portal de Periódicos *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); trabalhos que são analisados e refletidos mais expressivamente por meio de um ensaio, sem lançar, contudo, mão da fantasia.

Por sua vez, o capítulo “A Escola de Talentos de Matemazônia” nos apresenta o passado de Nuvem Nahum e nos abre as portas para esta secular instituição matemazônica, descrevendo algumas das posturas adotadas e como elas se relacionam com questões referentes a democratização escolar, ao currículo, ao reconhecimento e à valorização dos perfis intelectuais, das diferenças, da diversidade, alicerçadas na Etnomatemática, na Educação Matemática Crítica, na Teoria das Inteligências Múltiplas e no Pensamento Complexo. Esta seção capitular, em especial, foi construída para guarnecer tais diálogos pelo potencial simbólico da Escola de Talentos de Matemazônia, em alusão às nossas instituições escolares.

Por fim, o capítulo “Escritos Magtéticos”, apresenta, tal qual o capítulo segundo, uma das produções mais básicas, porém muito importantes, em Matemazônia: os “Catálogos Quilopodianos”. O capítulo foi construído para esclarecer aos leitores deste trabalho aspectos da rotina da Escola de Talentos, elucidando e provocando a imaginação em torno de termos e práticas que expressam a linguagem e a cultura matemazônica.

¹⁷ Sim, este aviso é praticamente metalinguístico.

É importante destacar que, o método, as escolhas metodológicas e as posturas epistemológicas, aqui apresentadas, nos leva a encarar a dissertação como uma produção textual científica, de viés literário-matemático, que busca subverter a hierarquia dominante de uma ciência enrijecida, articulando conhecimentos diversos, reconhecendo que poesia e prosa (à luz do pensamento complexo) atravessam o processo formativo que resultou neste trabalho e que, dentro do universo matemazônico, este estudo torna-se uma grande narrativa, um despretenso produto que pode vir a ser compartilhado futuramente com alunos e educadores¹⁸, considerando que os discursos aqui apresentados são importantes para o ensino e aprendizagem de alunos em formação.

De modo geral, é isso.

É, é isso...

É. Machado em janeiro de 2023 (originalmente escrito).
É. Machado em dezembro de 2023 (texto com adições e edições).

¹⁸ Apesar de não haver exatamente um público específico dentro deste grupo, entendo que a linguagem imprimida na escrita seja mais compreensível para alunos que estejam, pelo menos, no ensino médio. Contudo, reconheço a importância de incorporar discussões semelhantes nas fases iniciais da educação, como na educação infantil e no ensino fundamental, mediante adaptações apropriadas.

~~AVISO I~~

AVISO II¹⁹

Talvez estas narrativas não sejam exatamente o que você espera de um trabalho acadêmico ou talvez de um texto literário, porque, afinal, ao final, talvez acabe não sendo nem um e nem outro. É difuso, é incompleto, talvez complexo, num trilhar à complexidade; disruptivo. Talvez seja como um daqueles experimentos iniciais que resultam em uma criatura que desperta em seu criador alguns paradoxos que passeiam por entre o amor e a rejeição.

Não que seja este o nosso caso.

Não nesses exatos termos.

Mas, alerta! Não deixa de ser um aviso.

Sinta-se à vontade para seguir, aqui ou não.

Por seu (des)encantamento e risco.

E se continuar, antes de tudo, preciso informar que, assim como boa parte do que escrevo, praticamente tudo o que vier depois dessa

p a l a v r a

recorre aos artifícios das figuras de linguagem, mais notadamente à metáfora, na tentativa de tornar mais sólida a verbalização de uma ideia abstrata, sem propriamente se aprofundar nos domínios teóricos do fenômeno, mas não poderia deixar de fazê-lo, sobretudo, por compreender que – dentro de minhas prepotências acadêmicas e em distanciamento delas – a linguagem e a arte, em todas as suas expressões, são importantes mecanismos para a compreensão, para a emoção, para a articulação, para a tecitura²⁰, afinal, a vida não bastaria em seus enrijecimentos. E foi assim, que viajei em famigerados lugares até cair em Matemazônia.

E encontrar Matemazônia é sempre uma jornada emblemática, diria até desafiadora, porque seus percursos são interlúdios²¹ de muitos outros lugares, alguns deles com formas e cores nítidas e alguns outros sem uma definição apresentada, sem

¹⁹ Texto elaborado a partir de leituras mais expressivas em Machado, Souza, Marinho e Wanzeler (2019), Souza, Machado, Marinho e Wanzeler (2019), Machado (2021), Machado, Marinho, Wanzeler e Sales (2023) e Machado, Lucena, Marinho e Wanzeler (2023).

²⁰ Morin (2005a; 2005b); Petraglia, (2012); Kovecses (2005); Schabarum; Chishman (2020); Pondé (2017); Gaiman (2018); Lisboa (2013).

²¹ Musicalmente, interlúdios são composições entre dois atos musicais (Interlúdio, 2021). Em linguagem conotativa, assumem um significado próximo. E sendo Matemazônia, enquanto narrativa, um resultado de escrita com inspirações em outros conteúdos (desde livros até produções audiovisuais), seus caminhos acabam sendo também intermédios entre duas ou mais obras, que combinam e partilham elementos de uma com a outra em si, gerando a si própria.

nomes, sem dimensões, entradas ou saídas, apenas Lugares-de-Lugar-Nenhum²², porém, todos comportados em suas fronteiras borradas.

Não existe um registro cartográfico – pelo menos, não exato – que seja um guia ao chão matemazônico²³. Houve quem dissesse que o encontrou ao lado de NÁRNIA²⁴; outros a alguns quilômetros de ЧИСТОМАТИКА²⁵; que em Hogwarts²⁶ é possível encontrar atalhos; segundo relatos das próprias criaturas matemazônicas, após um *plift-ploft-still*, um portal se abriu para um grande castelo rátimbuntoso²⁷; outro dia surgiram três

²² Narrativamente, Lugares-de-Lugar-Nenhum são porções geográficas espaciais sem uma definição. Sabe-se que ao entorno de Matemazônia (assim como de outros lugares fantásticos) existem vários deles, no entanto, são desconhecidos. É inspirado no conceito filosófico de *Devir*, sendo, metaforicamente, alusões aos lugares individuais em que cada criatura está inserida, dentro de sua própria subjetividade, nas suas experiências interiores, nas extensões da sua expressão, em que se conecta memória, afetividade, racionalidade, emocionalidade e tanto mais. A conotação do lugar demarca o entendimento de um espaço com muitos significados, que se ressignificam e podem reconfigurar o que inicialmente era de uma forma, a partir do que é experienciando ao longo de sua existência.

²³ Configurado como um neologismo* literário, os gentílicos** *matemazônico/a/os/as* caracterizam quem é e/ou o que é pertencente a Matemazônia. *O neologismo é uma palavra nova (inventada ou já existente que recebeu um novo significado). (Neologismo. Dicionário *online* Clube do Português, 22 abr. 2021. Disponível em: <https://www.clubedoportugues.com.br/neologismo/>. Acesso em: ago. 2022). **Gentílico é o designativo qualitativo de pessoas e objetos de acordo com a sua origem geográfica; adjetivo pátrio. (Gentílico. Dicionário *online* Clube do Português, 10 jul. 2016. Disponível em: <https://www.clubedoportugues.com.br/o-que-e-adjetivo-gentilico/>. Acesso em: ago. 2022).

²⁴ Criado por Clive Staples Lewis, mais conhecido por C. S. Lewis, Nárnia é um mundo fantástico e mágico, que reúne diferentes seres, dos mais comuns aos mais exóticos: criaturas humanas, mitológicas, mágicas. Nas palavras de Silva e Oliveira (2017, p. 30), “As *Crônicas de Nárnia* trazem elementos de fantasia e características de contos de fadas ao mesmo tempo que exploram a literatura épica medieval com elementos religiosos implícitos [...]” (grifos dos autores).

²⁵ Apresentado por Lady Gaga em seu sexto álbum de estúdio, mais explicitamente por meio do videoclipe da faixa *Stupid Love*, Chromática é território de cenários distópicos, sendo um retrato surrealista de nossa realidade. Dividida em grupos que incorporam referências à música e à vida social (cujas particularidades e energia são expressivas nas vestimentas, nos movimentos corporais, em símbolos, entre outros aspectos), Chromática é dividida nas tribos *Kindness Punk* (representantes do amor, da paz, união e bondade), *Eco Warriors* (representantes da natureza, protetores da flora e fauna), *Junkyard Scavengers* (referência aos direitos trabalhistas), *Cyber Kids* (altamente ligados ao futurismo e tecnologia), *Freedom Fighters* (tribo que luta pela liberdade de expressão) e *Government Officials* (os responsáveis pela justiça e igualdade). (Queiroz, 2020). Em *Stupid Love*, Chromática parte da premissa de que tais grupos, Chromática e o mundo estão apodrecendo em conflito. “Muitas tribos batalham por domínio. Enquanto os mais religiosos rezam e dormem por paz, os *Kindness Punk* lutam por Chromática”. (Cohen, 2020, *online*).

²⁶ Local que abriga muitas histórias e magia no Mundo Mágico, Hogwarts é apresentada em Harry Potter como uma Escola Bruxa, um lugar que “[...] abriga os alunos para o estudo de magia e bruxaria, mas também é palco do desenvolvimento pessoal e emocional de muitos deles” (Sousa, 2022, *online*). Dividida em quatro Casas (Grifinória, Sonserina, Lufa-Lufa e Corvinal), está localizada em algum lugar da Escócia, no Reino Unido.

²⁷ Lugar que também abriga bruxaria, o Castelo Rá-Tim-Bum é morada de diversas criaturas fantásticas, embora esteja localizado no meio de uma grande cidade brasileira; de bruxos experientes e aprendizes, animais e objetos falantes a personagens do folclore brasileiro, apresenta contextos com ricas articulações pedagógicas, que entrelaçam ciência e arte (Sousa, 2022).

bruxas se apresentando como irmãs, perguntando se estavam em Salem²⁸; entre tantas outras narrativas que sugerem possibilidades... digamos... *mágicas*. Sim, *mágicas*, pois na magia há mistério, há encantamento, há história, há conhecimento, há matemáticas, há ciências, entre tanto mais do que podemos conjecturar existência.

E estando Matemazônia incluída neste diagrama, sendo o solo sustentador para essas e outras reflexões que estão por vir, acredito ser importante adentrar nas características que lhe dão identidade e unicidade enquanto narrativa e concepção.

Embebida em fantasias, misticismo, folclores, além de aspectos que nos assegura realidade, Matemazônia nos traz discussões que esbarram – pretensiosamente, sem reservas – em tópicos que reverberam oportunidades para o senso crítico, para a imaginação, para a criatividade e alguma alteridade²⁹.

Inicialmente pensada e concebida, para fins utilitários e, na busca de atender a uma expectativa de ser, por meio da literatura, um texto que pudesse funcionar como um facilitador para a compreensão de definições matemáticas, atuando na mobilização de conceitos matemáticos, o compilado de narrativas matemazônicas passou a experimentar, conforme o tempo passava e o universo matemazônico se expandia, mudanças em sua concepção inicial; mudanças, inclusive, relacionadas ao meu amadurecimento enquanto educador, pesquisador, escritor e enquanto entusiasta de discussões de vieses políticos que percebem a educação como geradora de mudanças em níveis micro e macroscópico.

Evidentemente, não seria razoável se afastar das contribuições em torno do papel que a narrativa matemazônica exerce em tais mobilizações – tampouco seria de interesse fazê-lo –, afinal, por meio de suas narrativas e de sua linguagem figurativa, Matemazônia exerce, em termos exploratórios de ensino e aprendizagem da matemática, um papel estratégico “[...] que funciona como uma engrenagem: ao passo em que se confronta o contexto da história, se revisita os conhecimentos em matemática até então absorvidos [...]”³⁰, oportunizando que tais objetos assumam um lugar de compreensão por seus leitores, bem como, estimulando a leitura e a interpretação de textos; mas, para além disso, Matemazônia se propõe, também, a provocar discussões em torno de pautas como diversidade, representatividade, desigualdade, inclusão, entre outras temáticas sensíveis e necessárias involucradas em nossa vida social.

²⁸ Referência às Irmãs Sandersons, personagens do filme *Abacadabra (Hocus Pocus)*.

²⁹ Ao mencionar alteridade, parto da compreensão de que Matemazônia possibilita que seus leitores se ponham no lugar das personagens apresentadas, percebendo suas unicidades (em suas potencialidades e limitações) ainda que sejam em contextos não idênticos aos seus. É um movimento importante para que possamos pensar no respeito e valorização das diferenças e, *quicá*, da inclusão social (Amado, 2023).

³⁰ Machado, Marinho, Wanzeler e Sales (2023, p. 65). Nessa oportunidade, é feito um adendo, esclarecendo que, embora tenha sido utilizado um termo que evoca a absorção (por força de expressão, inclusive), em momento algum o aprendente é visto como um absorvente de conteúdo. Trata-se de uma produção de significados, dentro de uma aprendizagem significativa.

Vale destacar, aqui, o caráter multidimensional que as narrativas (sejam elas fábulas, contos, crônicas, entre outras) possuem dentro de um contexto geral, desde o seu entendimento enquanto instrumentos de (auto)compreensão³¹, mobilizadoras de diversidade, de criticidade, de emancipação³² e, ainda, numa perspectiva de alinhamento à matemática, “[...] instrumentos de significação de conceitos matemáticos; de estímulo a ‘manifestações matemáticas’ escritas; e, em um nível mais geral, de reflexão nos processos de ensino e aprendizagem da matemática”³³, podendo atuar no amadurecimento da própria linguagem matemática incorporada no vocabulário natural, conforme discutido em trabalhos como *“Nas raízes matemazônicas do clube de leitura ‘Os Livreiros de Matemazônia’”* (2019), *“Clube de leitura: uma experiência literária na educação matemática”* (2019), *“Matemazônia e suas narrativas: interpretação, criatividade e criticidade em matemática, a partir de uma prática com alunos do ensino médio”* (2023) e *“O Triângulo das Tecelãs: uma experiência com produções narrativas tecidas por alunos do ensino médio de Tabatinga/AM”* (2023), que, entre outras produções³⁴, apresentam reflexões em torno da significação de conhecimentos matemáticos por meio da literatura, à revelia de práticas de ensino que respiram a desenfreada reprodução de conteúdos algébricos ou geométricos, por exemplo.

Ademais, em termos literários e estéticos, o compilado de narrativas matemazônicas busca assegurar ludicidade ao processo imaginativo daqueles que se propõem a confrontá-las. Propositamente fantasiosas, acumulam em suas histórias elementos fantásticos – que possuem como influência, histórias que transvestem a

³¹ “[...] a literatura infantojuvenil marcou, por várias gerações, a vida de crianças e jovens que se encantaram com muitas obras literárias devido às altas doses de lógica e fantasia em histórias que favoreciam o imaginário, se mostrando um instrumento de compreensão, possibilitando-os a aprender a lidar com suas emoções, construindo sua individualidade e sua personalidade.” (Rosa; Nunes, 2011 *apud* Machado; Lucena; Marinho; Wanzeler, 2023, p. 2861-2862).

³² “Brito (2010) e Souza et al. (2019) apresentam narrativas literárias como mobilizadoras de diversidade; por meio delas, mais do que se preocupar com a decifração de códigos linguísticos ou uma interpretação dos signos do alfabeto, alunos passam a construir visões diversificadas de questões socioculturais, éticas, políticas etc. conjecturando suas experiências sociais à experiência literária, desenhando à sua frente opiniões e posicionamentos, compartilhando-os com a realidade a que fazem parte.” (Machado; Lucena; Marinho; Wanzeler, 2023, p. 2862).

³³ Machado, Lucena, Marinho e Wanzeler (2023, p. 2861).

³⁴ Podemos destacar os trabalhos realizados pela *Escola Montoitiana**, para além de outros trabalhos mencionados no capítulo terceiro. *A referida escola é uma instituição fictícia dentro do universo matemazônico e é inspirada no trabalho desenvolvido pelo pesquisador (e fundador da escola) Rafael Montoito. Seus trabalhos – como autor e orientador – são notáveis, pois revelam um leque de possibilidades articulatórias entre Matemática e Literatura, bem como suas conexões com outros lugares de conhecimento que também permeiam essas discussões. São alguns dos estudos da *Escola Montoitiana*: Montoito (2007, 2013, 2019a, 2019b, 2020), Campos e Montoito (2010), Cunha e Montoito (2020, 2021, 2022), Dalcin e Montoito (2020), Montoito e Cunha (2020), Montoito e Minks (2022).

fantasia³⁵ – que dão dinamicidade ao enredo, apresentando personagens místicas que incorporam em seus genes características diversas da natureza (principalmente relacionadas à fauna e à flora), mirabolantes espaços geográficos de um ecossistema vivo e com personalidade, desventuras de um povo que, em determinado momento de sua história, experiencia amargamente a subtração daquilo que lhe garante identidade: a sua diversidade.

Além disso, para além de estar entretecida em reflexões em torno de práticas de ensino e aprendizagem em matemática, Matemazônia desempenha, também, entrelaçamentos com todas as áreas de conhecimento. Sendo uma narrativa com potencial de expansão, considerando que ainda tem muito a ser explorado em suas entranhas, é vislumbrável as possibilidades de sua articulação, desde, por exemplo, discussões em torno dos seus aspectos geográficos, da dimensão histórica de sua existência, de suas manifestações artísticas, da pluralidade genética diante de uma concepção específica de miscigenação de criaturas distintas, entre tanto mais do que se torna pura catarse literária e possibilidades de tornar mais lúdico e significativo os ofícios constituídos em ensinar e aprender, seja *lá* o que for ensinado ou aprendido.

É. Machado em junho de 2022 (originalmente escrito)

É. Machado em maio de 2023 (texto com adições e edições)

³⁵ Dentre as várias obras que incidem sobre Matemazônia como influência e inspiração (seja conscientemente ou de forma inconsciente), podemos mencionar, aqui, Sítio do Pica-Pau Amarelo (os livros e a adaptação para o formato de seriado); A saga Mau Começo (especificamente o livro Desventuras em Série e o filme adaptado); Harry Potter, Divergente, Jogos Vorazes (as sequências de adaptações cinematográficas); *Hocus Pocus* e *Star Dust* (filmes que se enveredam na fantasia).

~~AVISO II~~

AVISO III³⁶

Berço de narrativas de equações matemazônicas, eternizadas por seus exímios livreiros, nos mais diversos escritos magtéticos³⁷ – onde se eterniza a evolução de sua tradição, seus marcos emblemáticos, sua chancela enquanto nação –, Matemazônia é um lugar de encontros, embora se perca nos contornos de um número complexo³⁸.

Não se sabe ao certo o remonte de sua origem, em seu registro mais catedrático, dizem que “[...] como uma típica história matemazônica, ninguém sabe precisar nada”. E, talvez, isso a torne um lugar de contínuos desbravamentos, o que também não significa dizer que seu chão e seu povo negligenciem seus próprios recortes históricos, afinal, “[...] ao contar a história de um lugar, do seu ponto de origem, você assegura uma parte muito importante da sua própria existência, afinal, todos nós, com todos os nossos detalhes, fomos gerados num lugar”³⁹; é uma das *éxis*⁴⁰ que norteiam Matemazônia.

³⁶ Texto construído a partir da leitura do manuscrito catedrático de Matemazônia e da Coleção Pergadidática de Matemazônia, essa última uma coleção de registros magtéticos destinados às disciplinas elementares ministradas na Escola de Talentos de Matemazônia, com informações levantadas a partir do estudo de diversos livreiros, bem como, de outros registros magtéticos históricos. Os trechos citados incorporam o corpo de alguns desses registros.

³⁷ Em Matemazônia, escritos magtéticos ou narrativas magtéticas são configurados/as como os registros históricos, constituindo as principais fontes de conhecimento matemazônico, representando o meio pelo qual seus ancestrais ainda se comunicam (Gaiman, 2018). O termo “magtética” também pode estar relacionado a uma eventual referência à Matemática, tratada em suas dimensões mágicas. De todo modo, narrativas magtéticas compõem uma tradição matemazônica secular de aliar conhecimentos matemáticos, científicos, literários, artísticos, espirituais... Há tempos, Matemazônia acolhe narrativas, pois narrativas mobilizam o imaginário, se mostrando um instrumento de compreensão, que oportuniza às criaturas leitoras a possibilidade de entender e aprender a lidar com suas emoções, de construir visões diversificadas de questões socioculturais, éticas, de cidadania (Rosa; Nunes, 2011; Montoito, 2019, 2020, 2021; Machado, 2021).

³⁸ Machado (2021).

³⁹ Trecho retirado de um registro magtético.

⁴⁰ Em Matemazônia, as *éxis* assumem – pelo menos – duas concepções: (i) *éxis* enquanto verdades absolutas, herdadas dentro de um contexto sociocultural marcado por intransigências, muitas vezes em disfarce de falácias e discursos distorcidos e (ii) *éxis* enquanto autenticidade, percepções próprias de sujeitos – ou grupos – que encontram na alteridade e na criticidade suas formas de expressão (sendo essa a concepção que nos trouxe aqui, nesta nota de rodapé). “Metaforicamente, estão relacionadas com a máxima matemática ‘*encontre o valor de x*’, em que *x* (em inglês e espanhol, pronunciada, *éxis*) assume o papel de incógnita comumente utilizada em expressões matemáticas, sendo a representação de um valor, aqui aludido como a verdade de um resultado incontestável. Contextualmente, *éxis* acabam não sendo questionadas, pois são tidas com universalidade, despertando conflitos quando postas em objeção. Em meio a tantas divergências e falta de credulidade, compreensão, respeito, também representam os choques de ideias e posicionamentos ocasionados diante das tantas formas de se resolver um problema matemático ou se posicionar em uma discussão. Conflitos que acontecem na narrativa [matemazônica] quando os Líderes do Futuro decidem fracionar Matemazônia, de acordo com seus desejos, para que a partir dali, suas certezas não fossem colocadas em questão.” (Machado, 2021, p. 37).

Com narrativas que esbarram na mitologia, atravessadas às gerações pelas vozes e escritos de quem manteve viva a tradição matemazônica, Matemazônia traz em suas origens relatos fantásticos que revelam aspectos de sua criação. Lugar que nasceu para ser abrigo das diferenças, experimentou um longo período de harmonia, equidade e respeito. Sua existência “[...] não seria possível sem os tantos conjuntos que se formaram no decorrer do tempo; ser natural, inteiro, racional ou irracional era apenas um detalhe diante do acolhimento real da diversidade local.”⁴¹.

Ser uma criatura de celulose, de penas, de escamas, de pele, constituir essência humana ou parte dela, não definia estratificação social, porque até determinando momento de suas histórias, as criaturas matemazônicas não sabiam o que constituía a luta por poder. Então, insurgiram os autointitulados Líderes do Futuro para lhes mostrar o aspecto mais duro dessa guerra.

Foi quando “Matemazônia se tornou um lugar estratificado, de intolerância, onde a criticidade passou a desafiar o totalitarismo do medo; do desconhecimento; das éxis contaminadas; se tornou uma unidade separada pelo denominador da intransigência, onde reinaram as Divisões, onde tudo passou a ser fracionado”⁴².

Parte do que foi marcado em história está registrado – mais didaticamente – na Coleção Pergadidática Matemazônica⁴³, com bases em outros registros catedráticos, desenvolvida para as aulas de Estudos Históricos Matemazônicos, da Escola de Talentos de Matemazônia, fundada há aproximadamente um século, inclusive, sendo uma instituição que surge em combate a esse período de obscurantismo e negacionismo que usurpou do povo dessa terra alguns de seus maiores tesouros: ciência, arte, cultura, cores, sorrisos, riquezas diversas de todos os matemazônicos.

Os matemazônicos foram colocados em redomas, foram reduzidos, e tudo o que estivesse fora dos contornos dessas intransigências, devia ser condenado, inclusive, todas as manifestações de talentos que não se enquadrassem ao que era julgado como “útil”; um pensamento simplificado, reducionista.

E, então, na tentativa de superar uma nova tragédia, surgiu a Escola de Talentos de Matemazônia, fundada pelos patronos de Matemazônia, os também chamados iluministas das éxis ou Filhos do Eclipse: Marvem, o Lógico; Elah, a Diplomata; e Graveto, o Criativo; que sonharam e com seus sonhos fizeram com que todos os matemazônicos voltassem a sonhar.

Mas, a Escola de Talentos de Matemazônia nem sempre foi essa grandiosa instituição. Inicialmente tratava-se de uma reparação (sem muita profundidade) dos vários anos em que Matemazônia foi enquadrada em doutrinas aprisionadoras, que

⁴¹ Trecho retirado de um registro magtético.

⁴² Trecho retirado de um registro magtético.

⁴³ A Coleção Pergadidática compõe o corpo de texto do segundo capítulo.

afetaram a educação de todas as criaturas matemazônicas. A partir da estratificação⁴⁴ instaurada pelos ditos Líderes, várias foram as formas de estímulo à desigualdade social, às discriminações frente às diferenças, ao negacionismo da ciência, ao apagamento da história matemazônica, que reverberaram por anos – e ainda reverberam – de maneiras ínfimas.

Com o tempo, a Escola foi entendendo a dimensão do seu papel político e o seu impacto na reestruturação de Matemazônia e no que Matemazônia seria a partir de então, passando a incorporar em seu discurso, durante a sua terceira gestão⁴⁵, a valorização e inclusão de todas as manifestações intelectuais de seus formandos.

De acordo com Tucucano, uma criatura de penas canora, que esteve na direção da Escola por duas décadas, sob a confiança dos patronos de Matemazônia, a hipervalorização de algumas competências em detrimento de outras, mantinha resquícios de um passado a ser superado. Essa constatação ocorreu durante uma de suas viagens migratórias, quando esteve em contato com uma teoria embrionária acerca de múltiplas inteligências, que o fizera buscar maiores conhecimentos em torno da discussão e democratizá-la em solo matemazônico, afinal, não fazia sentido respeitar as diferenças fenotípicas e manter adormecida outras formas de inclusão.

Depois disso, durante a gestão seguinte, de Mathestro⁴⁶, um ser de ígneo; que muitos criticaram à época por ser descendente direto de um dos responsáveis pelo declínio matemazônico; que a Escola retomou o discurso de valorização e orgulho da Magtética, uma corrente filosófica essencial na produção de conhecimento

⁴⁴ A compreensão de estratificação, aqui aludida, parte da percepção weberiana sobre como indivíduos se reproduzem socialmente frente ao conceito de poder, a “[...] a possibilidade de que um homem, ou um grupo de homens, realize sua vontade própria numa ação comunitária até mesmo contra a resistência se outros que participam da ação.” (Weber, 1974, p. 211). De acordo com Lemos (2012, p. 116), uma estrutura social “[...] não se organiza apenas ao nível econômico, mas também em termos do poder. Logo, não é somente o poder advindo de fatores econômicos que determina o tipo de estratificação social encontrado nas diversas sociedades, pois a luta pelo poder também é orientada pelas honras e prestígios sociais trazidas por ele. Existem contextos nos quais a honra é que está na base do poder político ou mesmo econômico”.

⁴⁵ A terceira gestão da Escola de Talentos de Matemazônia marca importantes mudanças de percepções políticas e pedagógicas em torno da educação matemazônica. Nesse período, Tucucano assume a gestão da instituição e das discussões educacionais.

⁴⁶ A ser apresentado com maiores descrições no capítulo posterior, Mathestro é uma emblemática figura na história de Matemazônia. A partir dele, inicia-se o movimento de confronto ao obscurantismo instaurado pelos Líderes do Futuro. Assume a direção da Escola de Talentos após a aposentadoria de Tucucano, mesmo à contragosto de algumas criaturas matemazônicas. Autointitulado entusiasta das artes, percebe as expressões artísticas como fontes de conhecimento. Muito exuberante, ainda em vida encomendou de seus alunos, uma estátua de mármore, que ainda hoje saúda os visitantes da ETM em seu grande salão. Diz-se que a ideia partiu de uma viagem feita ao Planeta Terra, onde escutou uma canção* e a letra o fizera ficar obcecado por mármore.

*Dizem que a canção se chama *O Astronauta de Mármore* (versão brasileira da música *Star Man*, de David Bowie), da banda Nenhum de Nós. A canção está disponível em: Nenhum de Nós - O Astronauta de Mármore (vídeo oficial). 1 vídeo (3min 44s). Publicado pelo Canal Nenhum de Nós Oficial. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=auAGPN_keDs. Acesso em: mai. 2023.

matemazônico. Foi assim que os escritos magtéticos ganharam maior notoriedade entre as criaturas que estudavam na ETM, sendo reconhecidas como patrimônio imaterial local, afinal, por meio das narrativas magtéticas são mantidas sabedorias ancestrais. É nesse momento da história que os livreiros passam a ter seu trabalho reconhecido, ganhando autonomia para registrar tudo sobre Matemazônia, iniciando um movimento inédito de historiação. É nesse contexto que surgem os livreiros mais notáveis, Primo, Sigma e Lobo, autores de obras como “DesVenturas de Matemazônia”, “Comentários sobre a Profecia”, entre outras sem títulos.

É. Machado em abril de 2023.

~~AVISO III~~

AVISO IV⁴⁷

Era verão, em meados de 2019, quando nasceu a primeira narrativa de equações matemazônicas; naquele momento, batizada como *Os Filhos do Eclipse*⁴⁸, a narrativa daria início a um compilado de desventuras de um universo que, mais tarde, se expandiria e viria se chamar *Matemazônia*, “[...] um lugar perdido entre a utopia e a realidade, nos contornos de um número complexo, onde a imaginação anda abraçada ao que é real [...]”⁴⁹; um sincretismo de elementos literários; combinados à linguagem matemática e inspiração no folclore amazônico; bem como, de todos os contextos que se configuraram como experiências⁵⁰ até aquele momento, em que me dispus a contornar as primeiras palavras da desventura.

Marcado pelos dias ensolarados que me arrancavam litros de suor e por convicções que me afetavam à época da gestação da narrativa, imergi num processo criativo que, ora se assegurava em minhas (in)abaladas aspirações criativas, ora se tornava comprometido a cada certeza que embutia em fosse o que lá estava criando, afinal, até aquele momento desejava fazer muito, sem saber exatamente o quê ou como fazer; como agora, por exemplo, em que começo a redigir este texto, sem um percurso exato.

Entretanto, com ideias pululando ao imaginário, na tentativa de transpassar os bloqueios que se aglutinam ao ar e mobilizado a caminhar em solo matemazônico, inicio algumas reflexões sobre alguns percursos peregrinados – talvez errados ou somente errantes –, que me conduziram até aqui, a essa desventura acadêmica – mirabolada ou, quem sabe, mirabolante – iniciada entre doses de cafeína, toadas de boi-bumbá⁵¹ e uma poesia matemática de Millôr Fernandes⁵².

Confesso que – entre tantas idas e vindas neste texto, e particularmente neste ponto – questioneei-me sobre a sua qualidade, sobre o quanto atendia ao gênero acadêmico, ao mesmo tempo em que não cogitava renunciar à estética literária. Aos desmoldes de minha molda, contar histórias é um ofício constituinte daquilo que entendo ser a representação do construto crítico que sou, além de um compilado de

⁴⁷ Texto elaborado a partir de leituras em Skovsmose (2001), Bennemann e Allevato (2012), Ceolim e Hermann (2012), Gardner (1994, 1995) e D’Ambrosio (2001, 2005, 2008).

⁴⁸ O primeiro título atribuído à narrativa embrionária de *Matemazônia*, em 2019, quando foi originada. Faz parte do compilado de histórias matemazônicas.

⁴⁹ Machado, 2021, p. 12.

⁵⁰ Nessas reflexões, a experiência demarca importantes territórios subjetivos, pois se constituem em significações e ressignificações daquilo que *nos* transpassa, que *nos* toca, despertando profundidade nos pensamentos, nas emoções, nas memórias, nas ações. (Larrosa, 2002).

⁵¹ Relacionada aos festivais folclóricos amazonenses de boi-bumbá, as toadas são canções que dialogam com a vivência e tradição cabocla, expressando nos versos das composições temáticas (de cunho cultural, político e social) ligadas à Amazônia e aos seus povos (Costa; Fernando, 2013).

⁵² Fernandes, Millôr. *Poesia Matemática*. 2. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2014.

tentativas de transgressão e, mais recentemente, de complexidade. Matemazônia talvez expresse razoavelmente minhas inquietações enquanto alguém que se rendeu à docência e às discussões em torno dela e que, à sua forma, tenta articulá-la(s) às artes e outras expressões de conhecimento (do mais acadêmico ao mais popular).

Não por acaso, esta grande narrativa tem como cerne uma escola que, à sua forma, tenta contemplar as distintas manifestações de saberes, respeitando a pluralidade em todos os seus aspectos; evidentemente, não se tratando de um ideal escolástico, mas assumindo que algumas discussões são importantes para que, *então*, possamos pensar numa escola – quem sabe – ideal.

No contexto mirabolante de Matemazônia, A Escola de Talentos expressa um papel social e político de absoluta importância. Enquanto educador, não posso deixar de pensar na responsabilidade que esse título preserva, afinal, como nas falas de Leona, personagem que veremos mais a frente, “parte de nossa contribuição social, enquanto formadores, é formar criaturas conscientes de seu papel em sociedade. Nós fazemos a nossa parte [...] como nossos ancestrais mais recentes também o fizeram, não estamos aqui à toa, nem eles [os alunos], há uma razão para estarmos aqui”. E ainda que esse *aqui* soe imerso no contexto matemazônico, não deixa de ser uma extensão do que vivemos em realidade, porque pensar politicamente o papel formador de uma instituição de ensino (incluindo o papel do professor) deveria ser a máxima em qualquer lugar, seja no Planeta Terra, seja em Esferóide⁵³, sejam em Lugares-de-Lugar-Nenhum.

É importante pensar que o processo de formação é retroalimentado por todos os sujeitos envolvidos nesta equação, em suas propriedades particulares e como parte de um sistema coletivo. Ao incorporar as discussões em torno das inteligências múltiplas⁵⁴ em associação a uma educação crítica⁵⁵ em seu projeto político pedagógico, a Escola de Talentos de Matemazônia entende como aspecto fundamental do seu papel holístico a percepção de que seus aprendentes são construtos socioculturais⁵⁶ que carregam bagagem intelectual durante a vida e cada bagagem possui – ou deveria possuir – valor équo; que cada criatura é cativada e pode cativar por meio de diversas expressões do conhecimento, que podem ou não ser manifestas mais expressivamente; que, de exímios livreiros a perspicazes desportistas (ou ainda uma articulação entre ambos), a Escola contempla criaturas que se percebem como percebidas, em seus

⁵³ Também descrita como “Planeta Esfera”, faz parte do sistema planetário ao qual Matemazônia faz parte.

⁵⁴ A Teoria das Inteligências Múltiplas (Cf. Gardner, 1994, 1995) apresenta uma versão multifacetada do que concebemos enquanto inteligência, esclarecendo que os seres humanos existem em múltiplos contextos e que esses contextos requerem e estimulam diferentes grupos de inteligência.

⁵⁵ Cf. Freire (1987, 1996, 2001), D’Ambrosio (2001, 2005, 2008) e Skovsmose (2001).

⁵⁶ Percepção de que cada sujeito está inserido em um contexto cultural que reflete socialmente em aspectos de sua vida. Às reflexões de D’Ambrosio (2005, p. 102), “[...] o conhecimento e o comportamento humanos nas várias regiões do planeta ao longo da evolução da humanidade, naturalmente reconhecendo que o conhecimento se dá de maneira diferente em culturas diferentes e em épocas diferentes”.

talentos e em suas limitações e na democratização⁵⁷ de uma educação que assegura direitos – para além do próprio direito à educação⁵⁸.

Nas palavras de Tucucano, um dos mais notáveis diretores da Escola de Talentos de Matamazônia, “[...] é de extrema importância que pensemos que, a partir da democratização da educação, engajamos – ou pelo menos tentamos engajar – criticamente nossos alunos, os orientamos à autopercepção da importância do seu papel na construção de sua emancipação, da sua atuação enquanto sujeito cidadão e crítico, e do quanto suas ações refletem em sociedade”⁵⁹.

Simpatizante das discussões em torno da Educação Crítica⁶⁰, Tucucano incorporou em sua gestão frente à Escola de Talentos, discursos e práticas alinhadas a emancipação de sujeitos em formação, afinal, não “encaixava em seus bicos” discutir sobre o protagonismo de seus alunos e, paralelamente, não lhes oportunizar situações para que pudessem exercer tal papel. Não à toa, por meio de Tucucano a Escola de Talentos passou a incorporar as vozes de seus estudantes no processo de reflexão e construção das políticas e atividades escolares matemazônicas, afinal, consoante seus entendimentos, há um argumento pedagógico que circunda essa prática: mostrar que o diálogo tem papel fundamental nas ações democráticas, sejam elas em contextos formais, informais, institucionais e/ou não-institucionais, para além de também se relacionar intimamente às atitudes individuais de cada sujeito.

Considerando as bases de formação de Matamazônia⁶¹ e – conseqüentemente da Escola – e mais especificamente com relação à base matemática, Tucucano iniciou um movimento de questionamento à sua hegemonia. Não lhe era coerente dar voz a debates sobre, por exemplo, a valorização dos mais diversos perfis intelectuais, em busca da emancipação de seus alunos, e glorificar aquele predominantemente lógico-matemático em detrimento aos demais. Evidentemente, naquele momento, se acompanhavam as mudanças guiadas por avanços impulsionados pela Matemática – que já havia sido batizada como representação das operações mecânicas da natureza, a força motriz do progresso tecnológico e, portanto, do progresso social em geral –, mas como ela serviria

⁵⁷ A democratização da educação é uma das reflexões incorporadas nos diálogos em torno da Educação Matemática Crítica. Semanticamente preserva o teor da palavra democracia (relacionada à distribuição de direitos e deveres frente a uma estrutura social), mas incorpora, para além disso, o entendimento de que democracia “[...] também caracteriza os modos de participação em discussões e na crítica de decisões reais. Uma democracia deve dar lugar para a cidadania crítica, a qual constitui o verdadeiro desempenho de uma competência crítica”. (Skovsmose, 2001, p. 76).

⁵⁸ À exemplo do que é preconizado na Constituição Federal brasileira de 1988 (Brasil, 1988), a educação em Matamazônia também é apresentada como direito social a ser garantido pelo ciclo familiar, pelas instituições de ensino e pelas representações políticas.

⁵⁹ Trecho transcrito do discurso de despedida de Tucucano do cargo de diretor da ETM, frente a comoção de um legado de preocupações em torno da democratização de oportunidades.

⁶⁰ Cf. Freire (1987, 1996, 2001).

⁶¹ As bases de formação de Matamazônia estão relacionadas às linguagens, às artes, às ciências e às matemáticas e nos seus entrelaçamentos.

à emancipação de sujeitos críticos e sociais se todos os vetores apontavam para uma Matemática de interesses técnicos?⁶²

Era um questionamento que dava direção à repostas que não dialogavam com os pressupostos da educação matemazônica. Assim, o papel da Matemática passou a ser repensado em Matemazônia a partir da Etnomatemática e da Educação Matemática Crítica; foi um pontapé para que se questionasse, inicialmente, sua glorificação nos espaços formativos, como na própria Escola de Talentos em seus primeiros anos de existência. “Como promover aspectos como criticidade, criatividade, autonomia, sociabilidade e tanto mais se, nas nuances de nossas relações em pares, ensinamos nossos alunos a se comportar como máquinas e corresponder a comandos diante de expressões como “Resolva”, “Encontre” e “Calcule?””, os formadores da escola passaram a se questionar.

Claro! Não se podia, evidentemente, ignorar os conhecimentos matemáticos solidificados, não era essa a pretensão. O que se buscava a partir da incorporação de tais discussões – e num nível mais interessante de sua aplicabilidade – seria, de forma otimista, a formulação de práticas de uma matemática de contextos reais, dialógica, de empoderamento e voltada para a justiça social.

Sim! Também de justiça social, afinal, sendo o berço de diversos grupos que se formaram e miscigenaram ao longo do tempo, Matemazônia tornou-se uma expressão de diversidade e – em suas tentativas – de inclusão. Preteritamente refém de um período obscuro de estratificação frente a interesses pessoais e políticos de automeados líderes, experimentou a amarga desigualdade tocar suas raízes e, delas, surgirem muros que lhe separaram em quatro partes. Quando os muros foram derruídos e seu solo se viu livre deles, com um povo marcado pela intransigência de seus “representantes”, iniciava-se um novo desafio: como superar todas as diferenças e adversidades que surgiriam a partir de então, e, para além delas, as trevosas relações de poder alimentadas naqueles anos?

As decisões e ações tomadas a partir dali seriam decisivas para a posteridade. Nesse contexto, surgem as escolas e práticas pedagógicas com discursos emancipadores, entre elas, a Escola de Talentos de Matemazônia, e depois de algum tempo, discussões que contemplariam a educação como oportunidades para a transformação articuladas a práticas mais coerentes dentro do contexto em que Matemazônia se inseria. Dentre essas práticas, a mudança de percepção em torno do papel da Matemática, pela Etnomatemática e pela Educação Matemática Crítica, sendo um dos aspectos mais relevantes – e, até certo ponto, utópico – sua atuação na garantia de justiça social, por meio da emancipação e do empoderamento de seus estudantes.

E mesmo que, com o tempo, tenha-se percebido que nem todas as tentativas de emancipação e empoderamento garantiam a formação emancipada e empoderada de

⁶² Cf. Skovsmose em uma de suas entrevista (Ceolin; Hermann, 2012).

todos os alunos da Escola⁶³, ainda era importante, dentro das discussões acerca da base matemática, que aquelas criaturas socialmente marginalizadas, por exemplo, se sentissem pertencidas, percebendo a matemática em seus espaços sociais, fazendo uma leitura crítica dos ambientes matematizados, percebendo e compreendendo os contextos em que a matemática estava inserida e suas articulações com outras áreas de conhecimento. E se esses estudantes fossem contemplados, se tornava combustível para que o trabalho não padecesse, afinal, não se conseguiria transformar a vida de todos, mas o esforço continuaria acontecendo para que a transformação pudesse atingir o maior número possível.

É. Machado em junho de 2022 (originalmente escrito).

É. Machado em novembro de 2023 (texto com adições e edições).

⁶³ Skovsmose reconhece que diante do sistema econômico e político sob o qual estamos inseridos, torna-se utópico pensar que a Educação Matemática Crítica, por exemplo, conseguirá transformar em aspectos emancipatórios a vida de cada estudante. (Ceolin; Hermann, 2012).

~~AVISO IV~~

AVISO V

Na mitologia grega, quando não havia coisa alguma, o caos (do grego, *Kháos*) foi o primeiro a existir: um vazio, um abismo cego, onde não havia distinção de nada; só então surgiu *Gaía*, a Terra, representando o seu contrário (Vernant, 2000).

Embora o caos seja evocado pelos gregos, por meio de suas histórias e mitos, como “[...] uma espécie de névoa opaca onde todas as fronteiras perdem nitidez” (Vernant, 2000, p. 18), assumindo uma conotação vertiginosa de imprecisão e incertezas, não podemos deixar de conceber a sua importância como marco fundamental para o início e para o fim; é o abismo que se abre para um chão sólido (Morin, 2005b; Vernant, 2000).

O caos desordena, mas também organiza. Como uma das ideias do pensamento complexo⁶⁴, o caos é organizador, é a precedência inextricável da ordem e da desordem (Morin, 2005b; Petraglia, 2012).

E essa é a primeira informação importante: Matemazônia nasce do caos.

Entre compassos e descompassos, ordenamentos e desordens, as origens matemazônicas esbarram numa explosão de “sinapses criativas”, que originam todas as suas narrativas. Assim como *Gaía*, nascida do seio do caos, concebe os céus, as montanhas e as profundezas, Matemazônia – que surge em meio a um período de confusão e opacidade⁶⁵ – concebe venturosamente suas aventuras e desventuras.

Entendo que, conceber Matemazônia, enquanto um resultado de um processo imaginativo e criativo, e enquanto objeto de pesquisa, não seja exatamente um problema paradigmático, contudo, o pensamento complexo nos apresenta que “[...] quando pensamos na pesquisa, com suas atividades da mente, com o papel da imaginação e o papel da invenção, nos damos conta de que as noções de arte e de ciência, que se opõem na ideologia dominante, têm algo em comum.” (Morin, 2005b, p. 51).

Nas palavras de Morin (2005b, p. 59),

[...] é preciso estabelecer uma comunicação bem maior entre ciência e arte, é preciso acabar com esse desprezo mútuo. Isso porque existe uma dimensão artística na atividade científica e, constantemente, vemos que os cientistas também são artistas que relegaram para uma atividade

⁶⁴ O termo vem do latim *complexus*, que significa “aquilo que está tecido junto”. Por isso, pode-se dizer que tudo na sociedade e no mundo está tecido junto. Portanto, a complexidade é aquilo que forma as redes nas quais tudo está conectado a tudo (Morin, 2005).

⁶⁵ Referência ao período em que estive “desorientado” durante a graduação, sem saber ao certo o porquê de ainda estar cursando uma jornada que não fazia sentido algum para mim. Apaixonado por literatura e artes, estar graduando em Licenciatura em Matemática ganhou um rumo diferente quando me encontrei em e com Matemazônia, em todas as possibilidades de dialogar arte com o conhecimento científico.

secundária ou adotaram como kobby seu gosto pela música, pela pintura e até mesmo pela literatura...

E, então, temos a segunda informação importante: Matemazônia nasce para a pesquisa acadêmica e nasce da arte, entrelaçada à literatura, através de narrativas delirantes de um lugar perdido, onde é possível encontrar prosa e poesia⁶⁶, sabedoria e loucura, antagonismo e complementaridade, questionamentos e respostas que podem mudar com o badalar das horas.

Aventurar-me em solo matemazônico – e aqui me reconheço (quase) como uma personagem que desbrava esse solo fértil de imaginação –, tem sido uma jornada que ziguezagueia por entre o cultivo do “eu gosto de estar aqui” e a rigidez da ideia contrária. Registrar suas histórias tem despontado, em mim, paixão, com todo o seu ardor, faz eu me sentir vivo e (confesso!), às vezes, louco.

E ainda que eu experimente mudanças de humor que me roubam o sossego, não posso, no entanto, deixar de reconhecer que há virtudes na *demens*-idão do ser *homo*, do ser biocultural⁶⁷, afinal, para além da sapiência, ser *homo* implica ser *demens*: afetivamente extremo, convulsivo, colérico, apaixonado, dotado de desrazão; é o que nos move a instituir diálogos entre ciência e arte; é o que nos faz criar, dançar, cantar, poetizar... A arte, além de uma expressão literária, é uma “[...] possibilidade para o autoconhecimento e para o conhecimento do mundo” (Morin, 1997 apud Petraglia, 2012, p. 76).

O estado poético faz parte do tecido de nossa existência, é a complexidade que nos envolve, já diria (em outras palavras e palavras mais assertivas, claro!) Morin (2015) que, cidadão do mundo, aprendeu a ser explorador e multicultural; que, fascinado pelo cinema, se enxergava no imaginário e, ao mesmo tempo, se projetava na realidade; que, leitor de romances e jornais, apreciador de *Beethoven* e dos bailes populares franceses, das massas e da erudição, manifesta em suas obras “[...] a importância da arte em sua formação autodidata, em sua cultura e no cultivo da sensibilidade para a vida” (Petraglia, 2012, p. 74).

E, assim, com essas (provisórias) palavras iniciais, em meio às tecituras do pensamento complexo, imerso em dimensões matemazônicas, apresento uma forma de expressão e compreensão conjugada entre o p(eu)sqisador, o (eu)scritor, o pr(eu)fessor

⁶⁶ Consoante Morin (2002 apud Petraglia, 2012), a linguagem comporta prosa e poesia, em que a primeira denota lógica e técnica, enquanto a segunda conota metáforas, se relaciona a sonhos, imaginário, ao encantamento diante da beleza da vida. Ambas são expressões de estado de espírito dos sujeitos, sendo contraditórias, mas também complementares. Para além disso, Morin (2005a, p. 10) é categórico ao afirmar que “[...] é necessário aspirarmos a viver o estado poético e assim evitar que o estado prosaico engula nossas vidas, necessariamente tecidas de prosa e poesia.”

⁶⁷ O pensamento complexo reconhece que existe na complexidade humana uma relação biocultural entre o *homo sapiens* e o *homo demens*, que conjugam o mesmo ser e endossam o diálogo (em nós mesmos) entre sabedoria e loucura, prudência e ousadia, entre a complementariedade e o antagonismo (Morin, 2005a, 2020).

e o art(eu)sta, que versa a multiplicidade de uma existência, de um Eu, de uma tentativa de ser complexo, planetário – e diria até transgressivo: entrelaces entre a pesquisa acadêmica e a escrita literária; afinal, para além de lógico, o pensamento complexo detém e compartilha a consciência do pensar e da imaginação que transpassam o horizonte da lógica (Morin, 2003).

Destaco, aqui, ainda, que a dimensão poética deste trabalho acadêmico não subalterna a sua dimensão prosaica, trata-se de entrelaces entre ambas, em meio a uma estética literária que busca tangenciar e tecer, no universo da educação matemática, o dialogismo, a complementariedade, a afetividade, a criatividade, a imaginação, o lúdico... e tantas outras coisas... complexas.

É. Machado em dezembro de 2022.

post scriptum: caso minhas tentativas de articular o pensamento complexo com ideias (talvez) mirabolantes não tenham sido suficientemente claras, peço desculpas e isso talvez me faça repensar a estética da minha estilística.

ÓRUS



OS PERGADIDÁTICOS

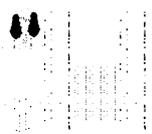


**COLEÇÃO PERGADIDÁTICA BASEADA NOS ESCRITOS MAGTÉTICOS DA
PRIMEIRA GERAÇÃO DE LIVREIROS DE MATEMAZÔNIA**

IRMÃOS PRIMO, SIGMA E LOBO

ESTUDOS HISTÓRICOS MATEMAZÔNICOS I

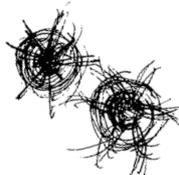
Escola de Talentos de Matemazônia



Iniciar este amontoado de palavras, de éxis, como insistem os nossos geradores, sem dar a devida importância à história de Matemazônia, seria um grande absurdo, e então, muito provavelmente, este vazío representaria a nulidade de nossas intenções ao apresentar esta sucessão de laudas rabiscadas com letras, frases, parágrafos, muita coisa elevada ao desconhecido.

Nossa avó sempre nos disse que ao contar a história de um lugar, do seu espaço de origem, você assegura uma parte muito importante da sua própria existência, afinal, todos nós, com todos os nossos detalhes, fomos gerados num lugar.

LOBO



REPRESENTAÇÃO
DA ORIGEM MATEMAZÔNICA:
A EXPLOSAO DOS ASTROS,
O SURGIMENTO DE ESFEROIDE
E O NASCIMENTO DE TERRA,
A MAE DE MATEMAZÔNIA



ORIGENS MATEMAZÔNICAS

“Matemazônia nasce em nós”, escreveu Sigma em um de seus escritos magtéticos, datado em mais de duzentos anos. O livreiro original, que pouco antes de falecer escreveu uma carta direcionada à primeira direção da Escola de Talentos de Matemazônia, revelando a localização de todos os seus trabalhos não publicados, bem como dos irmãos que, anos antes, tiveram seus nomes marcados em uma das páginas mais trágicas da história matemazônica, finalizou a missiva afirmando que “Térrea nos espera!”.

Térrea, nas palavras de Lobo; o livreiro idealizador da Biblioteca de Matemazônia, responsável por maior parte dos registros matemazônicos, muitos deles transfigurados em romances; seria a mãe dos continentes, das faunas e das floras, assim, a genitora de Matemazônia. Em um de seus registros (há um século aproximado), Lobo escreveu:

Dizem que antes da existência da vida que conhecemos, existiu um Ser Maior que habitava Um Lugar e que Em Algum Momento, neste lugar, sonhou.

Neste sonho, inúmeras indeterminações percorreram sua mente, levando-o a questionar sua existência, afinal, “Por que estou aqui? O que eu posso fazer para melhorar?”, ele pensou.

E então, como quem quer respostas, em toda a sua loucura científica, retirou vários de seus olhos, centralizando as írises nos núcleos dos globos, para que tudo visse. Deu um sopro em cada um deles, transformando-os em lugares opacos e sem vida. E entre eles estava Esferóide.

Dizem ainda que outros globos, embora tido o mesmo destino, incorporaram Experimentos diferentes. Em Esferóide, o Ser resolveu testar a capacidade de vida em interações mais substanciais e intensas, fosse com a natureza, com os conflitos sociais, cada ser com seus assombros particulares; é como se o globo de Esferóide fosse o mais extremo.

Então houve aquele clarão que todos conhecem por Explosão dos Astros, nascendo assim os regentes de Matemazônia: os Elementares. Dentre eles, estava Térrea, a mãe de Matemazônia, considerada a primeira dos cinco Espaços de Térrea⁶⁸. Por ser sua primogênita, herdou quase todos os recursos e criaturas, tamanha adoração da mãe. Os outros Espaços tiveram menos privilégios. E talvez por isso tenham sido reduzidos à ruína muito antes de Matemazônia.

Os Elementares deram origem às suas criaturas, que passaram a se reproduzir conforme o tempo, gerando assim todos os Regulares e Irregulares que constituem Matemazônia.

Assumidamente Caçadores de Irregulares, porém, intuídos apenas a realizar a catalogação das criaturas matemazônicas, os irmãos descrevem (há um século

⁶⁸ Térrea é constituída por Matemazônia, Águas, Dimensões Superiores, Dimensões Inferiores e Dimensões Centrais.

aproximado) que “[...] só prosperavam ao nascimento os Regulares (as criaturas humanas) e os Irregulares (que tivessem essência humana em sua constituição genética), dando origem aos penosos, escamosos, criaturas de celulose e muitos outros [...]”, que primordialmente compuseram a diversidade matemazônica. De acordo com documento histórico, com data desconhecida, mas remontada há quatro séculos, e assinalado pelo pseudônimo M., que muitos matemazônicos relacionam a Mathrestro (descendente do primeiro reinado), a existência em Matemazônia

[...] não seria possível sem os tantos conjuntos que se formaram no decorrer do tempo; ser natural, inteiro, racional ou irracional era apenas um detalhe diante do acolhimento real da diversidade local. Por muito tempo, o reino viveu na harmonia, na equidade e respeito de uma expressão numérica.

Mas, então, um dia, esse “por muito tempo” acabou.

Evidentemente, fazendo referência ao período conhecido como Obscurantismo das Quatro Ordens (a ser discutido posteriormente), M. destaca no registro magtéticos o episódio denominado pelos matemazônicos como Prefácio Profético.

Matemazônia. Um lugar perdido entre a utopia e a realidade, nos contornos de um número complexo, onde a imaginação anda abraçada ao que é real. A existência nela não seria possível sem os tantos conjuntos que se formaram no decorrer do tempo; ser natural, inteiro, racional ou irracional sempre foi apenas um detalhe diante do acolhimento real da diversidade local. Por muito tempo, o reino viveu na harmonia, na equidade e respeito de uma expressão numérica. Mas, então, um dia, esse “por muito tempo” acabou.

Matemazônia se tornou um lugar estratificado, de intolerância, onde a criticidade passou a desafiar o totalitarismo do medo; do desconhecimento; das éxis contaminadas; se tornou uma unidade separada pelo denominador da intransigência, onde reinaram as Divisões, onde tudo passou a ser fracionado.

Tudo aconteceu muito antes daquela profecia, quando o Conhecimento e a Compreensão andavam juntos, quando o casamento destes monômios era o suficiente para abastecer Matemazônia de ambas as essências. Há quem diga que foram bruxos, feiticeiros, os grandes responsáveis pela profecia que acabaria com as lutas instauradas, mas tudo, todos os vetores da história local começaram a perder força, direção e sentido; o tempo passava (e Matemazônia não tinha tempo!); as árvores estavam desaparecendo, o carvão, a água, o trigo; as cores não se misturam; os rios continuam secos porque as chuvas se tornaram incertas, porque todos os recursos se tornaram incertos; incertezas cruéis. E ainda assim, os líderes do futuro - ou pelo menos a maioria - se resignavam às suas verdades incontestáveis.

As retas de Matemazônia ganharam um ângulo diferente quando houve a reprodução multiplicativa; quando, da gravidez de nossos monômios, resultou-se três criaturinhas essencialmente diferentes entre si, embora fossem a conclusão de um quadrado perfeito. Com o tempo, e diante de suas projeções para o futuro, percebeu-se a convexidade que regia as relações daquelas crianças, que repulsavam todo e qualquer saber que contestasse ou fosse a desencontro dos seus, levando a mãe, Compreensão, à loucura.

Algum espaço de tempo se passou; as criaturinhas já eram criaturas médias e rebeldes e a convexidade permanecia constante; todos os matemazônicos e seres do reino, as criaturas de pena, de pele, de escama, de celulose, animais de poder ou não, comentavam e temiam aquela circunferência de intolerância.

Algum outro espaço de tempo se passou mais uma vez e, agora adultos, a três criaturas se mostravam cada vez mais resistentes aos posicionamentos alheios; seres extremamente inteligentes, diversas foram as brigas protagonizadas pelos irmãos, que tentavam apagar de todas as formas os conhecimentos que não fossem pertinentes às suas prepotências e potências; àquelas alturas, Compreensão já podia ser chamada de A Louca, traumatizada pela constatação de alguma falha no quociente da complacência com os filhos.

O pai, Conhecimento, embora orgulhoso no começo, quando os filhos passaram a dominar e denominar seus próprios posicionamentos, passou a temer os desfechos que aquela briga poderia causar. Exatamente por isso, pouco antes da dádiva do último suspiro se fazer presente na família, proferiu uma profecia.

Passado o período de luto, os irmãos, já prevendo tal momento há muito tempo, decidiram concretizar aquilo que declararam durante todos os anos de brigas - o motivo que aterrorizava os matemazônicos: a divisão de Matemazônia.

A ASCENSÃO E O DECLÍNIO DE UM REINADO: UM PREFÁCIO PROFÉTICO

Em “Comentários Sobre A Profecia” (de aproximadamente 180 anos), texto de autoria dos irmãos livreiros, Primo é categórico em suas primeiras observações: “Conhecimento é, a meu ver, a maior incógnita dentro de Matemazônia. Talvez até mais misterioso que a nossa própria origem enquanto povo. De onde ele surgiu, se nenhum registro aponta nele descendência matemazônica?”.

De acordo com Lobo (há um século aproximado), sendo Conhecimento um dos seres mais sagazes que pisaram em Esferóide, diversos indícios apontam que:

“[...] (ele) só conquistou o trono porque presenteou Térrea com uma estrela que foi plantada em sua essência. Após Térrea sentir a plenitude lhe recobrir, explodiu o presente em inúmeros estilhaços, para que em toda a sua essência se resplandecesse a beleza da estrela, dando origem assim a todos os cristais de Matemazônia. E então, Conhecimento recebeu a permissão para liderar o povo matemazônico; exatamente como uma moeda de troca.”

Após subir ao trono, Conhecimento constituiu família com Compreensão, jovem matemazônica que trabalhava com o pai, uma criatura de ígneo, soprando vidros. Filha de duas criaturas regulares, porém, abandonada após o nascimento às portas de um ser de chamas, cresceu em meio às dificuldades, sem perder, no entanto, esperança em dias melhores. Tempos depois, passou a lecionar aulas para criaturas que, assim como ela, eram humildes.

Também em “Comentários Sobre A Profecia”, Sigma afirma que Compreensão – “[...] que ganhou esse nome aos sete anos, após demonstrar ser uma criança benevolente e compreensiva [...]” – apaixonou-se por Conhecimento ainda no primeiro encontro, quando aquele homem misterioso lhe entregou uma flor (que reclamava por ter sido despertada de seu sono).

Não demorou muito, Compreensão carregava em si, trigêmeos. E, conforme descrito em Desventuras de Matemazônia (compilado de registros históricos sob uma perspectiva poética de Lobo), diversos matemazônicos seculares, que participaram do processo de registro magtético e que presenciaram a sucessão de fatos, informaram que,

[...] no dia do nascimento da tríade da ruína, alguns eventos peculiares tomaram conta dele, exatamente como uma equação cheia de incógnitas, numa expressão mal resolvida. Contudo, o mais conturbado dos momentos foi certamente quando uma mulher misteriosa potencializou sua voz à desconhecida potência, pedindo para que Conhecimento impedisse o nascimento dos filhos.

Era uma tola, certamente.

- Este trinômio, meu senhor, será uma tríade de muita desgraça, que trará ruínas à Matemazônia. Não os deixe nascer. Matemazônia arderá em escassez, na nulidade de uma expressão numérica. Essa é a éxis que reinará... - ela implorava.

Conhecimento a encarava, confuso e assombrado. Enfurecido, pediu para que a prendesse na masmorra mais alta de toda Matemazônia, onde nem mesmo o Sol ousava tocar. Como ela poderia dirigir àquelas palavras aos seus filhos? Teria que se arrepender!

Órus era o nome da mulher. Uma criatura de poder, com habilidades visionárias. Diziam ser a melhor leitora de mãos e a intérprete de sonhos mais perspicaz de toda Matemazônia (Lobo, há um século aproximado). A criatura foi levada à masmorra, sobrevivendo, desde então, apenas no imaginário popular matemazônico.

Muitos ecos sugerem que após ser confrontado por Órus, Conhecimento procurou explicações superiores de oráculos e outros intérpretes que pudessem dar respostas às suas perguntas. Sem sucesso, precisou recorrer a um antigo desafeto, uma das criaturas de celulose mais antigas de toda Matemazônia e que havia lhe ajudado a ascender socialmente: A Árvore Centenária.

Sem rodeios, Centenária trouxe à recordação de Conhecimento aquilo que era conhecido por Maldição do Regente: aquele que dominasse Matemazônia teria que lidar com suas perdas. De acordo com Primo, Sigma e Lobo (há aproximadamente um século), pela Maldição do Regente:

Você ganha uma coisa e perde o dobro, o triplo, o quádruplo dela; ganha poder e então você percebe o quão impotente você se tornou.

Conhecimento ganhou a posição de regente, mas as reações daquela maldição afetariam não somente a ele, como a toda Matemazônia. E ele sabia disso. Centenária sabia disso e sabia que Conhecimento era uma criatura sagaz, que percorria

Entranhas para combinar informações que o permitissem colocar seus planos em prática. Não era um peregrino tolo.

Foi assim, antevendo a tragédia que abateria toda Matemazônia, que Conhecimento tratou de iniciar outros movimentos perspicazes e testamentou uma profecia, proferida mais tarde, em seu leito de morte.

Na origem do universo, eclodiram os astros, os amantes, os condenados,
Os castigados às suas próprias suficiências, os regentes de Matemazônia.

E às folhas tantas do livro da vida,

Um trinômio se apaixonou pela enésima potência do signo do ego;

Com olhar inumerável, viu o poder do ápice à base;

Encontrou nos reflexos de sua figura, a infinidade de suas limitações;

Escandalizaram sistemas, romperam convenções

e nos convidaram a dançar suas músicas, em seus diagramas,

às suas formas geométricas.

E então tudo se fracionou. Sem um denominador comum.

É o prefácio da escassez. A incógnita da felicidade igualada à zero.

O tempo se arrasta às sombras das lembranças.

Os astros gargalham, gargalham muito;

quando você acredita que eles se cansaram, gargalham mais uma vez.

Mas, então, eles param, pois é chegado, por fim, o dia do Encontro, a Ocultação.

É o momento em que os matemazônicos sorrirão, sem contornar um sorriso.

É a intersecção dos piedosos; os iluministas da éxis;

Os Três Filhos do Eclipse.

NASCE UM NOVO IMPÉRIO: AS QUATRO ORDENS E O OBSCURANTISMO MATEMAZÔNICO

Após o falecimento de Conhecimento e, posteriormente, de Compreensão, Matemazônia passou a ser administrada por seus três filhos, os autodenominados Líderes do Futuro, que mobilizados por suas motivações megalomaniacas, a fracionaram em quatro partes.

As criaturas precisavam escolher em qual Divisão viveriam a partir dali: Primeira Ordem de Matemazônia, Segunda Ordem de Matemazônia ou Terceira Ordem de Matemazônia. Os seres que não optassem por nenhuma Divisão, viveriam às margens do reino, na Quarta Ordem, sem direitos ou atenção. Pouquíssimos foram os resistentes. E com as Divisões vieram também os Congressos, para discutir os rumos de cada Ordem e a manutenção dos Acordos, os chamados Acordos de Paz, que estabelecem regras para toda Matemazônia. Não questionar, não reagir... “não transgredir!”, como eles diziam; não ultrapassar as barreiras fronteiriças, tampouco se relacionar com criaturas de outras Divisões, sendo este último um delito gravíssimo, passível de

expulsão de toda Matemazônia. A necessidade de organização, para que os matemazônicos pudessem viver em “harmonia”, na medida de suas intransigências.

Com o tempo, as chamadas Ordens passaram a adotar características dominantes.

Por deter a majoritária parte das águas matemazônicas, devido a localização privilegiada às proximidades do Grande Amazônida, a Primeira Ordem de Matemazônia tornou-se a divisão das cores frias e, tal qual seu líder, dos comportamentos enrijecidos.

A Segunda Ordem de Matemazônia, ordem das cores quentes e comportamentos vibrantes, detinha sob sua extensão territorial todo o solo fértil para a plantação de trigo e macaxeira, base da alimentação matemazônica.

Já a Terceira Ordem, responsável por abastecer toda Matemazônia com carvão, tornou-se a fração blasé, cinza como sua cor dominante.

Paralela e miserável, a Quarta Ordem não havia cor. Mas, se fome tivesse tons, certamente seriam esses.

Havia uma razão para que se houvessem tais distinções: era terminantemente proibido que as criaturas de uma ordem permanecesse por muito tempo, e em momentos inapropriados, em outra que não fosse a sua, sendo imputado crime em casos de

- I) envolvimento afetivo entre criaturas de ordens distintas;
- II) ultrapassagem da Divisão sem permissão;
- III) desrespeito às regras locais;
- IV) acolhimento e manutenção de quaisquer criaturas irregulares.

Motivados a impossibilitar que criaturas irregulares se misturassem às suas ordens, os tais líderes impuseram a elas duas possibilidades: Quarta Ordem ou Êxodo. Grande parte permaneceu nas Divisões. Porém, outra grande parte adentrou às florestas, emergiu em outras águas ou ganhou o céu, razão pela qual muitas dessas criaturas foram extintas.

A cada Congresso ou Cerimônia do Acordo havia uma atualização de extinção de alguma espécie. Eram encontros anuais, em que os líderes se reuniam para discutir a inserção, modificação, permanência ou eliminação de algum termo acordado.

Todos os anos, os matemazônicos torciam pela derrubada da muralha, porém quando chegava o final da reunião e nada acontecia, restava-lhes cair em revolta silenciosa. Houve alguns mártires que tentaram derruir aquele sistema fragmentário, sem sucesso.

“

Essa é certamente a parte mais importante de toda a história deste lugar, porque foi quando se levantou em questionamento tudo aquilo que se constituía enquanto verdades indiscutíveis de uma nação aprisionada, que cediam àqueles que se autoneameavam líderes do futuro.

LOBO

OS ILUMINISTAS DAS ÉXIS

No passado, as éxis (*éksis*, ancestralmente entendidas como a substancialidade de cada indivíduo) assumiram formas de discursos baseados em poder.

Etimologicamente relacionadas ao mimetismo, capacidade de um elemento incógnito de assumir diversas formas, as éxis passaram a ser adotadas nos discursos nebulosos dos líderes de Matemazônia, filhos de Conhecimento e Compreensão, respaldando suas intransigências.

Evidentemente, as éxis podem assumir uma multiplicidade de significados, desde que relacionadas à sua verdade dominante. No entanto, assumi-las como “verdades absolutas” ou ainda como “um resultado incontestável de uma expressão numérica” tende a conduzir um indivíduo, bem como seu grupo social, por veredas obscuras, como aconteceu em Matemazônia, afogada em um conflito de egos, posicionamentos, ideologias.

Não nascemos com verdades, mas somos moldados através delas. Às vezes, incorporamos às nossas vidas certezas que não são nossas, porque a única opção dada foi aceitar e então passamos a defendê-las como sendo éxis, ainda que não saibamos exatamente o porquê disso. (Lobo, há um século aproximado).

Após o proferimento da profecia, aguardava-se desesperadamente o dia em que os muros seriam derruídos. Por anos, Matemazônia viveu sob uma nuvem mórbida. Nos relatos históricos,

[...] o tempo passa; as árvores estão desaparecendo, o carvão, a água, o trigo; as cores não se misturam; os rios continuam secos porque as chuvas se tornaram incertas, porque todos os recursos se tornaram incertos; incertezas cruéis. E ainda assim, os líderes do futuro - ou pelo menos a maioria se resignam às suas verdades incontestáveis.

Realidade que ganhou contornos diferentes após o nascimento daqueles que foram conhecidos por uns como Filhos do Eclipse, por outros Iluministas das Éxis, e pela grande maioria como Marvem, Elah e Graveto, respectivamente, das Primeira, Segunda e Terceira Ordens.

Marvem, O Lógico, era um rapaz reto, determinado, objetivo como a própria matemática pura. Elah, A Diplomata, percebia em sua voz um poderoso mecanismo de luta pela diversidade, igualdade e equidade. Graveto, O Criativo, muito perspicaz, aprendeu cedo os meandros da existência, era um camaleão, um sobrevivente.

Nascidos do eclipse, no exato instante em que uma forte luz cegou todos os matemazônicos por segundos, aquelas três crianças passariam a representar, a partir de então, a adorada esperança por dias melhores. Eram seus destinos. Estava traçado. (Lobo, há um século aproximado).

Por 18 luas, cada um viveu à forma das certezas que lhes eram apresentadas. Questionando-as ou não, aquelas verdades sob os limites da grande muralha conduziam suas vidas. Exatamente por isso, uma bomba atômica teria sido menos catastrófica do que um encontro [...] (Lobo, há um século aproximado).

O PERCURSO POLIGONAL E UMA PEQUENA MARTIR

Após a morte do líder da Primeira Ordem de Matemazônia, o trono foi assumido por um descendente improvável: Mathestro.

De acordo com Sigma (há aproximadamente um século e meio), “[...] Mathestro era caótico, como um dia de tempestade”,

[...] Mathestro tinha uma história de vida com curvas agitadas e dramáticas. A maneira com que foi concebido, por si só, já demonstrava o caos ao qual foi destinado.

Mathestro era acompanhado desde a infância por uma fiel escudeira, DEF, um animal de poder, na forma de uma formiga da enésima dimensão.

[...] era um tanto retangular, com a cabeça piramidal e repleta de retas, curvas, parábolas e formas brilhantes desenhadas pelo corpo. (Lobo, há um século aproximado).

Graças a Mathestro, houve a interceptação no destino dos jovens, que segundo relatos, embora estivessem separados por muralhas e nunca tivessem se encontrado, sentiam a presença dos demais, as conexões que os entrelaçavam era inexplicável.

Mathestro seria a partir, de então, tutor dos Filhos do Eclipse.

Para desfazerem a profecia, os quatro teriam que percorrer um caminho congruente à trajetória de Conhecimento. Eles precisariam despertar Térrea da inércia e, para, além disso, surpreendê-la, exatamente como fora feito há tantos anos. Mas dessa vez, deveria ser grandioso. E para isso, eles precisariam da ajuda da única criatura possível para aquele problema: Centenária.

Naquele momento, Centenária estava exilada em Esquecimento, hoje integrada à Área de Perigo⁶⁹ de Matemazônia. No entanto, para chegar até lá, era necessário passar por Geométrica, Diferencia e Altitude, conhecida por algumas criaturas como Percurso Assombrado (hoje, também integrados à Área de Perigo).

A tríplice formava, junto a Esquecimento, um polígono não convexo.

E foi em Diferencia que DEF deixou sua marca registrada na história matemazônica. Em um embate com Solenóglifa, criatura rastejante, derivada em várias serpentes da ilha que, unidas, resultavam em uma espécie altamente perigosa, DEF salvou Mathestro, Elah, Marvem e Graveto.

Determinada, antes que Solenóglifa engolisse aqueles que representavam a única solução para os problemas de Matemazônia, DEF soube o que fazer,

[..] quando a serpente abriu mais uma vez a boca, intimidando os seus protegidos com o odor fétido do desespero e medo, DEF seguiu em velocidade nunca percorrida e já dentro de Solenóglifa, concentrou todo o seu poder num magnífico processo de sinergia, para assim brilhar em explosão como nunca fora visto antes. Ainda que pra isso, tivesse que ter deixado de existir.

A (RE)UNIFICAÇÃO DE MATEMAZÔNIA

Após o sacrifício de DEF,

Não demorou muito para que chegassem até Esquecimento, um ambiente opaco, quase inabitável, mas denso, com partes quentes e frias. Todos podiam sentir vibrações, barulhos, resmungos, mas não identificavam de onde partiam os murmúrios. (Lobo, há um século aproximado).

Lá, encontraram Centenária, enraizada ao solo árido, na penumbra, mórbida.

De acordo com registros populares recolhidos e descritos em “Matemazônia: compilado de desventuras” e “Comentários sobre a profecia”, os irmãos Primo, Sigma

⁶⁹ Buscando evitar que outras criaturas desistissem de si mesmas, Os Filhos do Eclipse determinaram que o Percurso Assombrado fosse considerado Área de Risco à toda Matemazônia.

e Lobo relatam que a criatura de celulose se mostrou relutante, no entanto, após reviver em memórias o mal que fizera à Matemazônia, ajudando Conhecimento a subir ao trono e acender a Maldição do Regente, decidiu revelar todo o conhecimento ancestral possuído, de modo a ajudar no cumprimento da profecia, ainda que fosse sua última ação no mundo.

Nos registros de Lobo, há descrição de uma possível fala de Centenária, sem contudo, haver confirmações da fonte coletada.

A profecia não é sobre quem vocês são, mas o que podem se tornar a partir daqui. Foi necessário que percorressem todo esse trajeto até chegarem a este momento, para que percebessem que existem muitas coisas além da sua circunferência de verdades e convenções; existem éxis que não são suas, mas que merecessem tanto respeito quanto, o que não existiu quando as muralhas foram levantadas e o egoísmo e a soberba reinaram. Por isso vocês foram concebidos naquele eclipse. Vocês representam muito mais do que imaginam. Muito mais do que a integração das cores. Muito mais do que a queda da muralha. (Centenária para Marvem, Elah e Graveto).

Os irmãos descrevem ainda que Térrea desapareceu na essência de Térrea após um ritual existencialista, em que “absorveu” as verdades de cada filho do eclipse,

Vocês sabem que sou a mais longeva criatura originada por ela. Eu preciso retornar à sua essência, mas antes disso, eu preciso que vocês me deem suas verdades. Vocês são heterogêneos. Nunca serão uniformes. Mas possuem qualidades inigualáveis que se complementam, à medida que vocês se diferenciam e se compreendem. Vocês representam a completa inversão daqueles que se autonomaram líderes e que subiram degraus para olhar o povo matemazônico do alto. (Centenária para Marvem, Elah e Graveto).

Centenária retirou os olhos dos três, de um a um, encaixando-os no lugar dos seus, absorvendo suas percepções, devolvendo-os em sequência. Dessa vez, Térrea precisaria sentir as verdadeiras intenções e julgá-las.

Em sacrifício, Centenária adentrou na essência de Térrea. Dizia sentir algo diferente lhe recobrir, como quando florescia, sabendo que logo viriam os frutos.

Térrea sentiu-se tão feliz com o retorno da filha, que fez brotar em algumas partes de Esquecimento diversas árvores e flores, de todos os formatos, cores e cheiros. (Lobo, há um século aproximado).

Assim que Térrea derruiu as muralhas e apresentou Elah, Graveto e Marvem como os novos representantes de Matemazônia, houve muitos reencontros.

Pela primeira vez, em muito tempo, muitos ali choravam por alívio e esperança de dias melhores. Eram reencontros de histórias, de formas, de cores, cheiros, sabores, de narrativas matemazônicas. (Lobo, há um século aproximado).

NUVEM
NA#UM



A BIBLIOTECA MATEMAZÔNICA

CAMINHOS ATÉ A BIBLIOTECA DE MATEMAZÔNIA⁷⁰

Nascido em seio amazônica, de raízes caboclas, cresci fascinado pelo imaginário popular do folclore amazônico; os horizontes se espichavam à medida que a imaginação abria caminhos para que eu pudesse brincar junto à magia e ao misticismo da floresta, e me perder em minhas estranhezas, como diziam algumas pessoas.

Houve quem me chamasse de esquisito, desajustado e alguns outros codinomes que “constatavam” a minha maluquez (não sei se misturada com minha lucidez)⁷¹, e de certo modo havia alguma razão naqueles comentários, afinal, caixas nunca foram os meus lugares favoritos. Há muito, fluir por outros universos, virando páginas de livros e mobilizando sinapses criativas, havia se tornado, uma paixão divertida.

Tenho recordações de estar lendo, quando criança, Macunaíma e me sentir envolvido pelos tentáculos que se apoderaram do livro e me arrastaram para o fundo de uma mata-virgem, onde passei a acompanhar as narrativas do herói sem caráter de nossa gente⁷²; de estar deitado ao chão de casa e, paralelamente, estar no Sítio do Pica-pau Amarelo⁷³, presenciando as reações de Narizinho, acompanhando Pedrinho em suas caçadas, compartilhando das memórias – e da polêmica aritmética – da Emília; e de estar, ainda, tempos mais tarde, iniciando a coleção de livros da saga Desventuras em Série, e me sentir tão (ou mais) instigado a me aventurar nela, depois do aviso sardônico e provocativo do autor que aconselhava aos leitores a não embarcarem naquele universo desventurado, uma infeliz história de três crianças sem sorte⁷⁴.

Embalado na rede, com o livro há alguns centímetros do rosto, os olhos tangenciando os vais e vens das letras, e a mente vagando com pensamentos nos irmãos Baudelaire, sentia meu paladar literário aguçando com cada passagem de páginas. O que voltaria a acontecer, algum espaço de tempo depois, com a literatura *nonsense*⁷⁵ de

⁷⁰ O texto faz parte de uma produção escrita desenvolvida para a disciplina de Bases Epistemológicas das Ciências, cursada no PPGECM, em 2022, em que, inicialmente, havia tecimentos entre aspectos epistemológicos refletidos por Edgar Morin (2005) e por Michael Foucault (1970). O texto contém modificações com relação à versão original.

⁷¹ Referência à letra da música *Maluco Beleza*, composição de Raul Seixas e Cláudio Roberto, interpretada por Raul Seixas, lançada em 1977. (Raul Seixas, 2022). A canção está disponível em: Raul Seixas - Maluco Beleza (Videoclipe Oficial Restaurado) (2022). 1 vídeo (3min 5s). Publicado pelo Canal Raul Seixas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OTFN-zCSLY4>. Acesso em: ago. 2022.

⁷² Andrade (1978).

⁷³ O Sítio do Pica-Pau Amarelo é uma série composta por 23 volumes de livros, escrita entre 1921 a 1947, por Monteiro Lobato, considerado o pai da literatura infantojuvenil brasileira. Sua obra é marcada por textos de valorização da cultura nacional por meio do folclore, da tradição popular e abasileiramentos de estrangeirismos, por exemplo. (Costa; Gomes, 2011).

⁷⁴ Snicket (2001).

⁷⁵ A literatura *nonsense* traz um discurso caracterizado pela inversão do que entendemos como realidade; subverte fantasias tradicionais e cria narrativas que quebram as convenções lógicas; sem sentido, desprovido de razão (Monteiro, 2007; Mota, [2021?], online).

Alice no País das Maravilhas e toda a sua desconstrução da lógica por trás do que concebemos como construção cultural.

Era uma diversão! Diversão que ganhou maior dimensionamento quando percebi que poderia conduzir outras pessoas a outros universos; quando as palavras passaram a ser chaves, abrindo portais da imaginação para a própria imaginação; quando minhas mãos passaram a tecer, em algum momento da minha existência, narrativas de equações matemazônicas, histórias de um povo que se confunde e se funde, de alguma forma, em meu (auto)reconhecimento, enquanto constructo social, resultante da heterogeneidade discursiva⁷⁶, que fala e é falado, que produz e é produzido, que é causa e é efeito, que é único e coletivo.

Bom... pelo menos foi o que me falaram alguns pariceiros⁷⁷ intelectuais. Estavam de bubuia há uns dias, experimentando um banquete de monstruosidades acadêmicas⁷⁸, quando entraram em uma prosa; era poder pra cá, teoria pra lá, discurso assim, complexidade assado. E no fim, quando senti que haveria alguma rinha, os dois selaram as mãos. Há alguns metros de distância, eu os observava atentamente. Estávamos no grande salão da Biblioteca de Matemazônia, o berço de escritos magtéticos e tantas outras obras, quando me pus intrometido naquela conversa.

Com um pergaminho em mãos, contendo as regras daquele lugar efervescente, senti-me privilegiado por estar com os pés e a mente ali; e, ainda que tivesse percorrido uma longa e intrigante jornada até sentir o primeiro sopro de Matemazônia em meu rosto, o cansaço encontrou recompensas já naquele primeiro ranger da porta que conecta a Biblioteca ao restante do mundo.

— Achei que tivesse me perdido — comentei, em certo momento, enquanto descrevia aos ilustres companheiros da conversa minhas jornadas por lugares miraculosos antes de chegar à Matemazônia.

O livreiro responsável pela Biblioteca, uma criatura de penas que dizia estar na metade de sua existência, enquanto atendia gentilmente algumas diversas criaturas ao meu lado, lançou um sorriso, pôs uma de suas asas sobre o bico como se contasse um segredo: — não se preocupe, não é difícil chegar até aqui, quase todos os caminhos nos trazem, você só precisa seguir e sentir o rangido do ensinar e do aprender, afinal,

⁷⁶ A heterogeneidade discursiva está ligada à noção de dispersão do sujeito, isto é, aos lugares de onde esse sujeito fala e é falado, ora um, ora outro. E nesses lugares há interditos, lutas, modos de existir, dentre os quais o sujeito se situa. (Fischer, 2001).

⁷⁷ Pariceiro é uma expressão reconhecida na região amazônica que designa sentido semelhante a “parceiro”, “amigo”. Embora, comumente, seja utilizado em conotação negativa e em tom repreensivo, não se torna este o nosso caso.

⁷⁸ Referência ao livro *Experimentar na Diferença: um banquete de monstruosidades acadêmicas* (2022). A obra exerce um papel importante na construção deste trabalho por apresentar possibilidades estilísticas e posturas epistemológicas transgressivas que dão identidade à forma e ao conteúdo de pesquisas acadêmicas.

Bibliotecas não nasceram como lugares silenciosos. Nasceram como ambientes voltados à discussão e ao aprendizado, e assim deveriam continuar sendo. Como praças públicas. Como antessalas de teatro e filas de mercado. Um lugar para conversar e trocar experiências, não para o usuário vir de mau humor ao balcão da bibliotecária e dizer “essas crianças estão falando muito, não dá pra fazer alguma coisa não?” (ROCHA, 2013, *online*).

E, definitivamente, na Biblioteca de Matemazônia o silêncio não é uma realidade imperial, seja pelos diálogos entre os barulhentos visitantes, os escandalosos conhecimentos ou ainda pelos rangidos de uma porta feita com madeiras tão velhas quanto o tempo e o conhecimento. Por ela, já passaram muitos estudiosos, filósofos, ensinantes e aprendentes, e todo tipo de criatura que deseja conhecimento. E, nela, podem ser vistas as marcas deixadas por todos que, na Biblioteca, já estiveram, pelos seus mais diferentes motivos, desde um lugar para se encontrar, até um local para ser encontrado.

— E o que faz por aqui? — perguntaram-me, ao que respondi, depois de alguns instantes, buscar conhecimentos sobre ciências e matemáticas.

— Tenho tentado me aventurar em universos distintos em busca de... conhecimentos... e fui orientado a seguir diferentes rotas até encontrar o solo matemazônico, vir à Biblioteca, de forma bem percebida e barulhenta, e reconhecer alguns diálogos importantes... Asseguraram-me que os encontraria aqui.

— E que diálogos seriam esses? — perguntou o livreiro, ao que respondi serem, inicialmente, alguns diálogos teóricos entre literatura e educação matemática, sendo uma maneira de compreender, dentro das minhas buscas, como esses entrelaçamentos são importantes para construção do conhecimento, a partir de outras famigeradas experiências e lentes.

Novamente o livreiro gentil lançou um sorriso.

E, dessa vez, na tentativa de desfazer uma gafe inicial, perguntei por seu nome, ao que ele respondeu ser Nuvem ou Nahum ou Nuvem Nahum. Conversamos por mais alguns instantes até que me despedi daquele grupo notável de novos amigos e caminhei junto a Nuvem Nahum por entre as tantas prateleiras que assentavam – conforme ele dissera – conhecimentos dos mais ancestrais aos mais contemporâneos de nossas plurais sociedades científicas e matemáticas.

Ao me deparar com a magnitude de obras, suspirei.

— As obras que aqui estão vieram de diferentes lugares, dos mais próximos aos mais remotos, dos mais reais aos mais imaginários, dos mais sombrios aos mais coloridos, de bases e repositórios conhecidos e jamais vistos, de algumas bibliotecas renomadas e de algumas outras sem nomes... Da maior à menor, todas possuem seu grau de importância, sempre haverá alguém por aqui em busca de alguma delas, mesmo sem saber... Confesso que algumas criaturas dizem, por aqui, que devemos queimá-las,

à exemplo do que fizeram com uma tal Alexandria, pois reproduzem e alimentam a criatura das...

M E S M I E S

... um perigo real aos barulhos do ensinar e do aprender, um impedimento às criações, à possibilidade de renascimento; porém, como ainda não o fizeram, é de bom tom (pelo menos, é o que nos orienta o conselho de autoridades acadêmicas e não-acadêmicas) acolher essas obras e sustentar as diferentes áreas do conhecimento com o conhecimento já produzido.

Levei um tempo para digerir o que havia sido dito; havia sentido, mas me fazia entrar em conflitos. Permaneci instantes reflexivo e não percebi que Nuvem Nahum tangenciava seu olhar no pergaminho de regras inviolado, pendendo em minhas mãos.

— Você o leu? — perguntou, com ar de desconfianças. — Antes de qualquer movimentação, é necessário estar ciente do que está escrito nesse pergaminho.

Em resposta, meneei a cabeça afirmativamente.

Não era uma exata mentira, pois havia lido o título e o primeiro item.

Inseguro com minha resposta sem muita convicção, ou talvez por desencargo do ofício, Nuvem Nahum me encaminhou até um grande cartaz vivo. Achei-o curioso e estranhamente fascinante. Era conhecido como Homo, a “Organela Mensageira e Orientadora”; ela se movimentou até mim, iniciando um monólogo por meio de mensagens.

As letras ganhavam curso em sua frente.

As regras da biblioteca são muito subjetivas e claras ao mesmo tempo, e principalmente confusas para quem escolhe sempre a mesma lupa de leitura. Por isso, aconselhamos que use as mais diversas lentes à disposição. Dependendo do que estiver sendo procurado, algumas obras se destacam. Recentemente recebemos um cardápio de manuscritos transgressores a serem degustados, por isso, se a busca for sobre fármacos e saúde na escola, por exemplo, sugiro a leitura de *Saudezepan*⁷⁹; se estiver à procura de textos referentes à anatomia, indico o *Atlas de Corpo Nenhum*⁸⁰.

⁷⁹ Costa (2022).

⁸⁰ Linhares (2022).

Indico também visita à seção de Obras Matemazônicas, onde é possível encontrar diversos manuscritos ancestrais e catedráticos, alguns muito raros, com datas aproximadas, contendo registros originais, entre outras obras matemazônicas mais atuais, como os pergadidáticos ou os catálogos quilopodianos.

Outra possibilidade ao visitante, para alcançar qualquer prateleira, consiste em selecionar ao menos dois descritores para a busca. Percebendo seus interesses anteriormente manifestados, sugiro “leitura” e “matemática” ou “literatura” e “matemática” ou ainda “textos literários” e “matemática”; sugiro, entre outras orientações, que determine qual a localização do conhecimento buscado. Quanto ao nível das obras, indico visita à Flutuanteca, a seção flutuante da biblioteca de Matemazônia, onde estão nossos manuscritos de Estudos Avançados⁸¹, recebidos das mais diversas comunidades e fontes de conhecimento⁸². Acredito que terá êxito em suas pretensões.

Depois disso, considerando uma busca tão aleatória quanto os registros mágicos presentes nessa dimensão desconhecida, peço que vá ao Espelho-Espelho-Meu, que tudo sabe e tudo vê, e recolha um pergaminho, com o levantamento realizado. Com o pergaminho em mãos, organize os textos e dirija-se à sala de leitura, o salão da Biblioteca.

Depois que Homo se afastou, marchando em passos milimétricos e demorados, Nuvem Nahum tocou a ponta de uma de suas asas em minhas costas, como se dissesse “vai!”. Seguindo as orientações da Organela Mensageira e o incentivo do livreiro, fui à seção de Estudos Avançados, onde as obras flutuavam e eram identificadas por fitas das mais diversas cores e tamanhos, como gigantes marcadores de páginas.

⁸¹ Alusão às dissertações e teses.

⁸² Referência às bases de dados/repositórios, que armazenam as mais diversas produções acadêmicas (em suas variadas naturezas, de ensaios reflexivos a teses de doutorados). Inclusive, mencionamos aqui os repositórios visitados no processo de levantamento de trabalhos que tecem diálogos entre o ensino e a aprendizagem da matemática em perspectiva literária, que ajudaram a construir as reflexões deste capítulo: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Portal de Periódicos da CAPES; Google Acadêmico e o Portal de Periódicos *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

— Por que elas flutuam? — perguntei, pensando ingenuamente que pudessem estar sob algum encantamento.

— Bom, elas estão conectadas em diversas dimensões: aqui, em seus lugares de origem, em lugares-de-lugar-nenhum... estão à disposição de quem se propuser a conhecê-las... as fitas são as responsáveis por assegurar conexão entre as multidimensões.

— E se cortarmos as fitas?

— Perdemos acesso à obra — obtive como resposta. Intrigado, exprimi alguma inquietude com a informação. O que não se tornou, porém, impeditivo de percorrer a dependência de obras flutuantes. Tangenciando as fitas com os olhos, passeando por entre suas cores, logo me vi, subindo o degradê das escadas, com melhor visão panorâmica e em maior proximidade e acesso às capas e títulos daqueles estudos avançados.

Nesse meio tempo, Nuvem Nahum teve a atenção chamada pela entrada holofótica de uma criatura felina. Alguns burburinhos lançados ao ar chegaram aos meus tímpanos. Não dei muita atenção. Nuvem Nahum retornou para o salão, deixando minha curiosidade como guia de meus interesses, o que não aconselhei, mas mantive-me centrado, sem cometer qualquer desastre.

Sem demoras, fui ao grande espelho enrustado numa das paredes e segui a orientação de Homo, solicitando um levantamento de manuscritos que discutissem os entrelaçamentos entre matemática e literatura, a partir dos descritores outrora aconselhados. Passado mais algum espaço de tempo, recebi o pergaminho com o nome das obras selecionadas e, com ele em mãos, dei início à peregrinação atrás dos manuscritos, assim que os encontrei, puxando-os pelas fitas, de um a um, iniciei a leitura e, após isso, ensaiei algumas reflexões.

* * *

Vindo de um lugar em que há disposição para especializar o conhecimento, o tanto que se é possível, a ponto de simplificá-lo, criando barreiras quase intransponíveis entre as suas tantas áreas e manifestações de saberes, me vi (em determinado momento de minha existência) germinando (ou talvez sendo germinado a aprender a germinar) um incômodo e, mais tarde, uma disposição.

Eu que me perdia nas páginas da literatura e decidi me aventurar no universo da educação matemática, nunca havia parado para pensar em possíveis articulações entre esses dois lugares “““tão-tão-distintos”””. É claro que nessa matriz, houve figuras professorais e experiências determinantes para que, “de repente”, eu

percebesse que minhas lentes acadêmicas e humanas necessitavam de um novo oftalmologista, alguém que pudesse me auxiliar a entender quais lentes melhor se encaixavam no formato do meu rosto, de modo que melhorasse a visão frontal, mas que não me fizessem perder a periférica, por exemplo.

*“Não quero me tornar um ser monofocal”*⁸³, compartilhava.

Procurei renomados teóricos, artistas, pensadores do conhecimento popular, oráculos, exotéricos, astronautas em sua desconexão, caubóis fora da lei, entre tantas outras criaturas que me levavam à reflexão e todas as respostas me conduziam a um denominador comum: o lugar perdido de equações matemazônicas.

Segui o conselho e os percursos desorientados; por anos, conheci, reconheci e desconheci geografias até chegar aqui e, aqui estando, nessa tentativa de tecer algumas reflexões, encontro no incomodo da redução do conhecimento uma disposição para refletir alguns argumentos que, às suas formas, tornam-se revelia à mutilação.

Dentre tantas narrativas compartilhadas, disseram-me que na Biblioteca de Matemazônia encontraria saberes tão articulados, que poderiam ter sido tecidos com a precisão de uma habilidosa criatura tecelã⁸⁴. *“A própria Tecelãnusa poderia tê-lo feito”*, me foi narrado, ao que não dei atenção à princípio. Mas, perguntei, ingenuamente: *“ela é tão prodigiosa a ponto de tecer entrelaçamentos entre educação matemática e literatura?”*. Obtive como resposta imediata um sorriso complacente, expressivo, calmo, e então fui convidado a pensar que ela [Tecelãnusa] não precisaria entrelaçar o que já é naturalmente entrelaçado; *“ela apenas não ignora as várias manifestações de conhecimento”*.

Por dias, tentei digerir o convite.

E isso me tem levado a alguns lugares que efervesce algumas sinapses, e um desses caminhos percorridos me levou despreziosamente à botica de Algebrix⁸⁵, a

⁸³ Em Matemazônia, seres monofocais são tidos como criaturas frígidas, que entendem suas compreensões com universalidade, sem margens para muitos diálogos.

⁸⁴ Em Matemazônia, as criaturas que dominam a arte da tecelagem (Artecitura) se concentram na Aldeia das Tecelãs, onde desenvolvem técnicas do ofício. A aldeia está localizada em um terreno triangular, denominado Triângulo das Tecelãs, “[...] delimitado pelas mais altas árvores que já existiram, capazes de tocar o próprio céu, cujas extremidades acabavam formando um ângulo reto [...]” (Machado, 2021, p. 65).

⁸⁵ Algebrix é uma personagem matemazônica, “[...] é uma talentosa boticária; se tornou órfã já nos seus primeiros cinco anos, durante uma guerra por território entre povos vizinhos. Corajosa e justa, protege

quem me disseram ser uma habilidosa boticária matemazônica que dispõe em suas poções vasto conhecimento, que encontra nos domínios científicos e no mundo sobrenatural, formas de cuidar das mais variadas formas de existência. *“Certamente, ela poderá ajudá-lo”*, iludiram-me.

Naquele dia, era fim de tarde, quando a lua anunciava sua chegada. Ainda me sentia num labirinto, sutilmente bombardeado, ou teria sido uma crise de labirinto? Não saberia responder. Mas, estando há pouco tempo desbravando as narrativas matemazônicas, suas expressões em compreender a complexidade que nos rege, valorizando seus conhecimentos matemáticos, científicos, artísticos e tanto mais do que é possível, chego a esse momento da escrita, refletindo algo que a própria Algebrix me dissera enquanto preparava uma poção medicinal para minhas angústias: *“você foi ensinado a entender o conhecimento como uma solução heterogênea, cheia de fases, com nítida detecção visual das substâncias que não se misturam⁸⁶; não se culpe por isso. E para o seu caso, essa poção [a que ela segurava em mãos] tem curto efeito, porque você não precisa de cura, e como o tempo vai entender o que estou dizendo”*.

— *Mas, se não necessito de cura, do que preciso?* — perguntei, ao que não obtive respostas. E cá estou, ruminando o que foi dito e sentido.

* * *

Nuvem Nahum retorna em passos taciturnos. No trajeto cumprimenta algumas outras criaturas dispostas pela Biblioteca. Uma criatura de celulose o chama por “Professor Livreiro”, ao que ele sorri de soslaio. O sorriso não me soa totalmente honesto, mas por alguns instantes ele mantém uma curta conversa com – a quem descobri se chamar – Piscis. Enquanto socializa, percebi que entre suas asas, pendiam algumas obras com dimensões menores do que as dos estudos avançados.

Depois de um tempo, ele vem à minha direção e põe a pilha de obras sobre uma mesa envelhecida à nossa frente. Pergunto, timidamente, se acontecera alguma coisa no tempo em que estivera no salão para que sua feição adquirisse traços desanimadores,

as matas e os animais de caçadores e traficantes. Com um passado marcado pela tragédia, leva uma vida de segredos e aventuras.” (Machado, 2021, p. 46).

⁸⁶ Cf. Carmo e Marcondes (2007).

ao que me respondeu: — Nada demais, nada que já não seja uma moda. Ao menos fui (re)convidado a compor o quadro de professores da Escola de Talentos.

— Isso deveria ser uma notícia boa? — pergunto.

— Acredite! — ele enfatiza com mais um meio sorriso. — A melhor de todas. É um dos lugares onde mantemos a essência de Matemazônia, então, estar lá, é um exercício que transcende o trabalho braçal ou intelectual. É ideológico, é político, é uma forma de assegurar nossas liberdades e valorizar cada sujeito... Se estiver por aqui, lhe levo lá para conhecer nosso trabalho.

— Adoraria! — respondo empolgado.

Ele sorri. Dessa vez, parece ser genuíno.

— Bom, imagino que já tenha recolhido o pergaminho que Homo sugeriu, mas também trouxe esses estudos menores — disse, apontando para o bloco que pusera sobre a mesa. — De repente, também possam agregar algo aos seus famigerados diálogos.

Nuvem Nahum explica-me que eles correspondem a estudos primários⁸⁷, em que geralmente eram levantadas percepções iniciais sobre diversas temáticas, discussões embrionárias que davam pontapé para o surgimento dos estudos avançados – ou comunicações do andamento desses estudos – e que, embora, fossem de natureza menos complexas (no sentido de aprofundamento teórico), em sua maioria davam sustentação aos mais – como ele fez questão de reênfatizar – famigerados estudos.

Depois que Nuvem Nahum se afasta novamente, respiro fundo e, compassadamente, expiro. Repito ritualmente o processo antes de iniciar os ritos de leitura dos estudos avançados e – agora – o que Nuvem Nahum apresentou-me como estudos secundários (porém esses serão refletidos mais à frente). Assim que me sinto pronto, sibilo algo como “vamos lá, matemática, literatura, conexões, aproximações e distanciamentos”.

* * *

Caminhando sob as obras flutuantes, de estudo em estudo os recolho pelas fitas. Em cada capa há um convite para uma visitação. Alguns títulos longos, outros curtos, mas inquestionavelmente convites. A uma escola, a uma cidade, a uma prática pedagógica, a uma reflexão, a um outro convite.

Com cuidado, vou abrindo-as, de uma a uma. É quando sou transportado para olhares e narrativas que, curiosamente, me despertam pensamentos. Em determinado

⁸⁷ Referência a artigos científicos.

momento, percebo que estou diante de outros lugares com novas matemáticas, que rompem convenções, que me resgatam ao vivido, que me trazem significados e os ressignificam, que sustentam percepções ou despertam as criaturas da discordância, entre tanto mais do que se torna desbravamentos.

E nesse processo sinérgico, em que cada leitura, cada pesquisa, cada olhar, mobiliza rotas para que tantos caminhos sejam percorridos – como ensinar e aprender – tudo se torna infinitivo, com enésimos caminhos possíveis, seja por entre os pontos cardeais que conhecemos ou para além deles. E nesses tantos percursos, em que me conduzo e sou conduzido a tantos lugares, me vejo diante de um baú.

Logo percebo que pertence a Vó Cuchica, a quem acabara de conhecer.

Personagem do estudo avançado “Guardados do Baú da Vovó”⁸⁸, Cuchica não tem características físicas descritas, o que torna sua fisionomia uma liberdade poética, no entanto, é apresentado algo inquestionável sobre sua existência: sua habilidade em transpassar a realidade com seus portais do faz-de-conta, ou melhor, com seu baú de guardados, onde é possível encontrar saberes matemáticos e contação de histórias.

Por meio de alguns diálogos, ora mais teóricos, ora mais empíricos, é possível sentir no estudo em que Vó Cuchica é parte fundamental, energia na disposição em construir o conceito de número junto a crianças em processo de alfabetização. Energia também percebida em outros estudos⁸⁹, que apresentam outros olhares; que discutem a importância de promover oportunidades para que alunos em período de alfabetização escolar – ou alguns outros em fase escolar mais avançada – construam conceitos matemáticos, a partir de estratégias de ensino diversificadas, sendo as asas da literatura possibilidades para voos potenciais.

Dentre os estudos levantados no pergaminho, nos domínios de suas especificidades, cada um se torna um mapa para uma aventura, com muitas descobertas a serem realizadas e lugares da própria matemática a serem desbravados, repletos de narrativas em que o ensino da matemática passa a ser concebido a partir de uma perspectiva artística e literária.

⁸⁸ Cunha (2019).

⁸⁹ Souza (2008); Carvalho (2010); Montezuma (2010); Arnold (2016); Canto (2019); Cunha (2019); Adam (2020); Murbach (2020); Tramontin (2020).

Claro que alguns desses escritos apresentam maiores aproximações metodológicas e expõem, também, proposições interventivas que se assemelham. Talvez seja essa a razão pela qual suas fitas possuam tons dentro de um mesmo espectro quente⁹⁰, como os estudos avançados manuscritos por mestras das artes docentes, que apresentam experiências próprias que espelham suas pesquisas.

Nessas obras⁹¹, tais mestras dialogam com determinados conteúdos matemáticos; algumas estabelecem maiores conversas algébricas, outras divagam pela geometria, também chamam para prostrar a estatística, a probabilidade, a modelagem e a matemática financeira e, então, tudo se torna chá da tarde. E nesse balaio, dialogam sobre a importância da contextualização dos conteúdos matemáticos, da interdisciplinaridade, da formação leitora e crítica dos sujeitos aprendentes – os atores protagonistas do processo de ensino e aprendizagem, que devem ser respeitados em suas particularidades e como parte da diversidade.

E mais timidamente, como colocar de forma sutil colheres de açúcar no líquido quente, as obras manifestam a importância da afetividade, rompendo a película de uma matemática enrijecida, incolor e desapaixonada.

E disso, ela não tem nada.

Pelo menos, foi o que já manifestou uma mística das artes professorais⁹²; disse-me: *“a matemática enamorou-se pela literatura e, juntas, proporcionaram à existência, experiências de embaralhamentos linguageiros”*. Nesse romance, linguagem matemática e linguagem natural se entrelaçam o tanto que é possível para que se rompa convenções lógicas do uso social de uma matemática unifacetada. E então, adicionando a tais desconstruções experiências escolares, teremos contribuições para novas concepções de multimatemáticas, que podem ser refletidas, ressignificadas pela experiência leitora e literária do sujeito, que, inclusive, pode questionar o sentido da matemática em sua

⁹⁰ Na Flutuanteca, as obras resultantes de experiências empíricas, em que há contato humano, são relacionadas às cores quentes, em associação ao calor das relações humanas. As obras puramente teóricas possuem como marcadores fitas de cores frias.

⁹¹ Souza (2008); Carvalho (2010); Dantas (2011); Arnold (2016); Adam (2020); Tramontinin (2020); Silva (2021).

⁹² Canto (2019).

própria vida, afinal, com quantos ingredientes se faz um bolo gigante do tamanho de uma casa? Ou quantos brinquedos cabem dentro de uma posse?

E isso, talvez, eu não soubesse responder não fosse a leitura de outro estudo avançado⁹³, escrito à mão docente e às vozes de outros ensinantes e aprendentes, mas ao tê-lo lido, posso dizer que, para a primeira questão, mais ou menos 22 ingredientes e para a segunda, trocentos brinquedos; quer dizer, seria tão óbvio, não fosse a desarticulação entre imaginação e realidade, que insistentemente nos é ensinada em determinado momento de nossa existência. Como não pensar em tais conclusões?

Alice já havia nos apresentado um universo *nonsense* de uma matemática reconstruída em múltiplas possibilidades e concepções, contradizendo as regras do universo físico em que vivemos, as noções de ordem, tempo e espaço⁹⁴. Não seria difícil pensar no País das Maravilhas, por exemplo, sem seus jogos de linguagem ou silogismos, sem seus direcionamentos para uma matemática provocativa, transgressora, lúdica e, em alguns aspectos, óbvia (mesmo que, para chegar ao que nos é óbvio, não nos seja um percurso de obviedades). E se alguns estudos avançados nos apresentam práticas docentes empíricas *fundamentantes* da pesquisa desenvolvida, alguns outros nos apresentam os potenciais reflexivos que obras de leituras literárias específicas angariam na construção de conceitos matemáticos, em reverberações para levantamento de ideias, hipóteses e estímulos à criatividade, criticidade, à criação, à imaginação, ao raciocínio.

Essa outra face dos estudos também nos levam a lugares que abrem caminhos para que a imaginação se torne combustível humano; o País das Maravilhas de Alice⁹⁵; o Oriente Médio de Tahan e suas narrativas nascentes do solo árabe⁹⁶; a Biblioteca de Dona Benta⁹⁷ se tornam, por exemplo, destinos entusiastas nesses diálogos em que, unidas, matemática e literatura, nos ajudam a construir e manipular mentalmente cenários, significados, articular a interseção das dimensões reais e imaginárias, ser provocados a pensar matematicamente, além de perpassar outros contextos

⁹³ Murbach (2020).

⁹⁴ Montoito (2007).

⁹⁵ Montoito (2007).

⁹⁶ Rodrigues (2018); França (2021); Zwiernik (2021).

⁹⁷ Oliveira (2015).

relacionados à construção e emancipação de um sujeito em formação, para além da alimentação de sua alma, afinal, a sua dimensão humana também carece atenção e ludicidade.

* * *

Tangencio o olhar para fora. Os anúncios crepusculares roubam a minha concentração, assim como a projeção de alguns raios solares sobre um coletivo de rosas imanta a minha atenção. Sinto que estamos conectados, conversando. Queixo-me. — O que eu estou fazendo? A quem eu quero enganar?

Uma das rosas, a menorzinha, me responde: — Sobre que rosas falas?

— Sobre mim, talvez. Acostumado a me perder entre o que é real e imaginário, não saberia te dizer o que é um ou outro.

Outra se manifesta: — E há diferenças, sobre quem imita quem, homenzinho? “[...] o que seria o mundo senão a soma assombrosa das nossas limitações e possibilidades?”⁹⁸.

Não respondo. Permaneço calado por instantes.

Balanço a cabeça, na tentativa de dissipar o devaneio. Olho novamente para as rosas, dessa vez foram engolidas pelo breu. Torno a balançar os pensamentos, é quando me lembro de uma música distante, “[...] que bobagem, as rosas não falam, simplesmente as rosas exalam o perfume que roubam de ti”⁹⁹. E não seria difícil roubar meus devaneios também.

Sobre a mesa, estão os estudos primários, decido lê-los.

Alguns instantes depois, percebo outra teia de entrelaçamentos.

* * *

Quanto aos estudos primários percebo neles paridades aos estudos avançados, ainda que estejam quantitativamente em maior número. Embora possuam percepções mais objetivas, seja constituídos por reflexões iniciais dos próprios estudos avançados (em suas fases embrionárias) ou ainda desmembramentos daqueles já finalizados, ou

⁹⁸ Cf. Montoito (2013, p. 12).

⁹⁹ Referência à canção *As rosas não falam*, composição e interpretação de Cartola, lançada em 1974. A música está disponível em: Cartola - As Rosas Não Falam. 1 vídeo (2min 54s). Publicado pelo Canal Cartola Oficial. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pBWg7LGETL0>. Acesso em: mai. 2023.

sem ramificações, alguns trazem às suas reflexões aspectos mais empolgantes e que, num nível mais ideológico, refletem, por exemplo, discussões políticas em torno de questões culturais e étnico-raciais, articulando literatura e etnomatemática, marcadas por tradição e ancestralidade¹⁰⁰ e, ainda, demarcação regional de contextos específicos¹⁰¹. Além disso, algumas outras – em suas experiências linguageiras – nos apresentam estilísticas que engrenam um movimento provocativo dentro de contextos matemáticos, que nos presenteiam com estéticas que evocam a poesia¹⁰², entre outros aspectos mais sensíveis, articulados à “rigidez” de uma matemática, que culturalmente nos é – equivocadamente – apresentada como sendo uma má temática; estudos da *Escola Montoitiana*¹⁰³ são exemplos desse movimento.

Em termos de categorização, tanto com relação aos estudos avançados, quanto os estudos primários, é possível conceber – pelo menos – duas categorias: a primeira, resultados de experiências em contextos escolares que articulam narrativas literárias às aulas de matemática, com fins de contextualizar conteúdos e/ou objetos matemáticos por meio da literatura, para que então possam ser realizados, posteriormente, diagnósticos de aprendizagem e/ou verificação de habilidades e competências; enquanto outros, na segunda categoria, refletem as potencialidades que livros específicos de leitura literária possuem e podem contribuir em discussões em torno do processo de ensino e de aprendizagem da matemática, também fomentando habilidades e competências discentes.

* * *

Continuo até finalizar e ao fazê-lo, não sei se estou satisfeito com o resultado. Com os cotovelos sobre a mesa, levo as mãos à cabeça, apoiando minha frente entre

¹⁰⁰ Cidreira e Faustino (2021).

¹⁰¹ Collins, Moraes e Machado Junior (2019).

¹⁰² Quanto a este aspecto, são destacáveis os trabalhos de Flores, Kerscher e Francisco (2018), Lopes e Gondim (2018), Catalã e Henriques (2018), Dalcin e Montoito (2020). No documento suplementar “Devaneios de um Livreiro” (Apêndice A), há uma relação maior de estudos primários que tecem alguns outros diálogos entre Matemática e Literatura.

¹⁰³ São alguns dos estudos da Escola Montoitiana: Montoito (2019, 2020), Cunha e Montoito (2019, 2020, 2021), Dalcin e Montoito (2020), Montoito e Cunha (2020), Montoito e Minks (2022).

elas. Os pensamentos fervilham e pululam. Como crianças elétricas. (Re)Experiencio a angústia que me trouxe à Biblioteca. É quando me lembro de Algebrix.

Bem, não propriamente dela, mas do que me dissera. E isso me faz bufar, porque me faz pensar que o tempo está em uma tênue linha entre a virtuosidade e a maldição, e não sei em qual lado ele está nesse momento. Repito a queixa feita às rosas. A quem quero enganar? Explorador de tantos lugares, ainda me sinto um desconhecedor de tudo. Outra música me invade. Aparentemente não tenho todo o tempo do mundo.

— Tudo bem? — pergunta Nuvem Nahum, que chega despercebido. Faço que sim. Seu olhar atento me constrange. Seus olhos me despertam afetuosidade, como olhos de passarinhos. — Certeza?

Dou voz à honestidade. Digo que não. Explico-lhe a razão.

— Você não é um farsante... Diga-me, por que acha que sua escrita é uma farsa?

Respondo não saber se é suficiente; que sinto que poderia estar mais bem estruturada; que eu próprio poderia ser um pesquisador mais competente, daqueles que se debruçam e se dedicam à verdade que os move a pesquisar... Em suma, queria ser uma versão melhorada.

Nuvem Nahum respira fundo. Não impaciente ou fleumático. Compadecido, talvez. — E por que você não pode ser você mesmo, na sua suficiência e existência? Querer ser uma versão melhorada de si é louvável, mas por que não aceitar que hoje você é o que consegue ser? Amanhã terá possibilidades para mudanças, minúsculas que sejam. E se a versão melhorada for pior?

Não respondo de imediato. Diante do meu silêncio, ele completa: — Você não precisa buscar uma resposta. É uma provocação. Somos isso, somos quem podemos ser. Seja em Matemazônia, seja de onde você veio, seja em nenhum lugar... É a condição da vida.

Suas falas me levam a um lugar de (auto)acolhimento. E ainda que uma parte minha queira constatar minha insuficiência, há uma outra que se aceita e se percebe insuficiente, humana. E é claustrofóbico pensar como esse paradoxo nos torna tão ambíguos e que, nas nuances diárias, somos ensinados a ser ou querer ser suficiente o tempo todo, sem se pertencer à condição humana, inacabada, imperfeita... Imerso em meus conflitos, tento abstrair os pensamentos que me mutilam.

— Você encontrou respostas para todas as suas inquietações nos estudos avançados? — Nuvem Nahum pergunta. Faço que não e comunico as considerações redigidas.

* * *

Algumas percepções emergem notoriamente, principalmente quanto à utilização da literatura como recurso para o ensino da matemática. Embora, o primeiro

grupo de estudos tragam discussões em torno da interdisciplinaridade, da importância de realizar diálogos entre esses dois lugares comumente apresentados como distantes, existem anúncios implícitos do papel metodológico que o gênero literário assume no processo de ensino de algum objeto e/ou conteúdo matemático, fazendo-se necessário, portanto, às minhas lentes, atenção para que tais práticas não se tornem um reforço para esse lugar de distanciamentos, que criam literaturas matematizadas, sem fins reflexivos, em que a matemática é meramente exposta em uma narrativa.

Quanto aos estudos avançados, também é possível verificar que a maior parte do seu acervo são desenvolvidos nas poção geográficas sulistas dos seus lugares de origem¹⁰⁴ e que, majoritariamente, são estudos realizados por mestras docentes, que possuem maior sensibilização à leitura e maior preocupação com o processo de alfabetização de seus aprendentes, sendo o lugar de atuação, quase exclusivamente a educação infantil, em que os estudantes iniciam sua jornada escolar e experimentam outras relações sociais e se inserem em novos contextos.

* * *

Ele me escuta atentamente até que termino e, então, se manifesta: — Isso é importante. Significa que há lacunas a serem preenchidas. É necessário compreender que nenhum estudo unidimensional contemplará todas as questões de uma problemática. Por isso, a importância das várias pesquisas, pesquisas que acompanham o tempo e suas mudanças, e das articulações que são feitas entre as várias áreas do conhecimento.

— Sim — emendo. — Ainda há muito a ser feito nessas articulações, principalmente do ponto de vista transdisciplinar, onde tudo é compreendido sem uma própria distinção do que é uma coisa ou outra, onde tudo está interligado e funciona como um organismo biológico.

Nuvem Nahum assente. Ficamos em silêncio por instantes dramáticos, que são interrompidos por uma curiosidade minha: — Desculpa a intromissão, mas quem é aquela criatura que chegou chamando a atenção de todos? Ela é tão ilustre assim? É a pantera-rainha de Matemazônia? — pergunto, esboçando um sorriso maldoso no rosto.

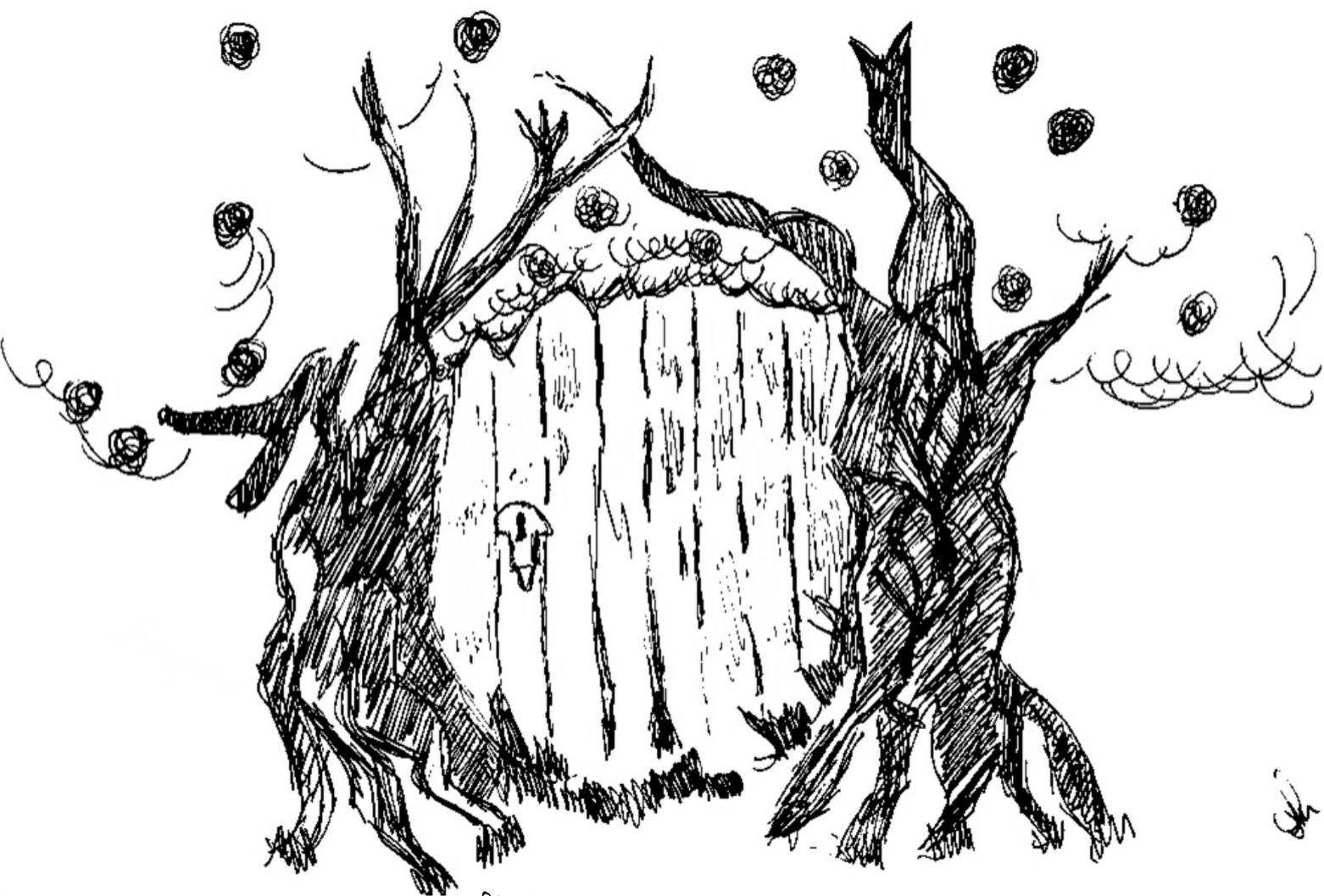
¹⁰⁴ Cf. Murbach (2020), Arnold (2016), Canto (2019), Cunha (2019), Tramontinin (2020) e Zwiernick (2021).

Nuvem Nahum também ri e responde ao meu questionamento com: — Analogia interessante. Irei adotar ao me referir à diretora da Escola de Talentos da próxima vez.

— Uau! — desfaço o sorriso. — Ela só é literalmente a pantera-rainha da educação matemazônica... Nuvem, me diga, como é dar aulas lá, digo, na Escola?

— Certamente é menos glamouroso do que você possa estar pensando.

— E quem disse que eu estou pensando que é glamouroso? — Faço uma pausa dramática e contrariada. Rapidamente desfaço a postura. — Certo, eu realmente achava que era glamouroso. Agora, vai, conta mais.



ENTRADA DA BIBLIOTECA de MATEMAZONIA

GOMAS de APRENDIZAGEM de GIRALETA



A ESCOLA DE TALENTOS DE MATEMAZÔNIA

um ano antes

ARTECITURAS DE UM LIVREIRO

Há uns anos, no início de minha carreira (se é que posso dizer que tenho uma) aventurei-me a catalogar histórias matemazônicas e, sem me dar conta, havia um tecimento entre tudo o que estava sendo registrado. Hoje, no limite de minhas habilidades, tento tecê-las de formas mais organizadas, como me ensinou, certa vez, em um passado distante, uma amiga muito sábia.

Gostaria de dizer que, aprender a tecer foi uma arte que comecei a desenvolver conscientemente quando “visitei”, pela primeira vez, a Aldeia das Tecelãs, às margens de Matemazônia; quando, em uma noite de sopros gélidos, acabei me vendo perdido e paralisado em uma floresta caótica, sem céu, sem estrelas, embalada por coaxes e algumas outras onomatopeias um tanto sombrias; quando, de repente, vozes estridentes começaram a falar comigo.

Você está perdido?

Hm... O que faz na Floresta das Trinta Visagens?¹⁰⁵

Vejam! O que é isso pendendo nos braços dele?

Muito novo para entender o perigo de estar ali, mas rebelde o suficiente para me incomodar com a intromissão, lembro de ter sido ríspido e ter respondido um “*não é da conta de vocês*” e continuado minha caminhada.

Foi quando uma corrente de ar densa e fétida passou por meus braços e gargalhos irritadiços começaram a dominar a situação; de repente, as árvores se mexiam, um tornado de poeira veio ao encontro de meus olhos, sons agudos adentraram meus tímpanos, raízes saíam da terra e me caçavam como uma presa.

Naquele momento, apenas lembrava-me de minha mãe e, imediatamente, de um de seus conselhos sobre a Floresta das Trinta Visagens não ter piedade com quem ultrapassava seus limites sem permissão. *Perfeito!* Estará escrito em minha lápide: livreiro perspicaz, mal-educado e, agora, morto por Má Trintas Pereiras.

— Olha, sei que começamos com o... vocês tem pés?... hm... não?!... é... desculpa!... começamos de maneira errada e eu peço perdão por isso, mas eu realmente preciso que vocês me deixem partir.

Mais gargalhos que me desanimaram. E eu já estava tentando me conformar com os destinos mais fatídicos que se desenhariam a partir dali, quando algo estranho

¹⁰⁵ A Floresta das Trinta Visagens ou Floresta das Má Trinta Pereiras está localizada nas proximidades da Área de Perigo de Matemazônia. Dizem que tais entidades se deslocam de Esquecimento para a Floresta, na tentativa de aumentar o número de visagens da Área de Perigo.

aconteceu (bem, pelo menos, tão estranho quanto o que já estava acontecendo): alguns *flashes* de luzes passaram a iluminar aquele breu.

De soslaio, vi e pensei: “um acerto de contas entre luzes e trevas?”.



Quando a curiosidade me custou uma agressão no rosto provocada por um galho de árvore aleatório, mordi-o irritado, resgatei meu registro magnético que havia caído no chão e, sem pensar nos rumos daquilo, abracei-o com a força de mil formigas e, com a rapidez de uma pantera, corri o suficiente até deixar de estar sob aquele atordoo.

Nervoso, abismado, frenético, com o coração pululando e a respiração ofegante, fui tomado por uma crise de risos... que não demorou muito, pois algum tempo depois, distante dali, estava resmungando, chutando o chão e novamente perdido.

Larguei-me sobre as raízes protuberantes de uma árvore a qual não consegui identificar. Talvez fosse uma baniana¹⁰⁶.

— Parece uma coisa!¹⁰⁷ — com as mãos sobre o rosto, tentava me consolar no fato de não ter tido o cérebro cozido por aquelas vozes errantes.

E foi aí que outra coisa estranha aconteceu, tanto quanto a primeira e a segunda: dessa vez, senti algumas ondas sonoras – divinas e pueris – adentrarem em meus tímpanos e, de repente, como em um encantamento, me conduzirem ao último lugar que eu imaginava conhecer e estar naquele dia.

Defronte àquela entrada, mas sem ultrapassá-la, aproximei-me de uma espécie de placa que indicava o nome de uma aldeia. Era simplória, mas havia uma complexidade gritante nos detalhes. Tangenciei os dedos naquelas raízes que, trançadas, davam curso às letras.

ALDEIA DAS TECELAS

Do lado de dentro, parecia estar acontecendo um festejo. Tímido, após um sopro de coragem, ousei invadir a privacidade daquela cantoria. Cada vez mais perto, mais fascinado ficava. Havia uma explosão de cores no céu. Havia música, dança, canto. Havia lágrimas e sorrisos... Havia tanto.

Tanto, que se tornou impossível rememorar em detalhes. Mas alguns deles, ainda se sustentam. Naquela noite, todos os aldeões, do ancião mais antigo ao mais novo recém-nascido, celebravam a memória de seus entes queridos junto ao plano divino¹⁰⁸. Mais tarde eu viria a descobrir que, aquele coro era composto por criaturas terrestres e celestiais; e, que, aquela música que me conduziu até a aldeia, por alguma razão havia me escolhido para estar ali.

Foi lá, não naquela noite, mas na alvorada do dia seguinte, que fui apresentado à Tecelânusa, sobre quem muito me falaram, antes mesmo de eu conhecê-la: a Estrela

¹⁰⁶ “A baniana é uma árvore cujos galhos e ramos, ao caírem sobre a terra, criam raízes, que transformam os galhos em novos troncos.” (Morin, 2020, p. 49). Ainda de acordo com o autor, a baniana representa os enraizamentos que dão origem a novas arborescências distintas, mas que são inseparáveis do tronco que as gerou.

¹⁰⁷ Expressão idiomática* comumente utilizada em situações de indignação ou alívio, por estar relacionada à ideia de algo que foge ao nosso controle. *“Expressões idiomáticas são recursos da fala e da escrita, que ganham novos sentidos conotativos e ultrapassam seus significados literais quando aplicados em contextos específicos.” (Cunha, 2018, online).

¹⁰⁸ Dentro da comunidade das tecelãs alimenta-se a compreensão sobre a imortalidade da alma, sendo a matéria física um receptáculo para a essência de cada criatura. Assim, faz parte da cosmovisão da aldeia manter viva a relação com seus entes queridos (agora em forma de estrelas) por meio de celebrações festivas, cores e alegres.

Precursora¹⁰⁹; a hábil anciã, que desbravava a arte da tecitura, em toda a sua longeva e benignidade; a aldeã, a matriarca, a professora, a artista, a cientista; a senhora das tradições e a noviça dos primeiros indícios de “modernidade” que começavam a chegar em sua aldeia.

— Sim, eu vou aprender a usar aquela Monstranusa, nem que demore mais cem anos... Vou morrer com meus dedos dando voltas assim... — e fez um movimento estranho com os dedos. — Mas eu aprendo a mexer nela... — com um sorriso banguelo, Tecelânusa fazia referência a uma máquina de tecer recém-chegada à aldeia, comparando-a a si mesma.

Eu escutava e sorria inspirado, enquanto anotava atento, a cada fala, pois havia muita energia em tudo o que era dito. Ela falava sobre rituais, música, arte, história, sobre amor e poesia... E em algum momento, ela disse que, mesmo centenária, era tudo o que poderia ser: *a gente é tudo isso, meu filho; ninguém é só uma coisa.*

E fez sentido! Mesmo sem a vasta concepção de vida que Tecelânusa trazia, eu conseguia me sentir conectado àquela imensidão apresentada em sua voz. Nunca a questioneei sobre poder ser o quanto se pode ser, porque, afinal, como ela, também, bem disse, parafraseando alguém tal qual inspirador: tudo está tecido junto.

E, bom, depois que o sol raiou, os aldeões voltaram à labuta, Tecelânusa me apresentou a geografia daquele lugar, do seu lar. Também me mostrou as matemáticas da arte tecelã. E, então, quando chegou um novo entardecer, me despedi, dizendo que voltaria para vê-la.

Em minha mocidade preguiçosa, não cheguei a cumprir o retorno. Não se passaram cem anos, sequer dez dias, não sei se Tecelânusa desvendou os mistérios de Monstranusa antes de partir, mas sei que ela sempre esteve com a razão: ninguém é só uma coisa. E, hoje, em algum lugar, que podem ser tantos, pra falar a verdade, Tecelânusa continua a ser tudo o que pode ser.

Em minha memória, talvez seja a maior concepção metafórica do que representam as tecituras, mesmo que, à época de nosso encontro, eu não fizesse ideia do que elas realmente fossem, mesmo após muito escutar aquela anciã em toda sua dimensão magnânima.

Hoje, entendo o porquê de a estrela precursora ter sido uma tecelã. E, de certo modo, sinto por ter chegado a esse lugar de “consciência” tempos depois. Gostaria de poder escrever que minhas habilidades de tecimento remontam – conscientemente – àquele dia. Contudo, muito precisei registrar e refletir para “entender”.

Pouco tempo depois de sua partida, me deparei com algumas obras disruptuosas. Não nego que boa parte da motivação fosse derivada pela manutenção do meu apreço

¹⁰⁹ Dentro das tradições da aldeia, existe uma crença de que criaturas terrestres e estrelas estão conectadas (vide a profecia em O Triângulo das Tecelãs, em Machado (2021). Tecelânusa é considerada a Estrela Precursora por ter sido a primeira aldeã a manifestar domínio na arte da tecelagem e com sua longevidade e benignidade manter as tradições do lugar.

por Tecelânusa e por todos os aldeões daquele lugar. No entanto, não posso negar, também, que fui capturado por tais tentáculos epistemológicos.

Após uma forte temporada de ventos airosos¹¹⁰ que atingiram as dependências da Biblioteca de Matemazônia, na tentativa de deixar as coisas limpas e em ordem, estava desempoeirando alguns escaninhos, quando encontrei diversos pergaminhos com denominações pós-modernas, os quais estavam etiquetados pelas palavras marginalidades, subversões e desconstruções.

Desconfiado, ao mesmo tempo instigado, e cada vez menos interessado em limpar aquela Alexandria¹¹¹, recolhi todos os volumes. Foi o início do meu canibalismo literário. Dias depois, estava eu, com um artefato de fumo entre os dedos, respondendo perguntas como “o que você está fazendo?” com respostas que beiravam ao “refletindo sobre as conexões e a multidimensionalidade de nossa existência”.

Eu sei, pode parecer uma informação ampla e, talvez, incompleta, mas: eu realmente experimentei ser o máximo do que eu poderia ser. E, após anos me desventurando por alguns lugares, na tentativa de dar vida às minhas múltiplas versões – algumas de maneiras não lícitas, confesso! –, retornei à mais prematura e, simultaneamente, à mais amadurecida: a versão que consegue, de muitas formas, conjugar e expressar as outras; aquela que traz sentido ao talento que me foi aflorado, em toda a minha perspicácia e rebeldia. Afinal, sou um livreiro.

Um livreiro que poderia, facilmente, começar uma apresentação dizendo que tem seus olhos imantados na artecitura, em uma disrupção que se esforça em ser poética, que injeta energia em posturas que reconhecem as tecituras do conhecimento e de nossa existência, enquanto criaturas de constantes ordenamentos e desordens.

Há, na Biblioteca de Matemazônia, um pegão que me causava conflitos quando jovem. Ela se assemelha a uma coluna vertebral, onde diversos escritos – matemazônicos e de outras origens – são distribuídos de forma senoidal; me causava, no âmago, curiosidade e revolta, pois, em minha pseudo-praticidade, organizar os pergaminhos da maneira menos trabalhosa possível agilizaria minha vida em horas e eu poderia, finalmente, me dedicar aos escritos magtéticos, como faziam os outros livreiros. Mas, hoje, entendo que a artecitura são ziguezagues que precisam ser reconhecidos e que são valorosos.

¹¹⁰ Há um período lunar em que fortes ventos assolam algumas áreas matemazônicas. Durante esse fenômeno natural, muita poeira acaba invadindo determinados lugares, como a Biblioteca de Matemazônia devido a sua estrutura comprometida.

¹¹¹ Referência à antiga Biblioteca de Alexandria. Consoante Cabral (2010, p. 10), “A Biblioteca de Alexandria surgiu da idealização do grande conquistador Alexandre Magno, como parte do seu projeto de conquista que chegou ao Oriente e a Ásia, tendo como política de controle das regiões conquistadas a manutenção da administração a que elas estavam habituadas e o processo de ‘civilização’ dos bárbaros por meio de casamentos mistos com os gregos. Alexandre Magno, após a fundação da cidade de Alexandria, pretendia transformá-la num centro de saber, cultural, política e economia que, com a ajuda de seus sucessores imediatos, tornou-se por mais de novecentos anos o epicentro do pensamento grego e romano”.

E após tais reconhecimentos, advindo de algumas estações vividas e experienciadas, de leituras edificantes e outras reflexões, se tornou importante exercitar aquilo que era artecido à minha vida. E dessa vez, posso dizer – conscientemente – que, embora não tenha sido o momento determinando para uma mudança de pensamento, o pontapé foi dado *lá*, quando conheci Tecelânusa.

* * *

Mais recentemente fui convidado a ingressar o corpo docente da Escola de Talentos de Matemazônia. Pela terceira vez. E dessa vez, um convite delicadamente felino. Não soube diferenciar se o rangido vinha da porta de entrada ou da diretora Leona. — Senhor Nahum, boa tarde. — disse ela, ao me ver. — Quanto tempo!

Sempre me achei melhor historiador e contador de narrativas magtéticas do que professor, era o que me respaldava em minhas negativas nos anos anteriores. Mas, ultimamente, pensar em Tecelânusa tem me feito lembrar daquela frase que tanto me tocou: *a gente é tudo isso, meu filho; ninguém é só uma coisa.*

Talvez por conta de um lapso de coragem, de um momento de intimidação ou de um entusiasmo diante de uma novidade na rotina, acabei aceitando o convite quase intimatório. — Levarei como um desafio. — respondi.

Leona garantiu que eu lecionaria “Estudos Históricos Matemazônicos” e “Escritos Magtéticos”. — As suas disciplinas estarão relacionadas aos seus domínios teóricos e expertise, não se preocupe, afinal, essas são disciplinas ministradas por livreiros. — E antes de sair, passeou por entre um elogio e um avacalho: — Conhecemos sua competência, não fosse ela, não estaríamos aqui todos os anos, correndo o risco desse teto desabar em nossas cabeças... Nos vemos na aula magna.

Então, ela se foi, deixando-me sozinho.

— Agradeço o reconhecimento... eu acho.

E foi assim que me motivei a (re)visitar os escaninhos centrais da Biblioteca de Matemazônia, mesmo que já tenha imergido lá outras vezes. De muitos modos, a cada mergulho, saio dali outra criatura. E dessa vez, confesso entusiasmo.

* * *

É madrugada. Curiosamente é a parte do dia que me causa maior atração.

Madrugadas são prelúdios de tragédia, mas anunciam beleza. É o caos que se abre pro amanhecer. O frio me recobre como um manto. Recosto-me sobre minha cadeira de balanço, do lado de fora de minha casa, aos fundos da Biblioteca. À minha esquerda, um tronco de árvore cerrado, sobre ele um recipiente com cafeína, de onde aspiro demoradamente o cheiro quente e terroso. Próximo à xícara, alguns livros

empilhados. Esses eu conheço bem, como velhos amigos: Morin, Derrida, Gardner, Skovsmose, Freire e Montoito.

Pra falar a verdade, é como estar numa roda de conversa quase umbilical, porque existe uma linearidade fundamental entre o que ambos propõem em suas reflexões e o que nos torna filhos de Matemazônia: a formação integral de um sujeito crítico, sem desconsiderar suas raízes e sua multidimensionalidade. É o que fortalece o pegão central de nossa Biblioteca e, mais grandiosamente, de nossa existência.

Além disso, também devo confessar nervosismo à minha estreia docente, o que tem me feito ir ao pegão – além de outras dependências da Biblioteca – com alguma frequência, visitar algumas obras. Como um bom *formigano*¹¹², entendo ser importante estar preparado, entregar excelentes aulas e fazer meus pupilos refletirem e, para além disso, sorrirem.

“Sorrir é importante, Nuvem”. — dizia, no passado, uma de minhas professoras; eu, que em minha rebeldia mantinha um rosto sisudo e pouco sorria, entendia aquilo como uma afronta e apenas a ignorava.

Hoje repito para o céu caótico: — Sorrir é importante! — E talvez seja minha missão nessa nova jornada: transmitir conhecimento e alimentar sorrisos.

Mesmo cansado, depois de um dia exaustivo, me recolho possivelmente feliz.



¹¹² Na Astrologia Esferoidiana, formiganos são criaturas de ordem pragmática, sensata, que percebem a existência em sua forma fidedigna, são trabalhadores natos, responsáveis, disciplinados, que se esforçam diante daquilo que entendem como certo. Maiores curiosidades sobre a Astrologia, podem ser conferidas no Escrito Magtético *Notas Astrologômicas Matemazônicas**, manuscrito antigo que expressa a evolução de uma ciência originária de contribuições de sacerdotes-magos antigos. A Astrologia é uma ciência que revela, por meio da observação e do cálculo, questões relacionadas ao espaço, ao mesmo tempo em que revela eventos relacionados à vida matemazônica. *Obra fictícia.

AS AULAS MAGNAS

— A Escola de Talentos de Matemazônia lhe dá as boas-vindas, professor. — Foi a fala de Leona, assim que me teve sob os olhos. Aquilo me fez lembrar os tempos de estudante. Naquela época pouco sabíamos, mas a Escola de Talentos marcaria de muitas formas nossa existência.

— É uma honra estar de volta, Leona. Agora como professor.

— Devo reconhecer que estamos animados com sua adição ao corpo de formadores... Bom, pelo menos, a maioria.

Meneando a cabeça, dou um sorriso, um tanto grato, um tanto preocupado. Depois disso, continuamos mantendo um diálogo superficial, enquanto os alunos chegavam à aula magna. Toda a movimentação me fez lembrar momentos de minha própria juventude; vinham criaturas de todas as partes de Matemazônia, das nortistas às sulistas, de todos os credos e astros, de todos os tamanhos e formas, uma profusão de diferenças e sonhos. Era possível sentir a empolgação de todos os presentes, era quase tangível.

Animado, comentei algo como “quem diria que a Escola de Talentos de Matemazônia se tornaria tão grandiosa, e não apenas em tamanho”. Leona, que também acompanhava o desfile de alunos e professores pelo salão, com um meio sorriso, em sua postura confiante, foi categórica em seu comentário: — Parte de nossa contribuição social, enquanto formadores, é formar criaturas conscientes de seu papel em sociedade. A gente faz a nossa parte, Nahum, como nossos ancestrais mais recentes também o fizeram, não estamos aqui à toa, nem eles, há uma razão para estarmos aqui.

Concordo. Depois disso, Leona se afasta em direção ao local do discurso, enquanto permaneço refletindo as histórias sobre nossa criação e existência, afinal, já diria o Ser Maior: “*o que podemos fazer para melhorar*”. É o que também me faz lembrar de solicitar junto à biblioteca da Escola os pergadidáticos que me auxiliariam nas disciplinas. Antes que possa dar um voo até a senhorita Tucana, a bibliotecária da Escola, sinto um arrepio nas penas.

— Vejo que está sorridente, Nuvem... — disse alguma criatura que me tirou de meus devaneios. Ao olhar para trás, vejo Bruxânica¹¹³, uma de minhas mais improváveis amigas do período escolar com um sorriso estampado na face. Um ser de celulose em

¹¹³ Bruxânica é um ser de celulose floral, docente da Escola de Talentos e titular de disciplinas que enveredam performances, estéticas e transgressões, como a disciplina de Modas Selvagens, componente curricular da Escola. Com muitos olhos, é atenta a tudo, mesmo que tenha dificuldade de locomoção por conta das raízes que vivem de encontros e desencontros. Sua rebeldia cativa e aprisiona, é o que dizem, por isso a chamam de Bruxânica. Utiliza-se de partes de sua extensão corpórea como utensílios para a costura, é a “arte bruta”.

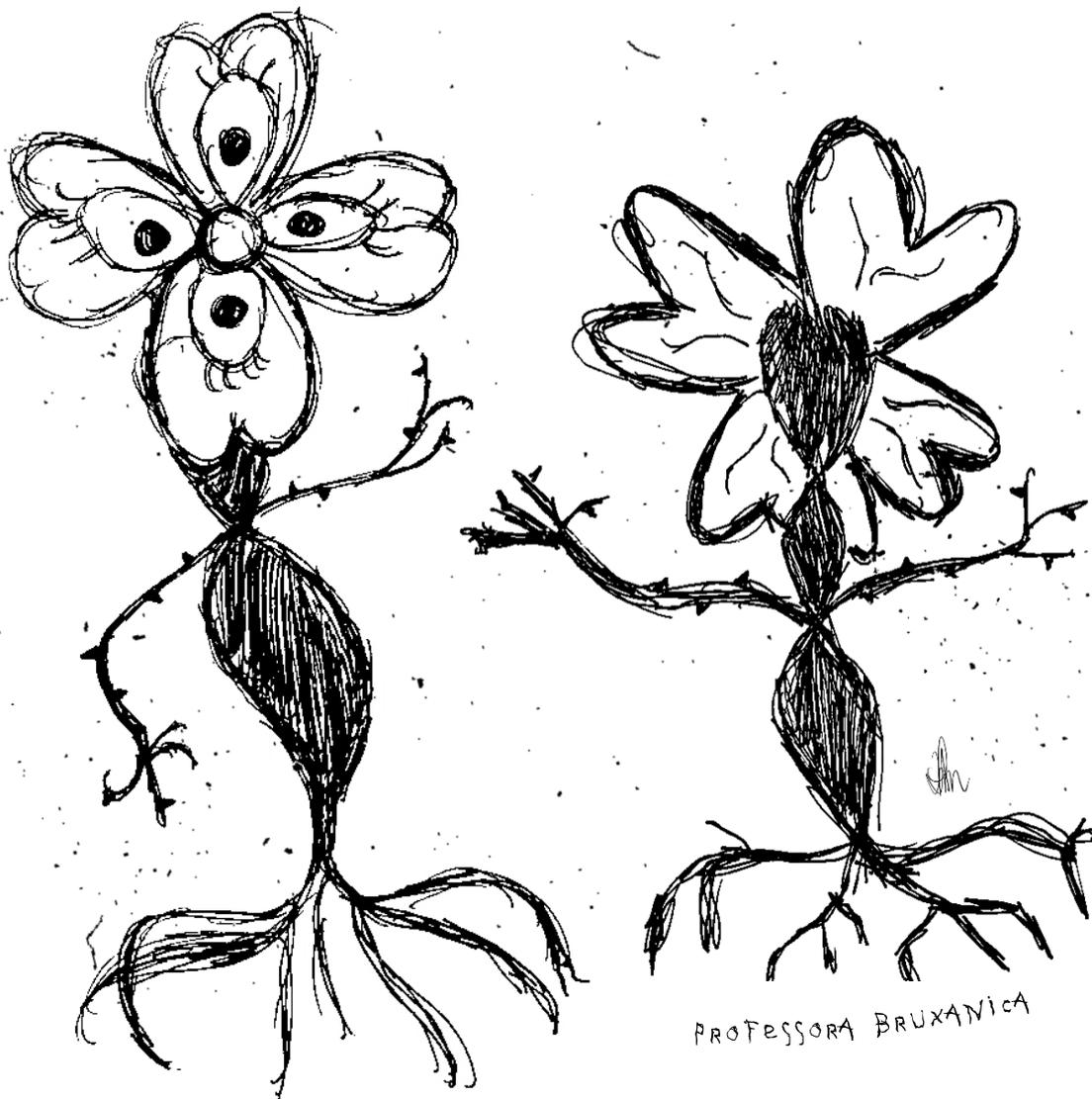
forma de rosa, autêntica e transgressora, sempre chamara a atenção por onde quer que trilhasse. Não que isso, hoje, tenha mudado muito. Estendo minhas asas para acolhê-la, com cuidado para não ser atacado por um de seus espinhos. — Estou tão contente que está aqui. Minhas pétalas estão até mais vívidas.

— Em algum momento teria que vir dar minha contribuição à Escola.

— Você vai ver como a arte docente é fantástica. Bom, não sei como é ser formador de Estudos Históricos, mas Modas Selvagens é minha obsessão. Inclusive, para esse calendário escolar, teremos o Primeiro Desfile de Coleção Matemazônica. Você vai participar, não vai? Ai, eu tagarelo muito, não tagarelo? Estou animada!

Sorrio e pergunto: — Como eu poderia ajudar nesse grande evento?

Antes que Bruxânica pudesse me responder, Leona, com seu potente rugido, fizera todos ouvi-la. Enquanto a observo, recordo-me da minha aula magna, um acontecimento neste mesmo lugar há tempos.



ANOS ANTES

Hoje foi um dia ensolarado, daqueles em que o calor constata a importância de manter o corpo hidratado¹¹⁴. A multidão que me cercava talvez pensasse o mesmo, outras diversas criaturas portando uma carta de boas-vindas, desde as mais introspectivas às mais exuberantes, dos mais singelos aos mais extravagantes tamanhos, criaturas de celulose, de pena, de escamas, de ígneo, quem pudéssemos imaginar estava lá. Todas as diferenças somadas em um mesmo lugar.

Algumas gotas de suor, confundidas ao nervosismo, escorriam por minhas têmporas. Na tentativa de regular a respiração, que começava a ficar ofegante, utilizei minha carta como leque. Ela foi recebida há algum tempo, durante uma manhã curiosa, daquelas tipicamente matemazônica, cheia de acontecimentos que, no momento, não caberiam ser descritos aqui.

Não agora, mas quem sabe em uma outra oportunidade.

Saí de Esferóide quando meus olhos tangenciaram aquelas palavras endereçadas a mim, um misto de incredulidade e emoção tomou conta dos dias subsequentes. De lá para cá, foram dias somados à espera e à ansiedade. Mesmo com o passar dos dias e das estações, a agitação tomava conta.

Finalmente eu poderia identificar qual talento havia sido reservado a mim.

— A Escola de Talentos de Matemazônia lhe dá boas-vindas... — eu repetia, entredentes, a primeira frase da carta, enquanto me mantinha sentado com aquele documento em mãos. Aos poucos, as criaturas se aninhavam aos seus lugares. Um ser de celulose ficou à minha frente, as pétalas que ornamentavam um penteado gigante tornaram aquele ângulo dificultoso; à minha esquerda se manteve um ser de ígneo, aparentemente aborrecido, Agni era o seu nome; e à direita, outro ser de pena, identifiquei ser Tornado, também das montanhas oestinas, adjacentes às minhas. É um ser de penas habilidoso em corridas aéreas com complexos de estrelismo, não que esse último seja um exato talento, mas ele age como se fosse.

Em determinado momento, olhei para trás, uma criatura felina me encarava, apática. — Quer virar refeição, passarinho? — perguntou ela. Ignorei-a e tornei a postura inicial. “Hoje é meu dia!”, pensei, aborrecido, por não conseguir enxergar o que estava à frente e sem poder incomodar quem estava ao meu lado.

Algum tempo depois, decidi ir a outro lugar, porém, antes que pudesse fazê-lo, algumas saudações iniciais começaram a ser proferidas. — Hoje definitivamente é meu dia! — bufei, irritadiço e decepcionado. Todos se calaram e um silêncio constrangedor se apoderou do salão.

¹¹⁴ Padrão (2018).

Não demoraria muito e uma criatura felina iniciaria seu discurso de abertura da Cerimônia Anamnésica de Talentos Matemazônicos¹¹⁵; explicaria a razão de estarmos ali, de termos recebido a carta oficial de matrícula, repetindo o que estava transcrito, palavras de boas-vindas lidas e relidas tantas vezes por mim, que sentia que poderia prever o que seria dito em sequência.

Mas ao invés disso, sinto minhas asas eriçar quando a diretora se põe a nossa frente. Sua postura é paradoxalmente intimidadora e fascinante. “Uma pantera negra poderosa”, penso, enquanto mantenho meus olhos imantados nela. Não demora muito, torno à realidade e balanço a cabeça, na tentativa de afastar pensamentos audaciosos e inapropriados à aula magna.

— Retinta, da Selva Púrpura — ela se apresenta. A décima criatura matemazônica a assumir a gestão de nossa escola, sendo, até então, a criatura mais jovem, a primeira criatura felina, a primeira criatura fêmea e a primeira criatura fenotipicamente mutante a estar no cargo de direção.

“De fato, ela é inspiradora”, divago novamente. Quando me desfaço outra vez dos meus devaneios, ela inicia seu discurso. Inicialmente, nos orienta que a ritualística anamnésica se desenvolve à luz da Teoria das Inteligências Múltiplas, proposta por Howard Gardner e implementada na Escola por meio de Tucucano, antigo gestor. Depois disso, é categórica ao dizer que, para além da teoria gardneana, a Escola de Talentos de Matemazônia também se sustenta em posturas magtéticas, pensadas a partir de tecituras entre a Etnomatemática, a Educação Crítica, a Educação Matemática Crítica e o pensamento complexo, também articuladas por meio de Tucucano.

De acordo com Retinta, nossos fundadores buscaram articular a visão poliocular da complexidade que marca nossa existência em todos os contextos socioeducativos que a Escola de Talentos de Matemazônia pode estar inserida, de modo a contribuir com a formação múltipla de cada criatura que, por ela, passar: contribuições nas dimensões pessoal, acadêmica, profissional, socioafetiva, afinal, tudo está tecido junto. Além disso, nossos iluministas também buscaram na Entomatemática, na Educação Crítica e na Educação Matemática Crítica, axiomas de uma educação democrática e de uma pedagogia emancipadora, capazes de transformar nossa existência; são perspectivas teóricas que também fundamentam nosso projeto político pedagógico, inclusive, ele está disponível para consulta em nossa biblioteca, porque é importante que todos tenham dimensão do que a Escola de Talentos de Matemazônia representa politicamente.

¹¹⁵ A construção do texto está aportada em Morin (2002, 2005a, 2005b, 2015), D’Ambrosio (2001, 2005, 2008), Derrida (2001), Gardner (1994, 1995), Freire (1996), Nacarato e Lopes (2005), Skovsmose (2001, 2013), Moran (2015), Gaiman (2018), Montoito (2019, 2020, 2021), Machado (2019, 2021, 2022), entre outros. Algumas citações estarão incorporadas às falas das personagens.

— Acreditamos no dialogismo existente entre todas as relações presentes nesse lugar; de acordo com prosas skovsmoseanas¹¹⁶, “[...] é importante um posicionamento crítico e reflexivo acerca do currículo, levando em conta questões como a aplicabilidade, interesses e limitações do assunto”, é importante engajá-los à criticidade, à participação – inclusive na formulação do projeto político pedagógico, por que não? –, estamos aqui em busca de contextos que façam parte dos vossos cotidianos e que também possam ser de seus interesses...

Um instante de silêncio leva a diretora, mais uma vez, se movimentar.

— Quando foi fundada há alguns séculos, buscávamos enquanto povo recém-emancipado um lugar para que crianças e jovens pudessem desenvolver o que conhecemos por *inteligências múltiplas*; um espaço de aprimoramentos e descobertas, para a formação crítica de um lugar que muito sofreu no passado, em que líderes autodenominados e movidos aos seus interesses fracionaram a diversidade matemazônica em quatro ordens e tingiram suas cores em tons sombrios. Então, buscando evitar que um novo período de obscurantismo se apoderasse do solo matemazônico, algumas ações foram instituídas, entre elas, a construção da secular Escola de Talentos de Matemazônia. Mas essa é uma parte da história que já conhecemos, não é mesmo?!

Alguns afirmam, outros permanecem quietos. Leona completa: — Caso não, teremos muito a estudar nesse primeiro ano.

— A Escola de Talentos de Matemazônia acredita em uma educação planetária, reflexiva, complexa, em que tudo está tecido junto; acreditamos na transversalidade, no entrelace e na valorização de culturas, de saberes, de talentos, buscando integrar os diferentes modos de pensar; afinal, essa é a matriz da diversidade matemazônica: somos diversos, somos plurais. E ao buscar maneiras de promover uma educação planetária, não pensamos apenas em lhes entregar diplomas, em capacitá-los ao mercado profissional, estamos aqui para torná-los criaturas cidadãs, emancipadas, múltiplas, criativas, solidárias... ao mesmo tempo em que buscamos valorizar seus talentos. Esse é o nosso desafio, fortalecer a sociedade com cidadãos protagonistas, conscientes e críticos. E, claro, talentosos.

E assim, passa a explicar alguns pormenores do que ela chamou anteriormente de Tecituras Edificantes da Escola de Talentos de Matemazônia e seus perfis intelectuais.

— Apresentando uma visão multifacetada da inteligência, Gardner reconhece e legitima a diversidade de perfis intelectuais, assumindo que as pessoas têm forças e estilos cognitivos que se diferenciam e se contrastam. Buscando superar a uniformidade que testes de quociente de inteligência e que suas variações promovem, sobretudo quando refletimos contextos educacionais, a teoria destaca sete perfis de inteligências:

¹¹⁶ Skovsmose (2013 apud Pizzolatto; Pontarolo; Bernartt, 2020, p. 308).

linguística, musical, lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal e intrapessoal¹¹⁷.

Assim que começa a descrever os perfis, Leona começa a andar pelo auditório. Seus movimentos são intimidadores, diria também sensuais, exatamente como os movimentos de um felino.

— A *inteligência linguística*, característica marcante de nossos poetas e livreiros matemazônicos, que nos encantam e nos intrigam com suas palavras e suas habilidades linguísticas, é o tipo de capacidade que lida criativamente com a linguagem, tanto em sua forma verbal (oral e escrita em linguagem natural) quanto em sua forma visual (manifestada por meio de línguas sinalizadas).

Ela então faz uma pausa, se movimenta em silêncio, parecendo farejar algo, talvez o entusiasmo de alguns ou o nervosismo de outros, como eu.

Não demora muito, torna à sua fala.

— A *inteligência musical*, por sua vez, é a capacidade que demarca autoridade em tons, timbres, ritmos. As criaturas dotadas desse tipo de inteligência, como muitas de nossas criaturas de penas canoras, possuem sensibilidade para e capacidade de perceber, discriminar, transformar e expressar formas musicais; de fato, são mentes que destilam música. — É quando penso em minha irmã, que daqui a algum espaço de tempo estará aqui, ganhando seu espaço de uirapuru.

— Com um perfil intelectual tradicionalmente conhecido, a *inteligência lógico-matemática* é caracterizada pela habilidade raciocinativa e dedutiva, presentes no pensamento lógico e matemático (como o nome sugere). Esse tipo de inteligência também está relacionado ao pensamento científico e à resolução de problemas científicos e matemáticos, como aqueles em que os nossos boticários e resolvedores mergulham. — Lembro-me de minha amiga Algebrix. Curou-me de uma Salmonelose¹¹⁸ com uma de suas poções medicinais há uns anos.

— Já a *inteligência espacial* é manifestada pela capacidade de formação de modelos mentais de um mundo espacial e pela capacidade de manobrar e operar “problemas” utilizando esses modelos. Seres com habilidades em artes visuais, como nossas criaturas pintoras; em cuidados medicinais, como nossas criaturas médicas; em domínios artesanais, como nossas tecelãs; desempenham suas habilidades com exatidão e destreza representacional.

— A *inteligência corporal-cinestésica*, caracterizada por habilidades físicas específicas, expressas através da coordenação, do equilíbrio, da destreza, da força, da flexibilidade e velocidade, por exemplos, são altamente perceptíveis em nossos atores,

¹¹⁷ Gardner (1994, 1995).

¹¹⁸ Causada pela bactéria do gênero *Salmonella* em animais de espécies ruminantes, a Salmonelose é considerada, de acordo com Silva (2017, p. 109-110), “uma enfermidade infecciosa [...] de origem alimentar relacionadas ao consumo de produtos de origem animal contaminados [...]”, podendo causar “[...] diarreia com sangue e muco, desidratação, febre, perda de apetite, depressão e choque [...]”.

ginastas, dançarinos que usam o corpo para expressar sentimentos, assim como quem usa partes do seu corpo para produzir ou transformar coisas, como escultores, mecânicos ou cirurgiões; são as capacidades proprioceptivas, táteis e hápticas.

— E, por fim, temos as inteligências pessoais, capacidades de conhecer a si; a *Inteligência Intrapessoal*, marcada pelo autoconhecimento; e aos outros, caso da *Inteligência Interpessoal*, marcada pela capacidade de percepção e distinção de sentimentos, humor, motivações de e em outras criaturas. — Agni sorri e murmura algo como “certamente essas não são minhas”; em silêncio, deduzo que seja em função do seu temperamento, pois conviver pacientemente com outras criaturas certamente não está nos domínios de seres de ígneo.

A diretora finaliza sua fala elucidativa de boas-vindas, nos listando algumas regras da Escola. Após a última delas “Não me façam ter que rugir”, seguida de um meio sorriso que deixa à mostra um de seus caninos, um silêncio constrangedor e intimidado se apodera novamente do salão.

Sem que demore muito, as criaturas começam a ser convocadas à cerimônia de talentos. A criatura de celulose é a primeira a desaparecer do meu campo de visão, pude perceber alguns espinhos que abrochavam naquele momento de euforia. Algum tempo depois o ser de chamas, Agni, foi convocado, não sem antes esbarrar em mim, com uma de suas ínfimas chamas. Pediu desculpas e seguiu. Aria, uma descendente de araras-azuis, que me ajudou a diminuir a fumaça provocada por Agni, foi em seguida. Depois que entravam em um corredor colorido, seguiam imediatamente à Escola, não retornando ao salão.

Elevei a asa direita à altura da cabeça, quando a Senhorita Tucana, que ajudava na cerimônia, anunciou: — Ser de penas, das montanhas ao oeste de Matemazônia: Nuvem Nahum. Me siga, por favor.

Fiz o que me fora solicitado: segui seus passos curtos e acelerados. Mas antes de ir, retornei o olhar para a criatura sentada às minhas costas. Ela permanecia apática, admirando suas garras ou algo semelhante.

Lembro de ter ficado fascinado com a explosão de cores do grande corredor, de ter visto diversas criaturas em diversos ambientes, fazendo as mais diversas atividades: pintando, esculpindo, cantando, dançando, desenvolvendo cálculos, escrevendo, fazendo atividades físicas, misturas químicas, tanta coisa... E então, depois de caminhar alguns metros, fui dirigido a uma sala vazia. Nela, havia um livro flutuante. Um livro grande e secular. O livro que todos conheciam por meio de histórias ancestrais passadas de geração em geração, em que estava registrada toda a história de Matemazônia, escrita com tinta mágica em páginas místicas.

— O Grande Livro Centenário Matemazônico... — murmurei, boquiaberto.

Há tempos vim projetando a sucessão de eventos que me conduziram até aqui. Todos os matemazônicos conhecem a história e a importância da Escola de Talentos. É uma daquelas narrativas que fascinam e que alimentam o imaginário popular.

— Então é ele quem vai revelar o meu talento? — perguntei, ao que a Senhorita Tucana confirmou, me convidando a chegar mais perto. Meneei a cabeça em assentimento, aproximando-me daquele livro que um dia se desintegrou do solo da grande mãe Térrea¹¹⁹ para se tornar a principal fonte de conhecimento de Matemazônia.

— E se for mais de um? — perguntei. — Digo, mais de um talento...

A senhorita Tucana gorjeou um sorriso.

— Você não seria o primeiro. É comum que uma criatura possua mais de um talento, ainda que evidencie mais um ou outro. Fique calmo.

“Ficar calmo”. Impossível! São sensações impensadas desencadeadas, a resposta do ritual poderia me deixar sem chão, sem rios, sem fronteiras. Afinal, qual seria o meu talento ou os meus talentos? E se não for nenhum? Tantas possibilidades.

— Vamos?

— Vamos! — respondi, voltando a trocar os passos.

Depois de algum tempo, me vejo confrontando o Grande Livro Centenário Matemazônico. — Chegou o seu momento. — diz a senhorita Tucano.

Respiro fundo. Com as asas eriçadas, fecho os olhos.

* * *

Retorno de meus devaneios. Leona está finalizando o seu discurso.

— Matemazônia é berço de mentes brilhantes. Não deixem que digam o contrário. Sejam artistas, cientistas, atletas, poetas, ativistas, professores, abracem seus talentos. Isso também é uma celebração à diversidade desse lugar.

Pouco tempo depois, cada criatura é chamada para a cerimônia. De soslaio, vejo a senhorita Tucana em sua corcunda e passos curtos – já não tão ágeis. Do outro lado do salão, Bruxânica conversa com algumas criaturas, pressuponho que sejam meus colegas do mais novo ofício.

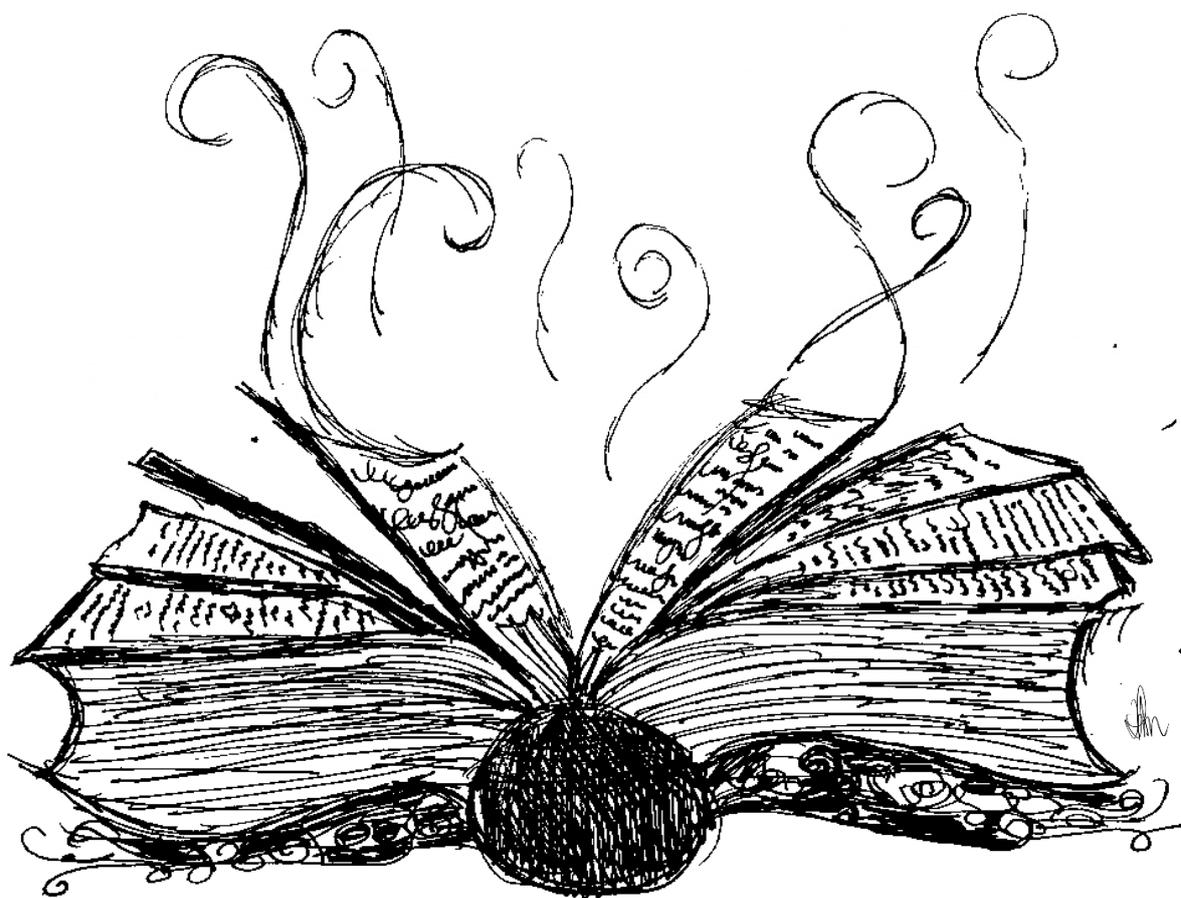
Quando Leona chega, me dando um susto, encaro-a. Talvez por muito tempo.

— O que você tanto olha? Quer virar refeição, passarinho? — Não respondo, ela emenda: — Venha, vamos conhecer as dependências da Escola.

Respiro fundo, as asas eriçam, a sigo.

¹¹⁹ Mãe de Matemazônia. Registros históricos de Matemazônia relatam que, em suas origens, houve uma explosão, conhecida por todos como Explosão dos Astros. O episódio daria início aos regentes de Matemazônia: os Elementares, dentre os quais estava a Térrea (regente dos continentes, das faunas e das floras). Quando a Escola de Talentos nasceu, o Grande Livro foi presenteado por Térrea aos patronos de Matemazônia, uma forma de assegurar que todos os matemazônicos pudessem conhecer sua história e percorrer caminhos valorizando os seus talentos.

ESCRITOS MAGTÉTICOS



o GRANDE LIVRO MATEMÁTICO

CATÁLOGO QUILOPODIANO DA ESCOLA DE TALENTOS DE MATEMAZÔNIA

Caro aluno, este catálogo é centopéico, feito com folhas de uma baniana, costuradas na aldeia das tecelãs. Catálogos Quilopodianos fazem parte de um grupo maior, os Escritos magtéticos, atuando como sínteses elucidativas sobre determinados termos catalogados.

Historica e oficialmente, os Catálogos Quilopodianos remontam à gestão de Giraleta¹²⁰, a quinta criatura matemazônica a ocupar a cadeira da direção da Escola de Talentos de Matemazônia, mas existem indícios de estruturas textuais semelhantes durante a gestão de seus antecessores imediatos, Tucucano e Mathestro.

Este catálogo, em específico, reúne palavras e expressões que muito serão utilizadas durante as aulas do seu primeiro ano escolar, até que tornem-se significativos conceitos. É uma parte mínima – mas importante – de uma estrutura mais interessante: o conhecimento.

Diretora Leona

Alquímicas¹²¹ Docentes

Práticas místicas desenvolvidas na comunidade da Escola de Talentos de Matemazônia. Originárias da primeira gestão da Escola, em sua maioria, as alquímicas possuem efeito protetivo sobre algumas de suas estruturas, tais quais a *Protectio Curriculum*, a proteção de quatro braços vivos do Currículo Matemazônico, *Combinare Exis*, a proteção do Grande Livro Matemazônico, *Elixir Utilis*, amplamente utilizada nas aulas de Banhos e Cheiros Ervais e *Sonrísas*, alquímica serotônica. Em “*Alquímicas: das teorias às práticas*”, obra póstuma de Giraleta, há um compilado de proteções, registrados pela diretora.

Currículo¹²²

Desenvolvido a partir de concepções pós-modernas, o currículo matemazônico é um convite para que pensemos a Educação a partir de um lugar que contempla a

¹²⁰ Giraleta foi a quinta gestora da Escola de Talentos de Matemazônia. Livreira, produziu diversos escritos magtéticos. Defensora de lugares iluminados e coloridos, desde a sua gestão a Escola incorpora em suas dependências cores e formas diversas, resultando em inúmeras obras de arte. Muito curiosa e conhecida por ser acelerada, matriculou-se na disciplina de Alquímicas Matemazônicas para escrever uma de suas obras e, lá, descobriu através de uma alquímica própria as Gomas de Aprendizagens que, desde então, acalmavam seus ânimos.

¹²¹ Combinação das palavras Alquimia e Química.

¹²² Texto construído, especificamente, a partir de leituras em Doll Jr (2002) e Silva (2009).

sensibilidade, a diversidade sociocultural, a criatividade, a transdisciplinaridade, a estética, entre outros componentes essenciais à constituição de uma Educação firmada na Racionalidade Aberta da Complexidade.

Quando discutido, com maiores deliberações, durante a gestão de Tucucano, o currículo em Matemazônia teve como influências mais significativas as filosofias e contribuições de Doll Jr. Suas reflexões em torno de abordagens educacionais de um currículo pós-moderno chegaram ao, então, gestor da Escola de Talentos, logo nos seus primeiros anos de direção, o que corroborou para o desenvolvimento de práticas educacionais mais sensíveis à experiência de sua comunidade escolar, buscando ultrapassar as *éxis* absolutas, as noções intransigentes de um conhecimento tomado por dissidências.

Em diversas viagens exploratórias, as quais chamava de Borramento de Fronteiras, Tucucano entrou em contato com abordagens, teorias, posicionamentos epistemológicos que influenciaram ações que constituíram o currículo em toda Matemazônia, não apenas na Escola de Talentos, como nas demais instituições de ensino.

Durante a gestão de Giraleta, um período em que se destaca a efervescência de novas alquímicas docentes, o Currículo Matemazônico teve lançado sobre si a proteção dos quatro braços vivos, chamados de Riqueza, Recursão, Relações e Rigor, referenciados pelo trabalho de Doll Jr.

Protectio Curriculum e os quatro braços vivos

O efeito da proteção é indeterminado. Embora protetiva, entende-se que tal alquímica também é mutável, sujeita à crítica, à adaptação, à transformação, de acordo com o tempo e o espaço. Giraleta dizia que o *Protectio Curriculum* tratava-se, muito de mais, de uma proteção à concepção de um currículo vivo, do que sua materialidade física.

Cerceada por quatro braços que protegem e folheiam as suas páginas, o currículo expressa pelo braço *Rico*, a sua profundidade, as suas camadas de significados, a multiplicidade de suas possibilidades e de suas interpretações frente às relações dialógicas e transformacionais entre professores e alunos.

O braço *Relacional*, por sua vez, está ligado às interações entre professores e alunos, dentro dos contextos pedagógicos, relacionados ao próprio currículo enquanto um firmamento escolar, e do contexto histórico-cultural, que revelam a importância da integração, da harmonia, de uma consciência interrelacional entre perspectivas distintas.

Já o braço *Recursivo* envolve o aprofundamento de uma compreensão através de interações e reflexões dentro do contexto escolar articulado ao ambiente sociocultural

em que o aluno está inserido. E o braço *Rigoroso* é marcado pelo diálogo entre alunos e professores, pela participação do aluno no processo de seleção de conteúdos e avaliação.

Éxis

“*Há uma linha tênue entre ser intransigente e defender os seus argumentos*”, escreveu Lobo em um de seus escritos magtéticos, ao se referir às *éxis* matemazônicas.

Uma mobilizadora do padecimento e da salvação matemazônica no passado, as *éxis* são discursos, crenças, posicionamentos frente a uma compreensão. Podem incitar a melhor das transformações, como também pode arruinar a vida de muitas criaturas. Nem boas, nem más, são ambivalentes, não há uma definição melhor.

Para algumas criaturas, existe um Ser Maior regendo a existência matemazônica. Para outras, não. Para alguns, o progresso está relacionado às transformações tecnológicas que chegaram à Matemazônia. Para outros, regride-se a sensibilidade, apequenando as interações sociais. A Magtética surgiu do sonho coletivo de alguns, mas nem todos os matemazônicos concordam com ela, achando que é inútil. São diversas as *éxis*.

O Grande Livro Matemazônico

Presente de Têrrea ao povo matemazônico, o Grande Livro é o principal símbolo da mudança paradigmática em torno do período de assombros que acinzentou a vida em Matemazônia. Criado como relicário das memórias de Matemazônia, é onde estão resguardados diversas passagens históricas e conhecimentos produzidos por seu povo.

Diversas reproduções estão disponíveis pelo território matemazônico, porém, o Grande Livro original fica protegido pela *Combinare Exis*, guardado em um cômodo da Escola de Talentos, sob efeito da alquímica. O Grande Livro é aberto anualmente na Cerimônia Anamnésica da escola, que celebra o ingresso de novos alunos e o aniversário da instituição.

Componentes Elementares da Primeira Classe

As disciplinas elementares da Escola de Talentos de Matemazônia constituem as bases teóricas e concepcionais em torno de uma formação planetária, transversal, de racionalidade aberta, desprendida da universalização do conhecimento.

O quadro de componentes da Escola está, atualmente, caracterizado por *disciplinas elementares e disciplinas eletivas*. Há ainda a possibilidade de, dentro de um consenso entre professores e alunos, haver a oferta de *disciplinas de interesse comum*. Na primeira classe, as componentes elementares se distribuem em Estudos Históricos

Matemazônicos I, Estudos de Gleba I, Modas Selvagens, Escritos magtéticos e Banhos e Cheiros.

Estudos Históricos Matemazônicos I

Primeira disciplina a ser planejada para compor o currículo da Escola de Talentos, Estudos Históricos assumem um importante papel no processo de educação do povo matemazônico sobre a sua própria história, afinal, também é uma maneira de assegurar partes importantes da existência de cada criatura matemazônica.

No primeiro ano escolar, a componente é majoritariamente informativa, buscando exemplificar malefícios e traumas provocados por aquilo que é apresentado como pensamento reducionista, dissidente, mutilante.

Professores: *Nuvem Nahum e Leona*

Estudos de Gleba I: Lugares-de-Lugar-Nenhum

Lugares-de-Lugar-Nenhum são porções geográficas espaciais sem uma definição objetiva. Ao entorno de Matemazônia, existem diversos deles. Nas aulas de Estudos de Gleba¹²³, tais Lugares são refletidos e catalogados, a partir do lugar de onde são enxergados, demarcando a subjetividade do seu observador, afinal, Lugares-de-Lugar-Nenhum estão no encontro da imaginação e da realidade; um Lugar-de-Lugar-Nenhum nunca será igual a outro, nem igual a ele próprio depois de algum tempo, motivo pelo qual nunca está no mesmo lugar.

Professora: *Valkíria*

Escritos Magtéticos

Originária do período anterior, mas difundida na gestão de Mathestro, a Magtética é uma essência matemazônica, apoiada nas tecituras da pensamento complexo, que entretece as diversas manifestações do conhecimento, articulando-os a aspectos sensíveis de nossa existência.

O âmago da produção do conhecimento matemazônico, escritos magtéticos compõem uma tradição matemazônica secular de aliar conhecimentos matemáticos, científicos, literários, artísticos e tanto mais... em toda a sua multidimensionalidade. Geralmente associados aos Livreiros (não sendo, porém, exclusivos a eles), escritos magtéticos se subdividem em gêneros textuais diversos, de menores a maiores ordens. Conforme descrito anteriormente, este catálogo é um exemplo.

Professor: *Nuvem Nahum*

¹²³ Estudo equivalentes à disciplina de Geografia.

Modas Selvagens

A moda transpassa a noção sumária de uma vestimenta, de um padrão ou de uma repetição. A moda gera processos de identificação, de identidades, assume linguagens e discursos¹²⁴. Modas Selvagens assume o caos, atuando na construção de novos signos e símbolos em torno da concepção de moda plural, inclusiva e subversiva. Pensada para explorar processos criativos, identidades que expressam experiências e subjetividades, articulações baseadas na filosofia magtética, a disciplina busca contemplar o repertório sociocultural de todos os grupos matemazônicos.

Professora: *Bruxânica*

Banhos e Cheiros Ervais I

A disciplina de Banhos e Cheiros Ervais é, talvez, a mais inusitada¹²⁵ do rol de componentes elementares, afinal, diz respeito à produção de poções – medicinais e ritualísticas – a partir do uso de diversas ervas, integrando os conhecimentos advindos da tradição dos povos matemazônicos e os conhecimentos laboratoriais. Na primeira classe, a componente se atém aos tipos e às características de ervas e seus usos potenciais.

Professora visitante: *Algebrix*

Observação I: Em eventual busca por outros termos catalogados ou por Catálogos Quilopodianos específicos, orientamos que se dirijam à Biblioteca da Escola, sob os cuidados da bibliotecária Tucana, ou à Biblioteca Central de Matemazônia, sob os cuidados do professor Nuvem Nahum.

Observação II: A orientação também é válida para todas as buscas que envolvam borramento de fronteiras.

¹²⁴ Castilho (2004).

¹²⁵ Durante o curso, os alunos acabam tendo contato com poções tradicionais batizadas com nomes audaciosos, que expressam desejo, poder, ambição, utilizando-se, inclusive, de palavras pejorativas.

O ÔM DE VENTOS

Há em Matemazônia, dentre o tanto que se há, ventos.

Ventos que nos levam, que nos trazem, que em seus desencontros, nos encontram, que nos congelam e que acalentam, que nos confundem e que nos clareiam memórias, que nos trazem cheiros, experiências, ideias. Ventos tão sábios que nos atravessam, nos apequenam, entoando a nossa condição humana.

Lá, os ventos são rezas do tempo e tão importantes que há, na Escola de Talentos, para turmas mais avançadas, uma disciplina para apreciá-los. Apreciar o sopro de suas histórias, histórias sobre tragédias e dores, mas também sobre benevolência e atos de amor. Ela se chama Ventos Polivalentes.

Não pretendia chegar até aqui, mas foi para onde os ventos matemazônicos, carregados de polivalência, me trouxeram e, desencastelando verdades absolutas, derruindo as noções dominantes de uma racionalidade dissociada da emoção, me fez lembrar de uma tocante canção e que, nos tecimentos de minha vida, nas constatações da Complexidade, veio me “[...] lembrando que nós todos somos um”¹²⁶.

¹²⁶ *Nota 1:* Somos um, não em desconfiguração às nossas unicidades, mas por contermos no interior de nossas células, todo o nosso patrimônio genético e por, recursividade, nos tornarmos morada de uma sociedade que, mesmo coletiva, reflete sua linguagem e sua cultura em nosso interior (Morin, 2005b; Lucena, 2005). *Nota 2:* Referência à letra da música *Reza do Vento*, composição e interpretação de Ale de Maria, lançada em 2018 (Ale de Maria, 2019). A canção está disponível em: Reza do Vento. 1 vídeo (4min 28s). Publicado pelo Canal Ale de Maria – Tema. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=76aYwslKJsU>. Acesso em: jan. 2024.

“[...] eu sei que não é muito,
mas é o melhor que posso fazer [...]” no momento.



por fim, também brado:
torne-se um estranho!

REFERÊNCIAS

ADAM, M. V. S. Alfabetização matemática e literatura infantil: possibilidades para uma integração no ciclo de alfabetização. 2020. 60f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Exatas) – Instituto de Matemática, Estatística e Física, Universidade Federal do Rio Grande, Belo Horizonte, 2020.

AMADO, A. Compreendendo a Alteridade: O Significado da Palavra. Guia Esotérico. 2023. Disponível em <https://guiaesoterico.com/qual-e-o-significado-da-palavra-alteridade/>. Acesso em: mai. 2023.

ANDRADE, M. Macunaíma. 22. ed. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1986.

ARNOLD, D. S. A. Matemáticas presentes em livros de leitura: possibilidades para a educação infantil. 2016. 240f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino da Matemática) – Instituto de Matemática, Universidade do Rio Grande do Sul, 2016.

BENNEMANN, M.; ALLEVATO, N. S. G. Educação Matemática Crítica. Revista de Produção Discente em Educação Matemática, São Paulo, v.1, n.1, p. 103-112, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pdemat/article/view/9226>. Acesso em: jun. 2022.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: jul. 2022.

BRITO, D. S. A importância da leitura na formação social do indivíduo. São Paulo. Revela, v. 4, n. 8, 2010. Disponível em: http://fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/Artigo4_ed08.pdf. Acesso em: abr. 2020.

CABRAL, R. M. Bibliotecas de Alexandria: construções políticas da memória. 2010. 73f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

CANTO, C. B. Enamoramento entre Matemática e Literatura: experiências linguageiras. 2019. 236f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

CARMO, M. P.; MARCONDES, M. E. R. Abordando soluções em sala de aula: uma experiência de ensino a partir das ideias dos alunos. Química Nova na Escola, São Paulo, SP, n. 28, p. 37-41, 2008.

CARVALHO, R. P. A Literatura Infantil e a Matemática: um estudo com alunos de 5 e 6 anos de idade da educação infantil. 2010. 104f. Dissertação (Mestrado

Profissionalizante em Ensino da Matemática) – Pontifícia Universidade Católica, 2016.

CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE. Carta da Transdisciplinaridade. In: SOMMERMAN, A.; MELLO, M. F.; BARROS, V. M. (Org.). Educação e Transdisciplinaridade II. São Paulo, SP: USP, 2002.

CASTILHO, K. Moda e linguagem. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

CATALÀA, C. A.; C. A.; HENRIQUE, M. D. A Geometria e o Assassinato no "Mathematics Express". Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, Florianópolis, SC, v. 11, n. 3, p. 233-246, 2018.

CEOLIM, A. J.; HERMANN, W. Ole Skovsmose e sua Educação Matemática Crítica. Revista Paranaense de Educação Matemática, Campo Mourão, v.1, n.1, p. 9-20, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33871/22385800.2012.1.1.8-20>. Acesso em: abr. 2023.

CHAVES, S. N. (org.). Experimentar na Diferença: um banquete de monstruosidades acadêmicas. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2022.

CIDREIRA, A. C.; FAUSTINO, A. C. Vamos além do "Era Uma Vez": literatura infantil, matemática e questões étnico-raciais nos anos iniciais. Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana, Recife, PE, v. 12, n. 3, 2021.

COHEN, J. Lady Gaga está pronta para a batalha no clipe da música inédita, Stupid Love. Traduzido por Guilherme Della Negra. !ENews, 2020. Disponível em: <https://www.eonline.com/br/news/1126794/lady-gaga-esta-pronta-para-a-batalha-no-clipe-da-musica-inedita-stupid>. Acesso em: mai. 2023.

COLLINS, F.; MORAES, P. P.; MACHADO JÚNIOR, A. G. Prática pedagógica integrada de alfabetização matemática e literatura infantil. Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Matemática, Passo Fundo, RS, v. 2, n. 1, p. 84-98, 2019.

CORAZZA, S. M. Para uma filosofia do inferno na educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002.

COSTA, A. B.; GOMES, M. Intertextos midiáticos e dialogismos culturais n'O Sítio do Picapau Amarelo. Revista Iniciacom, São Paulo, SP, v. 3, n. 1, 2011, p. 1-18. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/view/618/578>. Acesso em: ago. 2022.

COSTA, D. D. Saudezapan. In: CHAVES, S. N. (Org.). Experimentar na Diferença: um banquete de monstruosidades acadêmicas. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2022. p. 59-63.

COSTA, M. A. L.; FERNANDO, A. C. A composição da toada na Amazônia e a festa do boi-bumbá: a poética do imaginário do compositor. RELEM, Manaus, AM, v. 1, n. 1, 2013, p. 1-13.

CUNHA, L. Expressões Idiomáticas. Talentnetwork, 2018. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/talent-blog/expressoes-idiomaticas/>. Acesso em: nov. 2023.

CUNHA, A. V. Guardados do Baú da Vovó: sobre Matemática, contação de histórias e a construção do conceito de número. 2019. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação e Tecnologia) – Campus Pelotas, Instituto Federal Rio Sul-Grandense, 2019.

CUNHA, A. V.; MONTOITO, R. A construção do conceito de número através da Literatura Infantil, de acordo com as proposições da BNCC. Research, Society and Development, [S. l.], v. 10, n. 9, p. 1-13, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i9.18298>. Acesso em: jul. 2022.

CUNHA, A. V.; MONTOITO, R. Uma revisão sobre pesquisas brasileiras que investigam as inter-relações entre Literatura Infantil e Matemática. Research, Society and Development, Vargem Grande Paulista, SP, v. 9, n. 9, p. 1-26, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7496>. Acesso em: 26 jul. 2022.

D'AMBROSIO, U. A interface entre História e Matemática uma visão histórico-pedagógica. Revista História da Matemática para Professores, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 41-64, 2021. Disponível em: <https://rhmp.com.br/index.php/RHMP/article/view/67>. Acesso em: jul. 2022.

D'AMBROSIO, U. Educação Matemática: da teoria prática. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. (Coleção Perspectivas em Educação Matemática).

D'AMBROSIO, U. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. 6. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

D'AMBROSIO, U. Paz, Educação Matemática e Etnomatemática. Teoria e Prática da Educação, Maringá, PR, v. 4, n. 8, p. 15-33, 2001.

D'AMBROSIO, U. Matemática, Ensino e Educação: uma proposta global. Revista Temas e Debates, [s. l.], v. 4, n. 3, p. 1-15, 1991.

D'AMBROSIO, U. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, SP, v. 31, n. 1, p. 99-120, 2005.

DALCIN, A.; MONTOITO, R. Literatura e Matemática em Inter-relações Possíveis: análises, propostas e divagações. Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, v. 10, n. 2, p. 7-13, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37001/ripem.v10i2.2370>. Acesso em: jul. 2022.

DANTAS, F. M. S. A Leitura como instrumento facilitador da compreensão matemática. 2011. 206f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e

Matemática) – Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

DERRIDA, J. Posições. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

DOOL JR, W. E. Currículo: uma perspectiva pós-moderna. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Penso, 2002.

EGAN, K. Por que a imaginação é importante na educação?. In: FRITZEN, C.; CABRAL, G. S. (Org.). Infância: imaginação e educação em debate. Campinas, SP: Papirus, 2007. p. 11-37.

FISHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 197-223, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/i/2001.n114/>. Acesso em: ago. 2022.

FLORES, C. R.; KERSCHER, M. M.; FRANCISCO, B. M. Escritas em passagens, investigadores infantes e matemáticas brincantes. Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, Florianópolis, SC, v. 11, n. 3, p. 129-142, 2018.

FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. (Leituras Filosóficas).

FRANÇA, M. S. A. S. A literatura de Malba Tahan: a interdisciplinaridade como abordagem significativa para o ensino e aprendizagem de Matemática e o uso das TICs como forma de disseminação do aprendizado. 2021. 103f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Engenharia de Lorena, Universidade de São Paulo, 2021.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. Política e Educação: ensaios. 5. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

GAIMAN, N. Arte Importa: Porque sua imaginação pode mudar o mundo. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2018.

GARDNER, H. Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre, SC: Artmed, 1994

GARDNER, H. Inteligências Múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre, SC: Artmed, 1995.

GENTÍLICO. In: Dicionário online Clube do Português, 10 jul. 2016. Disponível em: <https://www.clubedoportugues.com.br/o-que-e-adjetivo-gentilico/>. Acesso em: ago. 2022.

INTERLÚDIO. In: Knook.net, enciclopédia temática, 22 jan. 2017. Disponível em: <https://knook.net/arteseletras/musica/interludio/>. Acesso em: mai. 2023.

KOVECSES, Z. *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, RJ, n. 19, p. 20-28, 2002.

LEMONS, M. R. Estratificação Social na teoria de Max Weber: considerações em torno do tema. *Revista Iuminart*, Sertãozinho, SP, v. 4, n. 9, 2012, p. 112-127. Disponível em: <http://revistailuminart.ti.srt.ifsp.edu.br/index.php/iluminart/issue/view/11>. Acesso em: mai. 2023.

LINHARES, M. A. S. Atlas de Corpo Nenhum. In: CHAVES, S. N. (Org.). *Experimentar na Diferença: um banquete de monstruosidades acadêmicas*. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2022. p. 27-29.

LISBOA, M. *Jogos: para uma aprendizagem significativa*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Wak Editora, 2013.

LOPES, R. M. G.; GONDIM, D. M. Ficção–Fricção: Operando Aberturas de Ar e Produzindo Educação Matemática de/na/com/para Educação do Campo. *Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, Florianópolis, SC, v. 11, n. 3, p. 87-105, 2018.

LUCENA, I. C. R. *Educação Matemática, Ciência e Tradição: tudo no mesmo barco*. 2005. 209f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

MACHADO, É. A. L.; SOUZA, A. M. S.; WANZELER, E. P.; MARINHO, K. K. O. Nas Raízes Matemazônicas do Clube de Leitura “Os Livreiros de Matemazônia”. In: *Simpósio de Educação em Ciências na Amazônia*, 9, 2019, Manaus. Anais [...]. Manaus, AM: UEA Edições, 2019, p. 74-78. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1UCsoXGH4L7W7n0SepH7Dh85SiLzbyh-K/view>. Acesso em: dez. 2022.

MACHADO, É. A. L. Os Livreiros de Matemazônia: das éxis questionadas à matemática conceituada, da leitura à escrita, uma narrativa de equações matemazônicas. Orientadora: Prof. Ma. Karem Keyth de Oliveira Marinho. 2021. 118f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Centro de Estudos Superiores de Tabatinga, Universidade do Estado do Amazonas, Tabatinga, AM, 2021.

MACHADO, É. A. L.; LUCENA, I. C. R.; MARINHO, K. K. O.; WANZELER E. P. O. Triângulo das Tecelãs: uma experiência com produções narrativas “tecidas” por alunos do ensino médio, do município de Tabatinga/AM. In: *Congresso Ibero-Americano de Educação Matemática*, 9., 2022, São Paulo. Anais [...]. São Paulo, SP: PUC, 2023.

MACHADO, É. A. L.; MARINHO, K. K. O.; WANZELER E. P.; SALES, E. R. Matemazônia e suas narrativas: interpretação, criatividade e criticidade em matemática, a partir de uma prática com alunos do ensino médio. In: SILVEIRA, J. L. (Org.). Coletânea Conhecimento e Inovação. 1. ed. Formiga, MG: Uniatual Editora, 2023. p. 61-72.

MANGUEL, A.; GUADALUPI, G. Dicionário de Lugares Imaginários. Tradução de Carlos Vaz Marques e Ana Falcão Bastos. 1. ed. Lisboa: Tinta da China, 2013.

MONTEZUMA, L. F. Saberes mobilizados por um grupo de professoras diante do desafio de integrar a literatura infantojuvenil e a Matemática. 2010. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2010.

MONTOITO, R. Às Avessas: outros percursos para se pensar/discutir as inter-relações entre matemática e literatura. Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, v. 10, n. 2, p. 89-106, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37001/ripec.v10i2.2170>. Acesso em: jul. 2022.

MONTOITO, R. Entrelugares: pequeno inventário inventado sobre matemática e literatura. Bolema: Boletim de Educação Matemática [online], v. 33, n. 64, p. 892-915, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v33n64a22>. Acesso em: jul. 2022.

MONTOITO, R. Euclid and His Modern Rivals (1879), de Lewis Carroll: Tradução e Crítica. 2013. 447f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2013.

MONTOITO, R. Uma visita ao universo matemático de Lewis Carrol e o (re)encontro com a sua lógica nonsense. 2007. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

MONTOITO, R.; MINKS, R. Três Viagens por Planolândia: estudos interdisciplinares. Bolema: Boletim de Educação Matemática [online], v. 36, n. 72, P. 71-91, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v36n72a04>. Acesso em: jul. 2022.

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: Souza, C. A.; MORALES, O. E. T. (Org.). Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens. Ponta Grossa, PR: UEPG/PROEX, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: out. 2021.

MORIN, E. A aventura de O Método e para uma racionalidade aberta. 1. Ed. São Paulo, SP: Edições SESC, 2020.

MORIN, E. Amor, poesia, sabedoria. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005a.

- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D Alexandre, Maria Alice Sampaio Dória. 82. ed. rev. e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005b.
- MORIN, E. *Minha Paris, Minhas Memórias*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2015.
- MORIN, E. *O Método 3: o conhecimento do conhecimento*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 1999.
- MURBACH, M. C. G. *Histórias Infantis e Alfabetização Matemática*. 2017. 236f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Ciências Exatas, Universidade Federal do Paraná, 2017.
- NACARATO, A. M.; LOPES, C. E. *Escritas e Leituras na Educação Matemática*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005.
- NEOLOGISMO. In: *Dicionário online Clube do Português*, 22 abr. 2021. Disponível em: <https://www.clubedoportugues.com.br/neologismo/>. Acesso em: ago. 2022.
- OLIVEIRA, A. G. *Memórias das Aritméticas da Emília: o ensino da aritmética entre 1920 e 1940*. 2015. 201f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 167 p.
- PADRÃO, P. Quanto precisamos de beber para nos mantermos hidratados? O que escolher para hidratar? Quem sabe, sabe!, [*S. I.*], v. 3, p. 6-7, 2018.
- PEDROSO JUNIOR, N. C. Jacques Derrida e a Desconstrução: uma introdução. *Revista Encontros de Vista, Recife, PE*, v. 5, n. 1, p. 48-59, 2021.
- PETRAGLIA, I. *Pensamento Complexo e Educação*. São Paulo, SP: Editora Livraria da Física, 2013.
- PIZZOLATTO, C.; PONTAROLO, E.; BERNARTT, M. L. A educação matemática crítica na formação do cidadão para sua emancipação social. *Revista de Educação, Ciência e Cultura, RS*, v. 25, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/5678/pdf>. Acesso em: mai. 2023.
- PONDÉ, G. *A Arte de Fazer Artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes*. 1. ed. São Paulo, SP: SESI-SP Editora, 2017.
- QUEIROZ, V. *Tribos de Chromatica, de Lady Gaga – Stupid Love*. TycoonStore, 2020. Disponível em: <https://www.tycoonstore.net/post/tribos-de-chromatica-de-lady-gaga-stupid-love>. Acesso em: 30 mai. 2023.

RIBEIRO, F. S.; MACHADO JÚNIOR, A. G.; MATOS, M. D. G.; GUIMARÃES, W. T. Ensino de Matemática e Literatura Infantil: uma proposta para aprendizagem de alunos do 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. REMAT, São Paulo, SP, v. 17, 2020, p. 1-27. Disponível em: <http://doi.org/10.37001/remat25269062v17id402>. Acesso em: jul. 2022.

ROCHA, L. Bibliotecas e Silêncio. Revista Biblio: cultura informacional, [Rio de Janeiro, RJ], ano 3, n. 3, [online], 2013. Disponível em: <https://biblioo.info/sobre-bibliotecas-e-silencio/>. Acesso em: ago. 2022.

RODRIGUES, D. Literatura e Matemática: uma reflexão sobre contar histórias, ler números e vice-versa. 2018. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2018.

ROSA, M. E. A.; NUNES, R. I. S. Literatura Infanto-Juvenil: contação de histórias na escola e na biblioteca. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, 24., 2011, Maceió. Anais[...]. Maceió, AL: UFG, 2011. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/10977>. Acesso em: jul. 2021.

SANTOS, J. R. V.; PINTO, T. P. O Auto da Barca do Inferno (ou: um editorial pode ser ficcional?). Revista Alexandria, Florianópolis, SC, v. 11, n. 3, p. 3-11. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1982-5153.2018v11n3p3>. Acesso em: mar. 2023.

SCHABARUM, J. R.; CHISHMAN, R. L. O. Creative metaphors in video lessons: the relationship. Revista de Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, MG, v. 28, n. 2, p. 721-746, 2020.

SILVA, D. G. Salmonelose. Revista Acadêmica Ciência Animal, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 109-112, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.7213/academica.15.S02.2017.A11>. Acesso em: set. 2022.

SILVA, H. A.; OLIVEIRA, M. F. A. As alegorias religiosas de C. S. Lewis nas Crônicas de Nárnia. Revista Estudos da Religião, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 27-40, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2020vol20i3a3>. Acesso em: mai. 2023.

SILVA, M. A. Currículos de Matemática no Ensino Médio: em busca de critérios para escolha e organização de conteúdos. 2009. 247f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

SILVA, M. K. F. A Literatura Infantil e Educação Matemática na Educação Infantil: atuações pedagógicas, inspiradas em histórias infantis, com múltiplas linguagens e o voo de crianças bem pequenas. 2021. 239f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 2021.

SKOVSMOSE, O. Educação Matemática Crítica: a questão da democracia. Campinas, SP: Papirus, 2001.

SNICKET, L. Mau Começo. Tradução Carlos Sussekind. [São Paulo, SP]: Cia das Letras, 2001.

SOUSA, C. Hogwarts: tudo sobre a escola de magia e bruxaria de Harry Potter. Legião de Heróis. 2022. Disponível em <https://www.legiaodosherois.com.br/2021/hogwarts-harry-potter-tudo-sobre.html>. Acesso em 30 de mai. 2023.

SOUSA, H. Castelo Rá-Tim-Bum: uma análise educativa. Orientadora: Prof. Dra. Tereza Virgínia de Almeida. 2022. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2022.

SOUZA, A. M. S.; MACHADO, É. A. L.; WANZELER; E. P.; MARINHO, K. K. O. Clube de leitura: uma experiência literária na educação matemática. In: Simpósio de Educação em Ciências na Amazônia, 9, 2019, Manaus. Anais[...]. Manaus, AM: UEA Edições, 2019. Disponível em: <https://sites.google.com/uea.edu.br/secam/anais>. Acesso em: set. 2020.

SOUZA, A. P. G. Histórias infantis e Matemática: a mobilização de recursos, a apropriação de conhecimentos e a receptividade de alunos de 4ª série do ensino fundamental. 2008. 207f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2008.

TRAMONTIM, L. E. A literatura infantil como estratégia de aprendizagem no ensino de matemática: 2º ano do Ensino Fundamental I. 2020. 75f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2020.

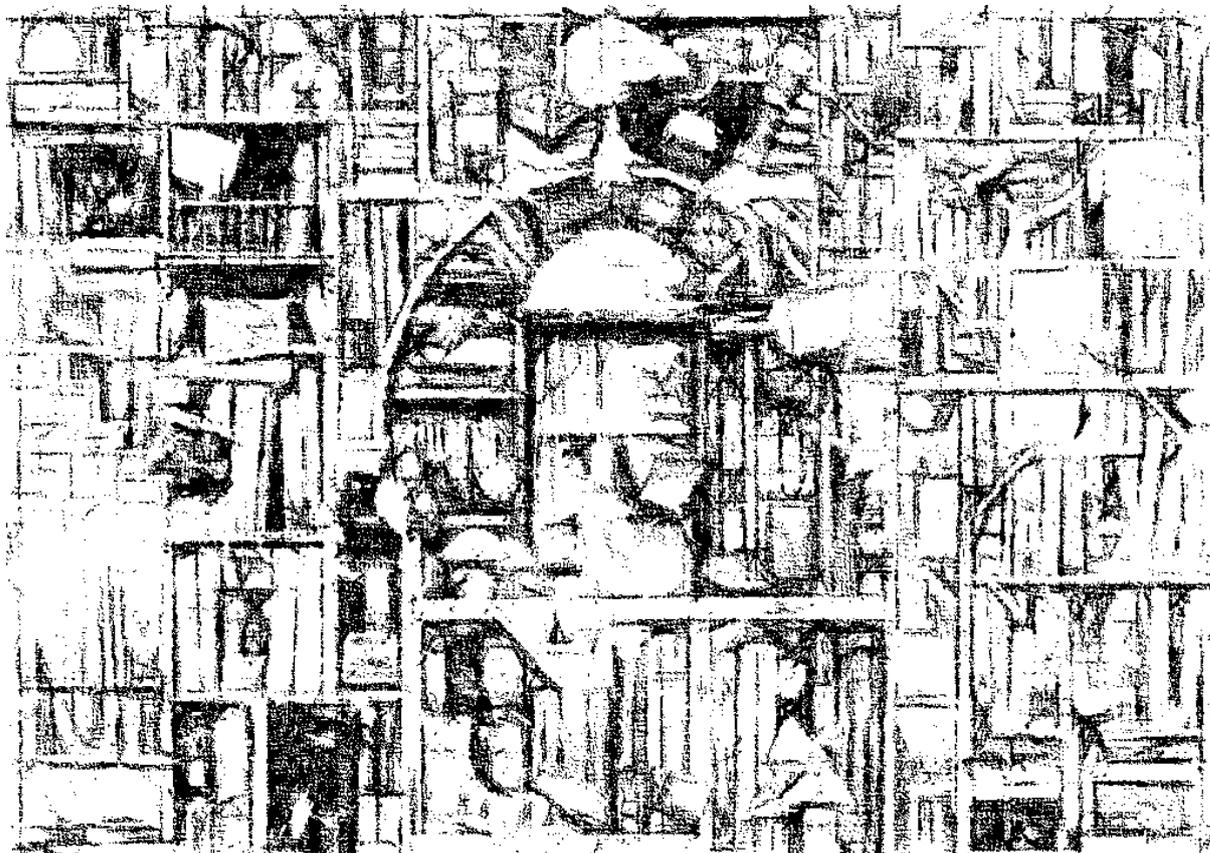
VERNANT, J. P. O universo, os deuses, os homens. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

VESCHI, B. Etimologia de Magia. Etimologia: Origem do Conceito, 2019. Disponível em: <https://etimologia.com.br/magia/>. Acesso em: dez. 2023.

WEBER, M. Classe, estamento, partido. In: GERTH, H.; MILLS, W. (Org.). Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974, p. 211-228.

ZWIERNIK, L. Um estudo sobre elementos matemáticos em contos de Malba Tahan. 2021. 84f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Instituto de Matemática e Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

DEVANEIOS DE UM LIVREIRO



Esta seção suplementar contém parte de uma produção textual, intitulada “Caminhos até a Biblioteca de Matemazônia: um prefácio de uma desventura acadêmica”, realizada na disciplina de Bases Epistemológicas das Ciências, cursada no Programa de Pós-graduação em Ciências e Matemáticas (PPGECM), em 2022. Constitui-se em um levantamento de artigos, entre outras comunicações, que realizam diálogos entre Matemática e Literatura.

Narrativamente, Nuvem Nahum está apresentando a algum outro visitante da Biblioteca de Matemazônia, as leituras de estudos primários indicadas por Homo. Leituras advindas de vários reinos.

Produções Sobre Leitura, Literatura e Educação Matemática em lugares jamais vistos de um lugar muito frequentado

As leituras identificadas no pergaminho estão organizadas em cinco estantes: Na estante do *Reino do Norte*, na província do Amazonas, das colônias de Manaus (Costa, 2013; Farias; Costa, 2020) e Parintins (Luz, 2017; Silva, 2019; Almeida, 2021; Souza, 2021); na província do Pará, das colônias de Belém (Colins; Machado Júnior; Gonçalves, 2016; Lacerda, 2017; Silva, 2018; Araújo; Borrvalho, 2019; Ribeiro et al., 2020) e de Breves (Rodrigues; Job, 2017).

Na estante do *Reino do Nordeste*, escritos provenientes da província do Ceará, da colônia de Fortaleza (Fagundes; Lúcio, 2018), da província de Sergipe, da colônia de São Cristovão (Matos, 2018) e da província de Pernambuco, colônia de Recife (Cidreira; Faustino, 2021); do *Reino do Centro-oeste*, temos obras da província de Mato Grosso, das colônias de Confressa (Costa; Silveira, 2016) e Cuiabá (Lacerda; Silveira, 2013; Santana, 2021).

Já na estante do *Reino do Sudeste*, possuímos manuscritos da província de Minas Gerais, mais especificamente da colônia de Belo Horizonte (Olivera; Silva-Forsberg, 2016) e Juiz de Fora (Pereira; Rodrigues, 2017; Botelho; Carneiro, 2018), da província de São Paulo, colônias de Campinas (D'Ambrosio, 2009; Montoito; Rios, 2019), Rio Claro (Montoito, 2019; Montoito; Minks, 2022), São Carlos (Fernandes, 2019) e São Paulo (Frota, 2011; Cunha; Montoito, 2020; Dalcin; Montoito, 2020; Montoito, 2020; Cunha; Montoito, 2021).

Do *Reino do Sul*, temos obras das províncias do Paraná, das colônias de Campo Mourão (Ferro; Arrais; Moraes, 2021), de Curitiba (Hoffman; Zonan, 2013; Noronha; Mendes; Noronha, 2013; Roedel, 2016; Manfredo et al., 2020); da província do Rio Grande do Sul, da colônia de Rio Grande (Alfamate Sul, 2020) e de Pelotas (Minks; Montoito, 2021); da província de Santa Catarina, da colônia de Florianópolis (Català; Henriques, 2018; Flores; Kerscher; Francisco, 2018; Lopes; Gondim, 2018; Maffei; Silva, 2018; Moraes, 2018; Rotondo; Dutra, 2018; Santos, 2018).

Podemos observar os manuscritos nas seguintes estantes: Reino do Norte, Reino do Nordeste, Reino do Centro-oeste, Reino do Sudeste e Reino do Sul.

Prateleira
do Reino
do Norte



<i>Ano</i>	<i>Autor</i>	<i>Título</i>	<i>Província e Colônia</i>
2013	Costa	A aprendizagem de conhecimentos matemáticos em uma perspectiva interdisciplinar no Projeto Observatório da Educação/Capes /UEA	AM, Manaus
2016	Colins, Machado Júnior e Gonçalves	Alfabetização matemática e literatura infantil: possibilidades para uma prática pedagógica integrada	PA, Belém
2017	Luz	Problemas matemáticos contextualizados: leitura e compreensão	AM, Parintins
2017	Lacerda	As práticas didático-pedagógicas no ensino e aprendizagem de conceitos matemáticos: horizontes reconstrutivos aos processos de formação, leitura e comunicação	PA, Belém
2017	Rodrigues e Job	Do cálculo à produção textual: o (des)envolvimento de discentes de matemática em uma oficina do projeto "S.O.S em língua portuguesa"	PA, Breves
2018	Silva	Literatura infantil e matemática: uma revisão bibliográfica	PA, Belém
2019	Silva	As bulas de medicamentos como contexto no ensino de regra de três simples	AM, Parintins
2019	Araújo e Borralho	Mapeamento e reflexões sobre pesquisas brasileiras com o tema comunicação matemática	PA, Belém
2020	Farias e Costa	O papel da linguagem matemática no processo ensino-aprendizagem da matemática	AM, Manaus
2020	Ribeiro <i>et al.</i>	Ensino de matemática e literatura infantil: uma proposta para aprendizagem de alunos do 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental	PA, Belém
2021	Almeida	Abordagem Literária no Ensino da Matemática: Uma breve análise sobre a obra de Malba Tahan "O homem que calculava" no Ensino Médio	AM, Parintins

Fonte: organizado pela Biblioteca de Matemazônia.



Prateleira do Reino do Nordeste

Ano	Autor	Título	Província e Colônia
2018	Fagundes e Lucio	Formação docente e leitura literária na Licenciatura Integrada da UFPA	CE, Fortaleza
2018	Matos	Desempenho em leitura e resolução de problemas matemáticos na Prova Brasil	SE, São Cristovam
2021	Cidreira e Faustino	Vamos além do "era uma vez": literatura infantil, matemática e questões étnico-raciais nos anos iniciais	PE, Recife

Fonte: organizado pela Biblioteca de Matemazônia.

Prateleira do Reino do Centro-Oeste



Ano	Autor	Título	Província e Colônia
2013	Lacerda e Silveira	Ler, escrever e comunicar em matemática: habilidades requeridas para interpretar e compreender o texto	MT, Cuiabá
2016	Costa e Silveira	Leitura, tradução e interpretação de textos matemáticos para alunos surdos.	MT, Confresa
2021	Santana	O ensino da matemática para crianças pequenas: reconhecendo a importância do lúdico e de um espaço matematizador	MT, Cuiabá

Fonte: organizado pela Biblioteca de Matemazônia.



Prateleira do
Reino do Sudeste

Ano	Autor	Título	Província e Colônia
2009	D'Ambrosio	Leitura, Escrita e Educação Matemática	SP, Campinas
2010	Campos e Montoito	O texto alternativo ao livro didático como proposta interdisciplinar do ensino de Ciências e Matemática	SP, São Paulo
2011	Frota	Leitura e escrita em Cálculo	SP, São Paulo
2012	Oliveira e Lopes	O ler e o escrever na construção do conhecimento matemático no ensino médio	SP, Rio Claro
2013	Souza e Oliveira	Aprendizagem da docência em grupo colaborativo: histórias infantis e matemática	SP, São Paulo
2015	Souza e Carneiro	Um ensaio teórico sobre literatura infantil e matemática: práticas de sala de aula	SP, São Paulo
2017	Pereira e Rodrigues	Leitura, Literatura e Matemática: uma perspectiva interdisciplinar por mais interseções e menos subtrações	MG, Juiz de Fora
2018	Assis e Pessoa	Os três porquinhos e o lobo mal: literatura infantil e o ensino de combinatória	RJ, Rio de Janeiro
2018	Botelho e Carneiro	Era uma vez... histórias infantis e matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental	MG, Juiz de Fora
2019	Montoito e Rios	Manchas de Tinta no Papel: a Literatura como Fonte Histórica	SP, Campinas
2019	Montoito	Entrelugares: pequeno inventário inventado sobre matemática e literatura	SP, Rio Claro
2019	Fernandes	Práticas de letramento de professores de matemática em Formação na Licenciatura em Educação do Campo	SP, São Carlos
2020	Oliveira e Silva-Forsberg	O uso de narrativas nas pesquisas em formação docente em educação em ciências e matemática	MG, Belo Horizonte
2020	Cunha e Montoito	Uma revisão sobre pesquisas brasileiras que investigam as inter-relações entre Literatura Infantil e Matemática	SP, São Paulo
2020	Dalcin e Montoito	Literatura e Matemática em Inter-relações Possíveis: análises, propostas e divagações	SP, São Paulo
2020	Montoito	Às Avessas: outros percursos para se pensar/ discutir as inter-relações entre matemática e literatura	SP, São Paulo
2020	Montoito e Cunha	Era uma vez, um, dois, três: estudos sobre como a literatura infantil pode auxiliar no ensino da construção do conceito de número	SP, São Paulo

2020	Weissheimer e Montoito	Literatura infantil e geometria: conexões possíveis mapeadas pelo estado do conhecimento	SP, São Paulo
2020	Arnold e Dalcin	Matemática e Literatura Infantil: um livro, um jogo e o desafio de “desenhar” o tempo	SP, São Paulo
2021	Cunha e Montoito	A construção do conceito de número através da Literatura Infantil, de acordo com as proposições da BNCC	SP, São Paulo
2022	Montoito e Minks	Três Viagens por Planolândia: estudos interdisciplinares	SP, Rio Claro
2022	Cunha e Montoito	A matemática dos contos de fadas: a construção do conceito de correspondência a partir da contação de histórias infantis	SP, Bauru
2022	Vieira e Menezes	Vamos ouvir uma história? Possibilidades metodológicas para o desenvolvimento do pensamento matemático na educação infantil	SP, São Paulo

Fonte: organizado pela Biblioteca de Matemazônia.

**Prateleira do
Reino do Sul**



Ano	Autor	Título	Província e Colônia
2010	Palhares e Azevedo	Uma proposta de integração entre a matemática e a literatura infantil em contexto de jardim de infância	SC, Florianópolis
2011	Fillos, Bonete e Caetano	A História da Matemática na educação básica: uma investigação com professores sobre o hábito da leitura	RS, Santa Maria
2013	Hoffman e Zonan	Resolução de Problemas: potencial para explorar leitura, escrita, oralidade e autoestima nas aulas de matemática	PR, Curitiba
2013	Noronha, Mendes e Noronha	Obras complementares: um elo entre a leitura e os conteúdos matemáticos	PR, Curitiba
2014	Souza e Oliveira	Aciepe Histórias Infantis e Matemática: uma instância formativa	RS, Porto Alegre
2016	Roedel	A importância da leitura e da literatura no ensino da matemática	PR, Curitiba
2018	Català e Henriques	A Geometria e o Assassinato no “Mathematics Express”	SC, Florianópolis
2018	Flores, Kerscher e Franciscp	Escritas em Passagens, Investigadores Infantes e Matemáticas Brincantes	SC, Florianópolis
2018	Lopes e Gondim	Ficção–Fricção: Operando Aberturas de Ar e Produzindo Educação Matemática de/na/com/para Educação do Campo	SC, Florianópolis
2018	Maffei e Silva	Encontros com a Matemática na Terra de Oz	SC, Florianópolis
2018	Morais	Forma, Literatura e Narrativa Ficcional na Busca por Comunicar: Possibilidades para as Pesquisas em Educação Matemática	SC, Florianópolis
2018	Rotondo e Dutra	No Desarranjo do Arranjo: Processos Formativos em Experimentação com Geometrias	SC, Florianópolis
2018	Santos	O Matemático e a Barata	SC, Florianópolis
2020	Manfredo <i>et al.</i>	Uma experiência de letramento matemático com gêneros textuais nos anos iniciais do Ensino Fundamental	PR, Curitiba
2020	Alfamate Sul	Anais do I Encontro de Alfabetização Matemática do Extremo Sul Gaúcho	RS, Rio Grande
2021	Ferro, Arrais e Moraes	Linguagem matemática e literatura infantil: em foco a organização do ensino	PR, Campo Mourão
2021	Minks e Montoito	Quatro vezes Planolândia: do estudo da obra à elaboração de sequências didáticas	RS, Pelotas

2021	Canto e Wanderer	Educação Matemática e Literatura: possibilidades de ressignificações	RS, Canoas
------	---------------------	---	------------

Fonte: organizado pela Biblioteca de Matemazônia.

Dentre os manuscritos, dos diferentes reinos, províncias e colônias, alguns tiveram maior destaque aos atuais interesses da Biblioteca, obras que contemplam os barulhos do ensinar e do aprender.

A autora Almeida (2021) apresenta em “*Abordagem Literária no Ensino da Matemática: uma breve análise sobre a obra de Malba Tahan, ‘O homem que calculava’ no Ensino Médio*” a literatura como um possível caminho para aproximar os alunos do universo da matemática, se utilizando de uma obra literária escrita por um dos maiores expoentes da Matemática Recreativa: Malba Tahan.

Segredo: há quem diga que Tahan nunca pisou em solo árabe.

Temos, também, nas prateleiras, “*Alfabetização matemática e literatura infantil: possibilidades para uma prática pedagógica integrada*”, de Colins, Machado Júnior e Gonçalves (2016). O trio de tecedores de narrativas acadêmicas discute sobre o ensino integrado da alfabetização matemática e alfabetização linguística. Inclusive, vieram emprestar dois de nossos livros para realizar este estudo manuscrito. Chegaram aqui, dizendo que iriam fazer (e, verdade seja dita, fizeram!) entrelaçamentos entre literatura infantil e o ensino de geometria por meio dos empréstimos de “Chapeuzinho Vermelho, uma aventura borbulhante” e “Eu, um quadrado?”.

Aliás, tenho dado falta destas obras, não me lembro se devolveram. Depois irei escrever uma carta endereçada a eles.

Além das obras já apresentadas, as discussões de “*Ensino de matemática e literatura infantil: uma proposta para aprendizagem de alunos do 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental*”, de Ribeiro *et al.* (2020), também tangenciam o diálogo entre matemática e literatura infantil, sendo essa última um “vetor estimulador para o processo de ensino-aprendizagem relacionados a números, problemas envolvendo as quatro operações, medidas de massa e o sistema monetário” (p. 1).

Destaca-se também os manuscritos de uma tal Alexandria¹²⁷, Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, que assume que “a ficção pode ser um processo de teorização na pesquisa em Educação Matemática. Ela [...] pode ser operada em tentativas de explorar outros espaços, sentidos e efeitos nos contextos da produção científica” (Santos; Pinto, 2018, p. 5). Nesse sentido, a revista valoriza produções que articulam a Educação Matemática com Literatura.

Temos também a Escola Montoitiana, sob direção de Montoito (2019, 2020) e suas colaborações com Rios (2019), Cunha (2020, 2021), Dalcin (2020) e Minks (2021, 2022) compõem trabalhos que discutem a literatura como mobilizadora de imaginação e cognição. Areladas ao ensino de matemática, a literatura potencializa oportunidades significativas para que o aprendizado se torne mais lúdico, crítico, criativo, inventivo. O grupo de teóricos discute e reflete, também, o impacto que obras literárias têm na

¹²⁷ A edição mencionada está disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/issue/view/2690>.

mobilização de conhecimentos matemáticos, assim como na própria linguagem natural e matemática. E, de quebra, passeiam por entre Planolândia e o País das Maravilhas.

De modo geral, são obras que respaldam a Biblioteca de Matemazônia em suas discussões, sobretudo, por tangenciarem o barulho que tanto gostamos de ouvir, o ranger do conhecimento, os gargalhos da criação, o multiplicar da imaginação, o ensinar e o aprender.

No momento, são os manuscritos indicados à leitura. Porém, desde já, um aviso que talvez ainda não tenha sido dado: pode ser que amanhã já não sejam o conhecimento desejado.



a porta range com a sua saída, com a certeza de um novo ranger daqui há algum tempo



Espero que tenha tido uma complexa e *incompleta* experiência na Biblioteca de Matemazônia. Esperamos escutar o seu ranger na porta em breve, para conversamos novamente sobre o nosso acervo, afinal, quem sabe o que acontecerá até lá?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. S. **Abordagem Literária no Ensino da Matemática**: uma breve análise sobre a obra de Malba Tahan 'O homem que calculava' no ensino médio. Orientador: Prof. Me. Gideão Teixeira Queiroz. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Centro de Estudos Superiores de Parintins, Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, AM, 2021.

CUNHA, A. V.; MONTOITO, R. A construção do conceito de número através da Literatura Infantil, de acordo com as proposições da BNCC. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 9, p. 1-13, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i9.18298>. Acesso em: jul. 2022.

CUNHA, A. V.; MONTOITO, R. Uma revisão sobre pesquisas brasileiras que investigam as inter-relações entre Literatura Infantil e Matemática. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. 1-26, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7496>. Acesso em: 26 jul. 2022.

DALCIN, A.; MONTOITO, R. Literatura e Matemática em Inter-relações Possíveis: análises, propostas e divagações. **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, v. 10, n. 2, p. 7-13, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37001/ripem.v10i2.2370>. Acesso em: jul. 2022.

MONTOITO, R. Às Avestas: outros percursos para se pensar/discutir as inter-relações entre matemática e literatura. **Revista Internacional De Pesquisa Em Educação Matemática**, v. 10, n. 2, p. 89-106, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37001/ripem.v10i2.2170>. Acesso em: jul. 2022.

MONTOITO, R. Entrelugares: pequeno inventário inventado sobre matemática e literatura. **Bolema: Boletim de Educação Matemática** [online], v. 33, n. 64, p. 892-915, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v33n64a22>. Acesso em: jul. 2022.

MONTOITO, R.; MINKS, R. Três Viagens por Planolândia: estudos interdisciplinares. **Bolema: Boletim de Educação Matemática** [online], v. 36, n. 72, P. 71-91, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v36n72a04>. Acesso em: jul. 2022.

RIBEIRO, F. S.; MACHADO JÚNIOR, A. G.; MATOS, M. D. G.; GUIMARÃES, W. T. Ensino de Matemática e Literatura Infantil: uma proposta para aprendizagem de alunos do 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. **REMAT**, São Paulo, SP, v. 17, 2020, p. 1-27. Disponível em: <http://doi.org/10.37001/remat25269062v17id402>. Acesso em: jul. 2022.

ROCHA, L. Bibliotecas e Silêncio. **Revista Biblio: cultura informacional**, [Rio de Janeiro], ano 3, n. 3, [online], 11 mar. 2013. ISSN 2238-3336. Disponível em: <https://biblioo.info/sobre-bibliotecas-e-silencio/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SANTOS, J. R. V.; PINTO, T. P. Apresentação: O Auto da Barca do Inferno (ou: um editorial pode ser ficcional?). **Revista Alexandria**, Florianópolis, SC, v. 11, n. 3, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1982-5153.2018v11n3p3>. Acesso em: jun. 2022.